



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGENS: CONTEXTOS LUSÓFONOS  
BRASIL-ÁFRICA - MEL/ MALÊS**

**KINDA RODRIGUES CONCEIÇÃO**

**FOLCLORIZAÇÃO:  
REFLETINDO LINGUAGEM, RACISMO E FOLCLORE A PARTIR DE  
IDENTIDADES E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS**

**São Francisco do Conde (BA)  
2024**

KINDA RODRIGUES CONCEIÇÃO

FOLCLORIZAÇÃO: REFLETINDO LINGUAGEM, RACISMO E FOLCLORE A PARTIR  
DAS IDENTIDADES E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, UNILAB – Campus dos Malês.

**Orientador(a):** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wânia Miranda

**Linha de Pesquisa:** Estudos linguísticos e suas Interfaces

SÃO FRANCISCO DO CONDE  
2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB - SIBIUNI  
Catalogação de Publicação na Fonte

---

Conceição, Kinda Rodrigues.

C744f Folclorização : refletindo linguagem, racismo e folclore a partir de identidades e culturas afro-brasileiras e indígenas / Kinda Rodrigues Conceição. – 2024.  
132 f. ; il. color.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens : Contextos Lusófonos Brasil-África) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.

Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wânia Miranda Araújo da Silva.

1. Estereótipos (Psicologia social). 2. Folclore. 3. Linguagem. 4. Cultura. 5. Identidade cultural. I. Título.

CDD 301.152

BA/UF/BSCM

---

Ficha catalográfica elaborada por Helka Sampaio Ramos – CRB 5 / 1432.

KINDA RODRIGUES CONCEIÇÃO

FOLCLORIZAÇÃO: REFLETINDO LINGUAGEM, RACISMO E FOLCLORE A PARTIR  
DAS IDENTIDADES E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens:  
Contextos Lusófonos Brasil-África (MEL MALÊS), como requisito para obtenção do título de  
Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovado em: 11/11/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof(a). Dr(a). WÂNIA MIRANDA**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof(a). Dr(a). SABRINA RODRIGUES GARCIA BALSALOBRE**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof(a). Dr(a). FERNANDA DE OLIVEIRA CERQUEIRA**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

*Dedico este trabalho à sua luta, filosofia e memória imaterial para a eternidade, seja na educação, cultura, arte e promoção da saúde integral de uma coletividade. Com muita amorosidade, reconstrução ancestral e educação popular.*

*(Pela desconstrução do racismo desde a infância)*

*VIVA O DESFOLCLORE!  
VIVA A BOIADA MULTICOR !  
VIVA UNIRAAM !*

*Para o mestre, meu pai e eterno professor.*

*Jorge Conceição (in memoriam)*

*A gente quer ser tratado pelos nossos nomes. Apelido só detona a gente. Só o nome diz o que a gente é. Eu ser Munduruku é diferente de ser índio. Índio é uma invenção total, é folclore puro. Agora, ser Munduruku, não. É ter toda uma série de saberes que me dá identidade. As escolas têm que começar a arrancar do seu calendário a comemoração do dia 19 de abril. O que faz uma escola comemorar o dia do Índio?*

*Daniel Munduruku*

## AGRADECIMENTOS

Pedindo agô à ancestralidade, agradeço a força vital, orixás, inquices e o divino. Axé e caminhos abertos. Adupé! Agradeço à força da criação, geração, de cuidado e amor em minha direção, à minha mãe e meu pai: Alcina Rodrigues (sem ela não seria possível esta obra) e Jorge Conceição (ao qual dedico este trabalho).

Aos meus irmãos consanguíneos: Luandê, Caena, Camila, Cauê, Dara, Dandara, da irmandade de 7 e que possamos nos unir e reconstruir a cada momento.

Minhas tias: Marlene, Durvalice, Inês, Ana, Ester. Minha mainha Veronica, Minha tia Cristina, Maura, Sandra, Mestra Brisa. Minha madrinha Verinha e Serginho. Meus tios: Francisco, Joel, Damásio e André; Ainda meus tios e tias: Lenice, Clélio, Élide, Vera, Marizete, aos primos e primas: Camila, Carol, Carine, Ed, Mateus, Danilo, Joele, Kevin, Keyla, Adriel, Juliana... os demais de toda extensão da família. São citações necessárias. Pois nos momentos de choro e riso foram quem me ergueram e me deram forças para seguir. Por todo incentivo, carinho e acolhimento. Sou grata à minha família, minha base, que em todos os momentos da minha vida estiveram presentes, com suas orações e orientações, por toda minha base, zelo e força. Minha avó, dona Durvalina que tanto cuidou da família e em tantos sonhos veio para minha proteção, meu avô Alberto, pelas histórias nas poucas vezes que nos víamos e os risos.

Agradeço ao babalorixá Rafael e a yalorixá Jaciara e yalorixá Maria por todos os cuidados. À família UNIRAAM que não seria possível realizar cada projeto, iniciativa sem vocês, por esses 20 anos da A BOIADA MULTICOR e últimos anos para a constuição de um legado antirracista e antifolclorizador com crianças e adolescentes: Mirian, Meire, Silvia, Kaio, Jansen, Miguel, Fernanda. Jeferson, Senzala, Roque, Rose, Simon, Mestre Jairo, Felipe, Vitor, Freitas, Leo, Paulo Pilha, entre outros. As crianças Luanda, João Vítor, Kianga, Maíra, Maria Júlia, Iasmin, e tantas outras.

Ao mestre Antonio Olavo, referência da memória negra na Bahia, todos os conselhos, incentivo a estar no mestrado. Agradeço imensamente! A sua companheira Luciene e também filha Mariana. À Portfolium (e toda rede, Josias, Thiago, Raimundo, Bujão) ao qual tive a honra de integrar, Às minhas irmãs da MIMB e de vida: Julia, Tais e Daiane. À minha irmã da vida Érica e meu irmão Filipe, meus amigos Rodney e Bruno. À minha amiga e também historiadora: Deise. Meu querido amigo Mayowa, a todos vocês agradeço pelas palavras de incentivo e apoio. Agradeço ao professor Mohamed Bamba por seu legado e por pensar o cinema mundial numa perspectiva decolonial.

Agradeço aos coletivos e movimentos em prol de políticas públicas na cultura como a Frente Marginal de Arte Negra: Urânia, Letieres, Márcia, Fabrício, Edvana, Val, Luciana, Lazzo, Ismael, Ailton, Day e tantos outros. À promotora de justiça do MP-BA Dr<sup>a</sup> Livia Sant'Anna Vaz.

Aos coletivos e projetos preparatórios para a pós-graduação, que foram espaços de amadurecimento e incentivo em meio a processos seletivos, Dr<sup>a</sup> Caroline Pinho, Rede Ojá Epistemologias Negras, Dr<sup>a</sup> Bárbara Carine, Formação para Elaboração de Projetos Acadêmicos, Dr<sup>a</sup> Ceres Santos e Dr<sup>a</sup> Márcia Guena, do grupo de pesquisa Recados.

Agradeço ao Projeto Empodera Pós da Universidade Federal de São Carlos (NEAB - UFSCar). Agradeço por participar da obra: Pluralidade Étnico - Racial e Currículo Emancipatório: pesquisas, experiências e ações educativas pensando o chão da escola , através da ABPN E COPENE e o IFSertãoPE, às professoras organizadoras Dr<sup>a</sup> Elizabeth de Jesus da Silva; Dr<sup>a</sup> Juliana das Graças Gonçalves Gualberto, Dr<sup>a</sup> Rosa Margarida de Carvalho e Dr<sup>a</sup> Nilma Gomes.

Ao projeto e toda rede e família Negritude PhD que fortalece a inserção de pessoas negras na pós-graduação, Dr<sup>a</sup> Nicea Amauro (In memorian) que com seu legado tanto inspirou um coletivo, a querida Camila Almeida, professor Jeffrey Marley, apoio fundamental Dr<sup>a</sup> Aghata Oliveira (mentora), Dr. Marcelo Domingos (mentor) e Dr<sup>a</sup> Daniela Gomes (mentora). À Dr<sup>a</sup> Elizabeth Hordge-Freeman, por todas suas obras, falas enquanto referência acadêmica.

Aos 164 colégios estaduais da Bahia em Salvador pelos quais eu tive a honra de dialogar através do projeto Força Jovem; Agradecimento ao Colégio Estadual Ypiranga, agradecendo aos professores Zulmiro, Juliana e João e professora Rosa. Agradeço as crianças e famílias do Pelourinho em Salvador -BA, a Escola Municipal João Lino em diálogo com as professoras Patrícia Figueiredo e Rita de Cássia. Agradeço às mulheres e lideranças das comunidades de Castainho - PE e Ilha de Maré / Bananeiras - BA, em especial Dona Neta e Nega.

Às minhas parceiras nessa jornada: Veronice, Vivian e Priscila, sem essa rede de apoio não sei o que seria. Um aquilombamento necessário. Sou grata!

À minha psicóloga Lara, por todo momento dialogar a importância do cuidado com a saúde mental, do acolhimento e também com as emoções, sentimentos.

Aos colegas da UNILAB: Francisco, Cristiano, Esmeralda, Caroline, Erlon, Dani, Diane, Elaine, Laila, Andrea, Lenira, José Filipe, e tantos aqui da comunidade UNILAB, nos corredores, nos incentivamos e apoiamos. À toda minha turma de mestrado, sendo a primeira turma do programa, que enfrentou tantos desafios, batalhas, negações e reivindicações para abrir caminhos para outras turmas. A turma em sua maioria formada por pretos e pretas, profissionais e acadêmicos incríveis. Obrigada por todos os momentos. As professoras e professores que sempre tiveram palavras de incentivo e acolhimento: Dr<sup>a</sup> Mirian Reis, Dr<sup>a</sup>. Carla Veronica Almeida, Dr<sup>a</sup> Shirley Freitas, Dr. Igor Ximenes, Dr. Ismael Tcham e ao corpo docente do Campus dos Malês como um todo.

À minha professora Dr<sup>a</sup>. Wânia Miranda, minha orientadora, que desde o início dessa nova jornada abraçou a ideia, com seus conhecimentos, orientações, textos, conversas, possibilidades, direcionamentos, todo acolhimento e sensibilidade nessa complexa jornada acadêmica. À banca avaliadora composta por professores que admiro o trabalho: Dr. Eduardo Santos, Dr<sup>a</sup> Claudilene da Silva, Dr<sup>a</sup> Sabrina Balsalobre e Dr<sup>a</sup> Fernanda Cerqueira suas metodologias e contribuições. Por fim, agradeço a cada pensador/a, militante, educador/a, filósofo/a, anciã/o, todas as referências aqui citadas e suas epistemes negras e indígenas para a formação de uma sociedade em constante desconstrução tanto do racismo quanto da folclorização. Agradeço ao universo!

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar, enquanto foco principal, o conceito de folclorização e suas tipificações através da estudo a partir de transcrições de conteúdos audiovisuais presentes nas redes sociais (instagram, facebook e youtube) com depoimentos de pesquisadores e ativistas negros e indígenas: Sonia Guajajara, Vanda Witoto, Ailton Krenak, Bárbara Carine, Kananda Eller, Genilson Taquari Pataxó, Geni Núñez, Ana Maria Gonçalves e Lélia Gonzalez. Na pesquisa são considerados os aspectos da língua, linguagem e racismo através do extermínio de línguas, imposição linguística e hierarquias, relações de poder através da língua e do processo de colonização e folclorização, o linguicídio Gonzalez (1986), a partir do epistemicídio e linguicídio Carneiro (2023). Nesta análise, o racismo linguístico Nascimento (2019) traz uma perspectiva da racialização da língua e seus aspectos de hierarquias sociais. O presente trabalho descreve os corpos-territórios Krenak (2019), através das concepções e construções sobre culturas e identidades plurais, as categorias de diferenciação “Outros” Kilomba (2019), assim como a deformação da cultura Santos (2000) e genocídio cultural Nascimento (1978), ocasionados pelo racismo e que expressam o fenômeno da folclorização do ser negro e do ser indígena. Os critérios de análise levam em consideração o folclore, lendas, mitos e apropriação por meio de estudos científicos sobre o folclore, as conceituações e as contextualizações de folcloristas (Thoms (1846), Cascudo (1954), Andrade (2019) e ainda questionamentos tais como: o folclore tem cor? (racialização no folclore) para compreender o que são mitos, lendas, narrativas exotificadas e como a apropriação e aculturação transformam símbolos de resistência cultural e conhecimentos ancestrais em representações carregadas de estereótipos, criação de arquétipos e alegorias é preciso analisar o processo sócio-histórico-cultural de folclorização dos saberes e histórias de várias comunidades. A metodologia desta dissertação é descritiva e exploratória, com uma abordagem qualitativa. A pesquisa é de caráter documental uma vez que tem como objetivo analisar materiais filmicos que abordam os conceitos em questão. Por meio de uma investigação bibliográfica busca-se evidenciar a interdisciplinaridade na folclorização.

Palavras chave: Folclorização; Estereótipos; Folclore; Linguagem; Cultura; Identidade Cultural;

## ABSTRACT

The main of this work is to analyze the concept of folklorization and its typifications through the study of transcriptions of audiovisual content present on social media (Instagram, Facebook and YouTube) with testimonies from black and indigenous researchers and activists: Sonia Guajajara, Vanda Witoto, Ailton Krenak, Bárbara Carine, Kananda Eller, Genilson Taquari Pataxó, Geni Núñez, Ana Maria Gonçalves and Lélia Gonzalez. The research considers the aspects of language and racism through the extermination of languages, linguistic imposition and hierarchies, power relations through language and the colonization process and folklorization, the linguicide Gonzalez (1986), based on the epistemicide and linguicide Carneiro (2023). In this analysis, linguistic racism Nascimento (2019) brings a perspective the language racialization and its aspects of social hierarchies. This work describes the bodies-territories Krenak (2019), through the conceptions and constructions of plural cultures and identities, the categories of differentiation “Others” Kilomba (2019), as well as the deformation of the culture Santos (2000) and cultural genocide Nascimento (1978) caused by racism which express the phenomenon of the folklorization of the black being and the indigenous people. The analysis criteria take into account concepts as folklore, legends, myths and appropriation the conceptualizations and contextualizations of folklorists (Thoms (1846), Cascudo (1954), Andrade (2019) and also questions such as: does folklore have color? (racialization in folklore) to understand what myths, legends, exotified narratives are and how the appropriation and acculturation transform symbols of cultural resistance and ancestral knowledge in representations loaded with stereotypes, creation of archetypes and allegories it is necessary to analyze the socio-historical-cultural process of folklorization of the knowledge and stories of various communities. The research methodology is descriptive and exploratory, with a qualitative approach. The research is documentary in nature since it aims to analyze film materials that address the concepts in question. Through bibliographical research, the aim is to highlight the interdisciplinarity in folklorization.

Keywords: Folklorization; Stereotypes; Folklore; Language; Culture; Cultural Identity;

## SUMÁRIO

	Páginas
INTRODUÇÃO .....	12
1. METODOLOGIA .....	18
1.1 Percurso Metodológico .....	18
1.2 Delimitação do <i>Corpus</i> .....	21
1.3 Descrição do <i>Corpus</i> .....	24
1.4 Folclorização .....	28
2. CULTURA, IDENTIDADE, RAÇA E ETNIA.....	34
2.1 Cultura e Identidade.....	34
2.3 Corpo-Território.....	43
2.4 Arquétipos Identitários de pessoas indígenas e negras .....	51
3. FOLCLORE, LENDAS, MITOS E NARRATIVAS EXÓTICAS.....	59
3.1 Fundamentos do termo Folk-lore e Folclore Brasileiro.....	59
3.2 O Folclore tem cor? Raça e Etnia na Construção Folclórica .....	67
3.3 Mitos, lendas e narrativas exóticas.....	77
4. LÍNGUA, LINGUAGEM E RACISMO .....	87
4.1 Linguagem, Racismo e Poder.....	87
4.2 Epistemicídio e Linguicídio .....	94
4.3 Racismo Linguístico .....	100
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	107
REFERÊNCIAS .....	113
ANEXOS .....	123

## INTRODUÇÃO

Quando relatamos e refletimos sobre as experiências de racismo ou racialização nos diversos espaços de interação entre indivíduos, nos deparamos com processos de categorização de identidades, ou melhor, hierarquização de corpos. Creio que se perguntarmos a pessoas negras ou indígenas sobre as experiências dentro do espaço escolar, de trabalho, terreiro, igreja, aldeia, quilombo, intrafamiliar e demais espaços de socialização, iremos nos deparar com diversos relatos sobre tentativas de silenciamento, violências, isolamento, apagamento, estereotipificação e demais consequências resultantes do próprio fenômeno que o racismo estrutural impera.

Neste ponto, me incluo através das minhas vivências na infância, na qual me “tornei negra” (Neusa Santos Souza) durante um confronto com colegas da escola ao ver que minha avó (branca) foi me buscar após o término das aulas, com a pergunta: ela é mesmo sua avó? Sua vó é branca e você é preta! Esse questionamento de um racismo altamente requintado para crianças de 6 e 7 anos em uma escola pública de Salvador, Bahia, Brasil, território mais negro fora da África, reflete várias camadas, como, por exemplo a problemática de ser negro ou negra e o processo de inferiorização, oriundos inicialmente ali por um racismo recreativo imposto, construído a partir de histórias e narrativas distorcidas perversas de negros e indígenas que eram representados em alegorias como escravos ou preguiçosos nos livros didáticos. Logo, ser preta (em comparação a ser branco num imaginário racista), ali naquele contexto escolar ou em qualquer outro espaço, estes que são racializados, acaba sendo sinônimo de algo ruim.

Movimentamos para nos afirmar a partir dos grupos identitários e étnicos, frequentemente apagados devido ao racismo, às perseguições e à ausência de registros históricos que reconstruam a memória dos nossos antepassados. Porém, utilizando evidências existentes nas transmissões de saberes e manifestações culturais, re-visitamos nossas línguas, sejam elas africanas, indígenas ou o próprio português oficial com essas matrizes, compreendendo o impacto que o genocídio provocou. Somos descendentes de guerreiros, líderes e sábios que, através da língua e transmissão de estórias e da nossas histórias coletivas, constituíram corpos, territórios e memórias além mar no Atlântico Negro, e um Brasil Território Indígena.

A motivação para esta pesquisa sobre o tema central folclorização se deu, em primeiro momento, pela necessidade e curiosidade de encontrar referências acadêmicas

sobre o conceito alinhado com a Linguística, correlações que abarcam tantos outros conceitos que evidenciam lacunas históricas de abordagem, principalmente sobre o racismo científico. Devo dizer que surge também de inquietações advindas dos mais de 14 anos enquanto fazedora e produtora cultural, de participação em movimentos de educação popular e de culturas periféricas, através da experiência visceral de estar desde 2017 no grupo de *Manifestação Cultural tradicional do Pelourinho*, Salvador – BA; *A Boiada Multicor*, grupo de teatro de rua e contação de histórias, inspirados na filosofia Uniraam e no mestre da cultura popular Jorge Conceição (1952 - 2017), ele que vivenciou práticas populares durante mais de 40 anos em que no exercício cotidiano da re-contação de histórias propôs a descolonização do Folclore (Desfolclore). Nesta trajetória, destaco minha experiência na produção audiovisual e do cinema nos últimos 12 anos e principalmente a participação, desde 2018, no *Festival de Cinema Internacional MIMB - Mostra Itinerante de Cinemas Negros Mahomed Bamba*, projeto no qual foi possível refletir novos imaginários na produção do cinema e audiovisual.

Minha trajetória enquanto acadêmica se dá no período de 2014 após adentrar na Universidade Federal da Bahia – UFBA, na Graduação no Bacharelado em Artes com ênfase em Cinema e Audiovisual, pelo sistema de Cotas (Ações Afirmativas). Em 2021/2022 fui aprovada em dois processos seletivos PÓS-CULTURA/UFBA e MEL/MALÊS, optando por permanecer no curso de pós-graduação no mestrado *stricto sensu* do Programa de Linguagens e acessando a segunda graduação no curso de Licenciatura em História, ambos na UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, campus São Francisco do Conde -BA.

Durante o percurso ocorreu uma importante mudança de temática, a abordagem era sobre: *Cinema, Audiovisual e Cineclubismo enquanto Material Didático - Pedagógico e suas contribuições no espaço escolar*. Contudo a temática foi alterada para o foco atual: *Folclorização, Linguagem, Racismo e Folclore nas relações raciais*, escolha motivada a partir das inúmeras discussões e reflexões em sala de aula sobre identidade, cultura, língua, linguagens, tópicos relacionados aos componentes das linhas de pesquisa do curso: *Estudos linguísticos e suas Interfaces; Estudos literários e suas Interfaces; e Estudos das linguagens em contextos educacionais*.

O presente trabalho nos permite referenciar as representações das manifestações e culturas negras e indígenas no entorno da socialização, estas que estão impregnadas

do fenômeno da Folclorização, seja ela cultural e/ou linguística. Nas reflexões sobre o conceito de cultura, as primeiras associações possíveis, tanto na Academia quanto no senso comum, são no sentido do que é um ser “culto” e/ou “quem possui conhecimentos/educação”, tradução de visão de hierarquização de culturas, e, aqui neste ponto de reflexão, cabe a noção de cultura enquanto multifacetada, “Culturas” no plural, que transcendem qualquer paradigma.

Os questionamentos de pesquisa aqui citados se embasam a partir das culturas identitárias (culturas numa perspectiva étnica e racial) a serem estudadas, alinhadas a narrativas antirracistas no contexto cotidiano do racismo linguístico. A proposta é abordar através de pesquisa bibliográfica da relação entre língua, linguagem, racismo e folclorização e como culturas não-brancas e as relações étnico-raciais auxiliam a refletir “quem está autorizada/o a pesquisar, pensar a cultura, ou ainda, considerado um ser que possui cultura” no âmbito acadêmico, desconstruindo esse pensamento a partir das epistemologias estudadas de formas não-hegemônicas, quem é falada/o, citado, esta a partir de uma pesquisa-olhar não estereotipado, detentoras/es de fala ativa ou estar no lugar enquanto sujeitas/os-pesquisadoras/es da sua própria história, enquanto seres pensantes, atuantes, agentes numa perspectiva não folclorizada.

Portanto, o trabalho visa realizar uma pesquisa científica de forma sistemática, utilizando enquanto procedimento metodológico inicial, a observação a partir de estudos sobre as relações entre língua, cultura, folclorização e racismo linguístico, neste âmbito a proposta será entender como os conceitos se inter-relacionam através de uma pesquisa bibliográfica com levantamento teórico, seguida por uma pesquisa de caráter documental com análise de conteúdo audiovisual, esta que possa traduzir como as línguas são influenciadas pelos processos sócio-históricos da colonização e seus efeitos e como promover uma reflexão de descolonização das culturas ligadas a povos originários afro-brasileiros e indígenas.

A intenção é reunir as experiências sob o olhar nas ditas culturas populares, negras e indígenas e suas representações identitárias sob a ótica do conceito central de folclorização: arquétipos, estereótipos, mitos, lendas, reflexões aliadas aos conceitos sobre linguagem, língua, descolonização e racismo. Por fim, esta investigação visa lançar um olhar aos estudos sobre folclorização, a partir das intervenções lógicas de hierarquias de identidades; hierarquias de culturas, a partir de uma compreensão

antirracista e descolonizadora das formas de resistência e das nuances dessas relações de poder.

Dessa forma, nos remetemos à localização através de marcadores como: cultura, identidade, ancestralidades e antirracismos para compreender a importância de movimentos identitários enquanto letramentos ancestrais de resistências múltiplas. Os corpos-territórios, em seus movimentos identitários revolucionários antirracistas, evidenciam, nos seus legados, letramentos ancestrais, códigos e estratégias de resistência.

O trabalho nos permite referenciar nas representações das tanto no aspecto cultural e identitário, quanto nas manifestações e saberes de comunidades negras e indígenas (no popular chamado folclore), entre os aspectos que envolve a linguagem e relações de poder. no entorno de socialização, este que está impregnado do fenômeno da Folclorização, seja ela cultural, identitária e/ou linguística.

Os questionamentos de pesquisa aqui citados se embasam a partir das epistemologias indígenas, africanas e afrobrasileiras a serem estudadas, alinhadas a narrativas antirracistas. A proposta é abordar epistemologias que são estudadas de formas não-hegemônicas, quem é falada/o, citado, estas/es, na maioria das vezes, em função de subordinada/o a aquela pesquisa-olhar-estereótipo, sendo explorada/o a sua imagem e história, não cabendo ao “objeto de pesquisa” questionar estes lugares pintados como passivos ou que apenas produzem essas culturas, não detentoras/es de fala ativa ou estar no lugar enquanto sujeitas/os pesquisadoras/es da sua própria história, enquanto seres pensantes, atuantes, agentes numa perspectiva não folclorizada.

A primeira seção se debruça sobre a metodologia adotada para a escolha do tema, enquanto uma pesquisa bibliográfica e de caráter documental (análise do conteúdo de obras filmicas) assim como a coleta e análise dos dados (vídeos de redes sociais), além das bases teóricas que detalham o tipo de pesquisa, os métodos e as técnicas aplicadas ao desenvolvimento desta dissertação. A metodologia está estruturada em quatro etapas principais: revisão bibliográfica e estudo documental, coleta de dados, análise dos resultados e conceituação da linha teórica pretendida para a abordagem do conceito de folclorização. De acordo com as contribuições de diversos autores, como Garcia (2010), Costa (2022), Castelo-Branco e Freitas Branco (2003), Leite (1999), Baibich-Faria e Santana (2010) e Nascimento (2017), são definidos os percursos

metodológicos e o conceito de folclorização que será incorporado na pesquisa, proporcionando embasamento teórico para a análise proposta.

A segunda seção, a investigação se debruça sobre os estudos culturais, a partir de perspectivas transdisciplinares sobre cultura, identidade e folclorização, são associados pensamentos de abordagem teórica decolonial, com as relações entre corpos-culturais e construções imagéticas de identidades negras e indígenas. Nesta seção são discutidos conceitos fundamentais, como o de identidade e a categoria "outros", apresentados por Kilomba (2019), a definição de cultura por Santos (2000), cultura e identidade por Hall (2006), o significado ampliado de corpo-território abordado por Miranda (2020), além dos arquétipos associados às nomenclaturas "negro" e "índio" segundo Nego Bispo (2015) e, por fim, a proposta de Deseducação elaborada por Baniwa (2012). Nesta etapa da pesquisa, busca-se explicar o conceito de cultura e identidade no campo de resistência das manifestações populares e também a análise das conexões com relações de poder, explicando assim os processos históricos e o genocídio cultural. A seção apresenta a transcrição dos depoimentos em vídeo de Sonia Guajajara, Vanda Witoto e Ailton Krenak servem como base para as reflexões.

A terceira seção examina fontes que discutem conceitos como o folclore, com foco no folclore brasileiro e sua conexão com o processo de folclorização dos saberes populares. Questões como "O que é Folclore?" e "O Folclore tem cor?" são levantadas, explorando suas inter-relações com os estudos sobre folclorização e apropriação cultural. Nesta seção, os vídeos de Bárbara Carine, Kananda Eller e Genilson Taquari Pataxó são analisados. São apresentados conceitos associados aos estudos das relações raciais e conhecimentos científicos relacionados ao folclore, neste caso como podemos refletir a raça a partir do folclore e o folclore. Na seção, as etapas da análise iniciaram com a carta de Thoms (1846), utilizada enquanto ponto de partida para a fundamentação do termo *folk-lore*. Em seguida, foram consultadas definições de termos como "mito" e "lenda" no *Dicionário do Folclore Brasileiro* de Cascudo (1954), além de reflexões trazidas por Andrade (2019) sobre "A Superstição de Cor". Fanon (2008) foi incorporado para abordar as lendas sob o viés da colonização, enquanto Abdias Nascimento (1978) contribuiu para a crítica ao mito da democracia racial, complementada pela reflexão de Souza (2021) sobre o mito da superpotência racial.

A quarta seção tem como objetivo examinar uma literatura que realize o entrecruzamento entre os conceitos de língua, linguagem e racismo. A análise será realizada por meio de termos que auxiliam na compreensão da imposição cultural e relações de poder, além de explorar as conexões entre folclorização e língua, entre outros marcos teóricos e históricos que relacionam linguagem e racismo. A análise da literatura baseia-se nos estudos sobre linguagem e relações etnicorraciais, abordando a reflexão sobre o racismo no campo da linguagem, bem como questões relacionadas à folclorização e à língua. Além disso, são considerados os estudos sobre racismo linguístico, epistemicídio e linguicídio. Nesta seção, os conteúdos dos vídeos de Geni Núñez, Ana Maria Gonçalves e Lélia Gonzalez são destacados e relacionados.

Nesta seção, os conceitos apresentados se complementam, Carneiro (2023) discute o conceito de epistemicídio que se conecta ao de linguicídio, abordado por Evaristo (2021). Potiguara (2024) traz dados contundentes sobre o genocídio indígena, tema que dialoga diretamente com Epalanga (2023) que vai evidenciar a relação entre língua, colonização e os efeitos nos modos de comportamento. Nascimento (2019) apresenta sua análise sobre a apropriação cultural, este último autor, em conjunto com Gonzalez, vai destacar o conceito de racismo linguístico. A autora Gonzalez também contribui em demais reflexões ao tratar do “folclorizar” através das figuras simbólicas: a doméstica, a mulata e a mãe preta.

## **1. METODOLOGIA**

Nesta seção, serão apresentados os caminhos metodológicos para a abordagem do tema, além das fundamentações teóricas que descrevem o tipo de pesquisa, os métodos e as técnicas aplicadas para o desdobramento desta dissertação. Essa metodologia está organizada nas seguintes etapas: revisão bibliográfica, coleta de dados, análise dos resultados e a explicitação do conceito adotado de folclorização, como o fenômeno é diferenciado e representado na pesquisa.

### **1.1 Percurso Metodológico**

A metodologia deste trabalho de dissertação segue uma linha de abordagem qualitativa:

Um fundamento teórico da pesquisa do tipo qualitativa é a fenomenologia, que busca compreender o significado que os acontecimentos têm para pessoas comuns, em situações particulares, enfatizando-se a importância da interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo. (JARDIM; PEREIRA, 2009, p.03)

Como afirma Pereira (2009), a pesquisa qualitativa possui como caráter a compreensão das relações sociais, das interações culturais e dos estudos dos fenômenos dessas conexões, assim justifica-se essa pesquisa ser de cunho qualitativo, a fim de investigar a folclorização e suas tipificações. Em vista disso, é fundamental discutir e aprofundar a exploração desse fenômeno para que possamos entender melhor sua complexidade. Desta forma, durante o percurso metodológico a escolha se deu por uma abordagem de método fenomenológico:

Preconizado por Husserl, o método fenomenológico não é dedutivo nem indutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Então, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 1992). Empregado em pesquisa qualitativa. ( DA SILVA; MENEZES, 2005, p. 27)

Além disso, a pesquisa bibliográfica trata do que se caracteriza o folclore: as culturas e identidades relacionadas, a língua, a linguagem e suas relações de poder, além das interações entre o racismo e a folclorização em suas diferentes dimensões. A

pesquisa bibliográfica é uma etapa crucial para iniciar, desenvolver ou concluir teorias sobre uma temática específica. Conforme Severino (2007):

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Dentro da Academia, a pesquisa bibliográfica serve como um pilar fundamental para a construção de discussões, concordâncias e discordâncias científicas, que podem influenciar a disseminação de conhecimento e a dinâmica dos espaços de poder. Sob essa perspectiva, a escolha desse formato de pesquisa foi essencial para diagnosticar as formas e os estudos já publicados, com o objetivo de compreender o conceito de folclorização e explorar as abordagens interdisciplinares possíveis, levando em consideração as variações do fenômeno. Logo a pesquisa se caracteriza de natureza descritiva (com intuito de descrever os aspectos de uma determinada realidade) e exploratória (tem como foco examinar o fenômeno da folclorização, ainda pouco estudado), baseado em Lehnhart e Tagliapietra (2023):

Inicialmente, o pesquisador precisa definir qual a caracterização de sua pesquisa. Para tanto, faz-se necessário observar o tipo de pesquisa a ser empreendido, tendo como base os objetivos do estudo, podendo ser classificada como descritiva, se tiver o intuito de descrever determinada realidade exploratória, caso o objetivo tenha como foco examinar um fenômeno ainda pouco pesquisado, ou explicativa, cuja finalidade é relacionar um efeito a partir de determinada ação ou causa. (LEHNHART; TAGLIAPIETRA, 2023, P. 43)

O objetivo principal deste trabalho foi realizar um levantamento a partir de fontes empíricas para explorar ideias e pensamentos relacionados aos conceitos de *folclorização* e identificação, e análise de diferentes formas ou manifestações desses conceitos em vários contextos culturais, a partir de perspectivas linguísticas, identitárias e de saberes populares.

O conhecimento empírico é também chamado de conhecimento prático, popular, vulgar ou de senso comum. É o conhecimento obtido pelo acaso, pelas diversas tentativas de acertos e erros, independentemente de estudos, de pesquisas ou de aplicações de métodos. É o estágio mais elementar do conhecimento, baseado em observações sobre a vida diária, fundamentado em experiências vivenciadas e transmitidas de pessoa para pessoa. É um saber subjetivo, construído com base em experiências subjetivas. Um exemplo bem simples é o conhecimento sobre o uso de plantas na cura de

determinadas doenças, adquirido pela experiência, transmitido de geração para geração pela educação e imitação. (ZANELLA, 2011, p. 14)

Conforme afirma Zanella (2011), o conhecimento empírico está alinhado à proposta do trabalho de pesquisa, pois ele se baseia no conhecimento prático, popular. A própria temática do fenômeno de *folclorização* se alinha ao senso comum em determinados momentos, com uma pesquisa teórico-empírica que busca, através das relações raciais e sociais, teorizar sobre o fenômeno.

Para conduzir essa análise, a pesquisa utiliza estudos e pensadores alinhados aos Estudos da Linguagem, à Abordagem Teórica Decolonial, às Teorias Pós-coloniais e aos Estudos Culturais, assim como conhecimentos científicos relacionados ao Folclore. Para os autores Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A literatura utilizada, voltada para a problematização do Folclore, foi selecionada a partir de uma pesquisa bibliográfica abrangente, incluindo livros, artigos, periódicos e sites, com o objetivo de identificar as abordagens teóricas mais adequadas. As relações entre *cultura*, *identidade* e *folclorização* foram exploradas a partir da coleta de dados em artigos, se concentrando em fontes como os livros e vídeos. No que se refere ao procedimento metodológico bibliográfico desta pesquisa, foi realizada uma busca em periódicos científicos, com ênfase em artigos que tratam das temáticas de folclorização e linguagem. A estrutura da pesquisa visa integrar a análise da literatura, dos vídeos sintetizados e explorados neste estudo. Toda a pesquisa bibliográfica está diretamente relacionada aos materiais coletados para a base de análise, que, no caso da presente pesquisa, incluem vídeos educativos voltados para as relações étnico-raciais.

Numa etapa inicial da pesquisa, a escolha das abordagens da temática central na linguagem de corpos-territórios falantes de português brasileiro, com matrizes linguísticas indígenas e negras, foi feita com o objetivo de explorar como essas influências contribuem para a construção de manifestações culturais e corpos-territórios (o conceito será apresentado na seção seguinte). Em uma abordagem subsequente, o foco foi direcionado para o folclore, considerando a oralidade, as lendas, os mitos e outras personificações das culturas populares negras e indígenas, assim como as narrativas antirracistas, visando compreender o racismo presente no folclore brasileiro.

Finalmente, a escolha temática central da folclorização, resultante do entrecruzamento e reflexão sobre linguagem, racismo e folclore, foi fundamental para desenvolver uma perspectiva interdisciplinar. Essa escolha permitiu a adoção de um percurso metodológico que mobilizasse uma linha teórica capaz de refletir sobre os impactos do racismo e sua manifestação no fenômeno da folclorização identitária, linguística e dos saberes populares.

## **1.2 Delimitação do *Corpus***

A respeito da amostra da pesquisa, temos a seleção e a discussão de documentos em formato audiovisual, tais como vídeos documentários postados em redes sociais em diálogo com a literatura, com foco na folclorização. A escolha dos vídeos se deu com foco na investigação da folclorização e suas nuances, considerando leis, cartas, vídeos que podem traduzir o racismo linguístico, identitário e cultural, nos vídeos esses temas são tratados sob um olhar crítico-reflexivo. A coleta foi de nove vídeos educacionais em redes sociais.

A pesquisa e análise documental se caracteriza por:

A Análise documental tem como fonte, e objeto de estudo, a investigação dos documentos. Até o século XIX o conceito de documentos se restringia aos que fossem escritos e oficiais, mas, com a evolução da História e da disciplina, o conceito de documentos ultrapassou a ideia de textos escritos e/ou impressos, passando a abordar outras fontes tais como filmes, vídeos, fotografias, entre outros, constituindo -se em uma fonte preciosa para todo pesquisador. (ALVES; SARAMAGO; VALENTE; SOUZA, 2021, p. 53).

Durante a pesquisa, foi levantado um acervo de materiais audiovisuais, vídeos com depoimentos já realizados e compartilhados em redes sociais (instagram, youtube, facebook), incluindo entrevistas com pesquisadores, ativistas, escritores e filósofos negros e indígenas.

Os vídeos foram encontrados nas redes sociais (*instagram, youtube e facebook*) por meio de ferramentas de busca e pesquisa utilizando palavras-chave. Além disso, alguns dos autores dos vídeos são citados como referências também na bibliografia escrita. Os critérios para a seleção dos vídeos foram discutir sobre: decolonialidade, folclore, identidade, cultura, linguagem e racismo e afins. Todos os vídeos passaram por um processo de transcrição das falas utilizando *softwares* de transcrição *on-line* (serão descritos mais à frente nesta mesma seção), o que permitiu uma análise qualitativa. É

importante destacar que a transcrição das entrevistas coletadas nos vídeos não foi feita integralmente, mas sim de forma parcial, focando apenas no trecho selecionado para análise. O objetivo é observar, a partir das falas dos/das entrevistados/as, até que ponto há uma reflexão sobre os aspectos da folclorização nas relações raciais.

O uso do vídeo para pesquisa foi adotado a partir da escolha de análise de conteúdo da transcrição dos vídeos e geração de dados para serem utilizados de forma transversal às fundamentações teóricas e por conta da abordagem qualitativa dos conceitos que a pesquisa explora, sendo três vídeos analisados por seção. Dessa forma, trechos ou partes do conteúdo foram utilizados com o objetivo de refletir sobre os assuntos a serem explorados.

A estratégia foi selecionar vídeos com entrevistas já realizadas anteriormente e disponíveis com livre acesso (domínio público) na internet, além de serem trechos e/ou fragmentos de vídeos, *reels*, mini doc, entre outros formatos de depoimento individual fílmico, do gênero documentário.

Quadro 1 Relação de coleta do *corpus* da pesquisa

Vídeos selecionados:	Análise dos conteúdos:
Seção 02	
Discurso de Posse Sonia Guajajara	Cultura e Identidade
Vanda Witoto: Entrevista Dia da Amazônia	Corpo- território
Ailton Krenak: Documentário Guerras do Brasil	Arquétipos identitários de pessoas indígenas e negras
Seção 03	
Bárbara Carine: Porque não comemoramos o Dia do Folclore	Fundamentos do termo Folk-lore e Folclore Brasileiro
Kananda Eller: Dia do Folclore	O Folclore tem Cor? Raça e Etnia na construção Folclórica
Palestra Genilson Taquari Pataxó	Mitos, lendas e narrativas exóticas
Seção 04	

Geni Núñez - "O instante da alegria" prêmio SIM 2024	Linguagem, Racismo e Poder
Ana Maria Gonçalves: Vídeo Um defeito de cor	Epistemicídio e Linguicídio
Lélia Gonzalez: Entrevista acervo do Núcleo de Memória Audiovisual da Uerj	Racismo Linguístico

Fonte: produzido pela autora

Os procedimentos metodológicos têm como objetivo principal, neste trabalho, apresentar e analisar, a partir de materiais filmográficos e literaturas que dialoguem com as identidades negras e indígenas, as relações sociais, raciais e étnicas, utilizando-se das discussões e análise dos conceitos: Folclore, Cultura, Identidade, Língua, Linguagem e Racismo, busca-se entender como essas relações contribuem para o processo de folclorização.

Durante o processo foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base na leitura de livros, artigos, monografias e dissertações. Utilizando ferramentas de pesquisa, foram levantadas fontes através de palavras-chave, com o objetivo de compreender as diferentes abordagens dos conceitos de Linguicídio, Racismo Linguístico e suas conexões com os temas de Língua, Linguagem e Racismo, e como esses conceitos podem se relacionar com a temática da folclorização.

No processo de revisão de literatura, nos bancos de dados, pesquisas e biblioteca foram associadas palavras-chave também para a conceituação de cultura, identidade e diferenças (raça e etnia). Dessa forma, podemos obter uma amostra de perspectivas e conceitos sobre os assuntos em pauta nesta dissertação.

Realizando a busca por coleta material bibliográfico nos principais bancos de dados de pesquisa e sistemas de consulta de acervos de bibliotecas, foi encontrado um número muito superior de teses, dissertações e TCCs com a temática folclore em comparação a pesquisas, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso com a temática folclorização. Essa lacuna histórica e acadêmica se dá muitas vezes pela popularização das temáticas relacionadas ao folclore e ainda a pouca discussão com

relação ao fenômeno do racismo e da folclorização, perspectivas sobre a cultura popular em diferentes abordagens.

A seguir temos uma sequência de quadros com os materiais selecionados na coleta de material bibliográfico e os resultados encontrados nas pesquisas de banco de dados:

Quadro 2: Relação Pesquisa Banco de Dados

Banco de Dados	Resultados:
Banco de Teses da Capes	Folclore: 920 resultados Folclorização: 13 resultados
Repositório Institucional UNILAB	Folclore: 06 resultados Folclorização: Não há resultados
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT	Folclore: 1.087 resultados Folclorização: 14 resultados
Biblioteca Eletrônica Científica Online – SciELO	Folclore: 77 resultados Folclorização: 03 resultados
Plataforma Sucupira	Folclore: 200 resultados Folclorização: 03 resultados
Acervo Biblioteca UNILAB	Folclore: 14 resultados Folclorização: Não há resultados
Acervo das Bibliotecas Públicas do Estado da Bahia	Folclore: 253 resultados Folclorização: Não há resultados

Fonte: produzido pela autora

### 1.3 Descrição do *Corpus*

Os vídeos selecionados para a análise abordam aspectos que envolvem a compreensão das identidades negras e indígenas em sua complexidade, como entretenimento, invasão, colonização, exotificação, fetichização, os impactos das heranças coloniais e mercantilização dos corpos-territórios. Importante citar que a seleção dos depoimentos dos vídeos escolhidos levam em consideração pesquisadores centrais para a compreensão dos estudos e relações étnicos raciais no Brasil que também são *influencers* ativistas, a maioria deles residentes no país, com livros, teses, pesquisas

publicadas na área e autores de teorias importantes para a compreensão do que podemos investigar enquanto folclorização.

A escolha dos vídeos justifica-se pela relevância das pessoas presentes nos depoimentos, nos quais é possível identificar a contextualização dos discursos expressos, nas obras filmicas, que se relacionam com a pesquisa. Por meio desses vídeos, que têm um viés educativo, os participantes, influenciadores e ativistas no contexto do ciberativismo, levantam questões e debates de grande importância para a sociedade no ambiente virtual. Conseqüentemente, a utilização dos vídeos como ferramenta pedagógica promove o letramento em questões raciais.

A seleção do *corpus* nas plataformas *online* é feita considerando a importância do audiovisual como meio de ensino para a análise de questões como racismo e a folclorização. A exploração dessas conexões por meio da linguagem digital é um diferencial, pois possibilita compreender o alcance dessa temática nas redes sociais e sistematizar enquanto pesquisa acadêmica. Desta forma, neste trabalho, a proposta é, por meio de análise dos conhecimentos teóricos produzidos nos vídeos selecionados, traduzir seus discursos e possibilidades de reflexão sobre a temática da folclorização.

O *corpus* é composto pelo vídeo de transmissão do discurso de posse de Sonia Guajajara, ativista pelos direitos dos povos indígenas e meio ambiente, Ministra dos Povos Indígenas, cuja cerimônia foi realizada em 11 de janeiro de 2023. O vídeo está disponível no canal do youtube UOL, com duração média de 28 minutos. A análise do conteúdo do discurso de posse da ministra na dissertação se apresenta enquanto uma fonte oral que é relevante para a discussão das epistemologias indígenas para discutir sobre o conceito de cultura e identidade. A escolha do material possui extrema relevância pela representatividade: nomeação pioneira de uma mulher indígena para o cargo em Ministérios.

Um dos vídeos incluídos no *corpus* é um depoimento de Vanda Witoto, militante, professora e mulher indígena, postado em seu no Instagram (@vandawitoto) em 05 de setembro de 2022. Em seu perfil, é possível encontrar conteúdos relacionados às causas indígenas e à defesa dos direitos dessa população. No vídeo selecionado, a ativista critica o "*olhar de satélite sobre a Amazônia*". A obra com duração de 1 minuto é relevante para refletir sobre identidade e território, abordando a conexão entre corpo, ambiente e decolonialidade, além de questionar os olhares verticalizados sobre a

natureza. Esse vídeo dialoga diretamente com o conceito central que envolve a relação entre folclorização, cultura e identidade.

Outro vídeo selecionado apresenta um trecho da série documental "Guerras do Brasil", lançado no ano de 2019, com direção de Luiz Bolognesi e com o apoio da Agência Nacional de Cinema (ANCINE). A série tem 5 episódios, cada um com 26 minutos de duração. O episódio 01, intitulado "As Guerras da Conquista", está disponível no canal do YouTube do MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores e inclui uma fala de Ailton Krenak, importante liderança indígena, escritor e filósofo. Ele discute o processo de colonização do Brasil, a invasão, os conflitos e os confrontos entre "mundos diferentes", além de questionar a branquitude, identidade e diferenças. Krenak também ressalta os processos históricos do genocídio indígena e os embates culturais e étnicos.

O vídeo incluído no *corpus* possui o depoimento de Bárbara Carine, escritora, professora universitária e idealizadora da Escolinha Maria Felipa, uma escola de educação antirracista na primeira infância com sede em Salvador - BA e Rio de Janeiro - RJ. O trecho do vídeo está em formato de *reel* e foi postado em 22 de agosto de 2022 no instagram (@umaintelectualdiferentona), possui tempo total de 1 minuto e 30 segundos. No depoimento ela aborda as raízes eurocentricas do folclore, além das tradições no contexto brasileiro apresentarem estigmas de personagens negros e indígenas em diálogo com o tópico de racialização do folclore.

A palestra do Genilson Taquari Pataxó, representante e ativista indígena, da área Direito, Educação e com atuação na Educação Escolar Indígena também está incluído no *corpus* da pesquisa. No vídeo analisado, ele faz uma comparação entre representações da pessoa indígena: “o indígena do imaginário popular” e o “indígena real”. O vídeo possui duração de 1 minuto e 30 segundos e foi postado através da página do Instagram Gerência Regional de Educação - Orla (@greorla).

Outro vídeo selecionado é o vídeo “Dia do Folclore”, postado no dia 22 de agosto de 2022 com duração média de 1 minuto e 30 segundos em que Kananda Eller (@deusacientista), graduada em Licenciatura em Química, Mestranda em Ciências Ambientais pela USP e também ativista digital, contextualiza o folclore e a abordagem de negros e indígenas e o epistemicídio, além da exotificação dos seus corpos, como ela

descreve no vídeo, também a representação nos livros didáticos geralmente acaba não sendo positiva, uma representação estereotipada.

Há, ainda, o vídeo de Geni Núñez, escritora, psicóloga e ativista digital que se encontra disponível na página @olugar com o trecho da fala "O instante da alegria", no SIM 2024, com duração de 1 minuto. A fala contextualiza a narrativa da construção da ideia que associa o indígena à imagem de “preguiçoso”, enquanto um xingamento, uma contranarrativa a partir da resistência à escravização. A reflexão é importante para a compreensão das narrativas, linguagem e poder a partir das versões e fatos importantes na história do Brasil.

Selecionamos também o vídeo postado no youtube do projeto *Jóia ao Vivo* que traz a escritora Ana Maria Gonçalves fazendo uma leitura dramática do livro *Um defeito de Cor* (2006), uma importante obra considerada um clássico da literatura, também se tornou samba enredo. A obra narra a trajetória de Kehinde, que foi capturada ainda criança no continente africano. Kehinde é também conhecida como Luisa Mahin, uma das figuras da Revolta dos Malês. O trecho lido do livro é escolhido nesta pesquisa para dialogar como os processos de renomeação e apagamento dos nomes africanos e indígenas são centrais para análise do epistemicídio e linguicídio. O vídeo possui a duração de 1 minuto e 30 segundos.

O último vídeo do *corpus*, hospedado no instagram (@almapretajornalismo), apresenta um trecho da fala de Lélia Gonzalez, ativista histórica do movimento negro, filósofa e antropóloga que referencia ancestralidade, cultura, língua e socialização a partir da africanização do português no Brasil. O vídeo possui duração de 3 minutos, a entrevista é material do acervo do Núcleo de Memória Audiovisual da UERJ. O depoimento é relevante para a contextualização das interações sociais e linguísticas a partir da lógica do linguicídio e relações de poder.

Nesse caso, as etapas para transcrição envolveram assistir aos vídeos e selecionar aqueles trechos que apresentassem potencial para dialogar com os conceitos previamente adotados na pesquisa, além de descartar os vídeos que não atendiam aos critérios estabelecidos. Para a transcrição das falas dos vídeos, de maneira técnica, foi realizada uma conversão do vídeo mp4 para arquivo de áudio mp3 com as plataformas: *Savetube* (Conversor Instagram para MP3); *Submagic* (Conversor Youtube para MP3); e *F2mp.com* (Conversor Facebook para MP3); Por fim, foram utilizados diferentes

*softwares* de transcrição de áudio para texto: *Happy Scribe*, *Turbo Scribe* e *Transkriptor*. Por fim, procede-se à análise do conteúdo, estabelecendo conexões com as literaturas selecionadas para a pesquisa.

#### **1.4 Folclorização**

Sobre o conceito folclorização<sup>1</sup>, diferentes tipos de fontes foram utilizadas: primárias (artigos, teses, dissertações); secundárias (dicionários, banco de dados, livros); e terciárias (catálogos de bibliotecas).

Este processo envolveu também a busca digital com a pesquisa da carta com a primeira citação do termo folk-lore, a carta do folclore brasileiro, assim como leis que, a partir de um olhar conseguem relacionar como corpos negros e indígenas, de maneira institucionalizadas, foram atravessados pelo racismo e pela folclorização seja linguística, cultural / identitária, histórica ou ainda das produções e saberes.

A escolha da abordagem deu-se pois o estudo do termo folk-lore desempenha um papel fundamental na criação do conceito científico de Folclore e suas origens, além da conexão das características inerentes para se constituir uma análise sobre a temática. O critério para a seleção e análise do documento foi se configurar enquanto um registro histórico em fonte documental que pudesse fornecer informações e/ou evidências sobre as origens do folclore.

O estudo da literatura revela como o processo de linguicídio se estabelece historicamente no contexto da colonização, seja no projeto de escolarização, da religião e da própria língua. Esse processo serve como base para a análise da aculturação e da imposição da língua portuguesa.

Com o objetivo de buscar um conceito de folclorização em discordância e concordância com a abordagem da pesquisa, através de uma coleta e análise de dados em banco de dados, e, a partir da análise de literatura, desse modo foi possível então encontrar trabalhos que abordam o tema da pesquisa em diferentes dimensões.

Ocorrerá, destarte, um processo de folclorização, que se deve procurar apreender, em face da dinâmica cultural e do caráter funcional da própria cultura. Pode falar-se, evidentemente, num processo de folclorização dos complexos culturais, que deve ser analisado e compreendido desde o prisma da teoria dos níveis culturais e com vistas a uma concepção pancrônica da vida cultural que, não obstante, exige prévio conhecimento

---

<sup>1</sup> Folclorização - histórica, cultural, negra, indígena, turística, entretenimento, estereotipificação, alegorias. A temática será abordada ao longo do texto.

dos fatos respectivos nos planos sincrônico e diacrônico. (SERAINE, 1977, p.53)

O autor Seraine (1977) nos apresenta o conceito de folclorização a partir de danças de povos indígenas Tremembés e Tupis no território do Ceará. Por outro lado, o texto refletindo os estudos sobre cultura e folclorização da época, apresenta uma abordagem mais etnográfica que centraliza a observação dos povos de matrizes identitárias indígenas sob recursos rebuscados de linguagem, colocando as manifestações indígenas e suas etnias como objetos de pesquisa.

Dando sequência nas investigações sobre a folclorização, os estudos sobre a institucionalização do folclore se destacam, com o conceito de folclorização como transformação da cultura do popular em estudos sistematizados e científicos sobre o folclore:

A folclorização do popular, isto é, sua transformação em tradição foi a estratégia encontrada para reagir às transformações impostas pelo presente. Nesse sentido, seria selecionado do passado um repertório a ser monumentalizado. “Museificar” o popular, obstruir sua perenidade foi a estratégia adotada a fim de evitar fusões e hibridismos que pudessem comprometer sua autenticidade.(GARCIA, 2010, p. 9)

Essa abordagem influencia diretamente, pois permite trazer as relações entre folclore e folclorização, além da lacuna em algumas pesquisas da relação entre racialização<sup>2</sup> do folclore, e as estereotipificações do popular negro e indígena, tanto na língua, quanto nas representações da identidade, assim como na transmissão das tradições e saberes populares. Essas abordagens do folclore, folclorização e folcloristas<sup>3</sup> convidam a refletir sobre mitos, lendas e demais termos conceituais e nos ajudam a aprofundar na compreensão do folclore e suas relações.

A escolha da abordagem do tema da pesquisa “folclorização” representa o interesse em investigar como se configura o Folclore, principalmente as suas características como: transmissão oral, a tradicionalidade das manifestações, a perseverança e a noção de cultura oriunda do popular e as relações raciais.

---

<sup>2</sup> Racialização é o processo de relacionar, nas esferas sociais, políticas e culturais, a influência da raça (fenótipo) e etnia (origem).

<sup>3</sup> Folcloristas são estudiosos ou críticos do folclore, geralmente artistas, intelectuais, estudiosos que colecionam, categorizam e investigam a nível científico o folclore enquanto área de estudos.

Para a UNESCO<sup>4</sup> (1995), o folclore é sinônimo de “cultura popular e representa a identidade social de uma comunidade através de suas criações culturais, coletivas ou individuais. É também uma parte essencial da cultura de cada nação” (UNESCO, Reunião de Praga, 1995). Este trabalho se propõe a refletir sobre as origens do Folclore e das manifestações afro-brasileiras e indígenas que, muitas vezes, se deparam com a construção de imaginários que carregam estereótipos, no caso a folclorização, manifestada em estigmas associados à cultura popular.

Neste momento da pesquisa, a folclorização aparece como sinônimo do que se caracteriza enquanto folclórico, referente aos saberes populares, e tornar esses saberes populares em pesquisa folclórica em comparação do que se entende como erudito, sendo um aspecto relevante de se diferenciar na pesquisa e esta distinção entre ambos conceitos utiliza-se como critério de exclusão para a análise.

Não haveria imediata vinculação da pesquisa folclórica à atividade de artistas eruditos, mas sim uma contribuição para o avanço do conhecimento científico sobre as criações culturais materiais e imateriais do povo brasileiro. Essas duas vias apontam, nos termos de Ortiz (1992, p. 30-32), para a própria ambiguidade do folclorismo: estar no meio caminho entre as ciências e a popularização do saber. (COSTA, 2022, p. 196)

Podemos citar ainda uma abordagem de pesquisa sobre folclorização com esta conotação de manifestações folclóricas ou tornar uma tradição de domínio folclórico coletivo a partir do texto sobre folclorização em Portugal, que se adquire um significado também enquanto fenômeno cultural da modernidade, e que liga o termo à institucionalização da cultura:

Enquanto o folclorismo engloba ideias, atitudes e valores que enaltecem a cultura popular e as manifestações nela inspiradas, por folclorização entende-se o processo de construção e de institucionalização de práticas performativas, tidas por tradicionais, constituídas por fragmentos retirados da cultura popular, em regra, rural. O objectivo é representar tradição de uma localidade, duma região ou de uma nação. (CASTELO-BRANCO; FREITAS BRANCO, 2003, p. 01)

Esta linha de pensamento não foi incorporada à pesquisa devido a ausência de relação do conceito folclorização a construções imagéticas de estereótipos, alegorias,

---

<sup>4</sup> UNESCO - sigla que significa *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, em português Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

silenciamentos, distorção e deformação identitárias e de cultura, assim como demais aspectos de racialização que envolvem linguagem, racismo e folclore.

Durante a escolha da abordagem a ser adotada na pesquisa e as referências bibliográficas disponíveis, nos deparamos com uma linha teórica que muito se assemelha e que é analisada e incorporada nesta pesquisa, o conceito fundamental de folclorização enquanto distorção. Nesse contexto, segundo a autora Leite (1999), ao estereotipar o outro, constrói-se um imaginário, um personagem, um estigma ou uma alegoria, resultando na completa supressão da identidade desse indivíduo, com a estereotipia, desqualificação e exotismo, principalmente das identidades negras e indígenas:

Em 1988, um século depois, outra chance se apresenta, também trazida pela evidente constatação da exclusão social dos negros, e ao que tudo indica, também ela já se desmancha, através das mesmas artimanhas utilizadas no século anterior: a folclorização. Ou seja: estereotipia, desqualificação e exotismo como uma eficiente manobra, capaz de tirar de cena, de fazer desaparecer os sujeitos históricos de carne e osso, enquanto pleiteantes de um direito que então vem sendo negado. Novamente a luta pela cidadania periga perder sua força, aquilo que poderia gerar transformação, e esvaziar-se, enquanto apenas uma palavra da moda. (LEITE, 1999, p 126).

Outra perspectiva de Leite (1999) sobre folclorização abordada na pesquisa é sobre a tendência do ensurdecimento, silenciamento como consequência à exposição exótica, turística, da estereotipificação, assemelhando-se à observação de animais em zoológicos, oriundos do impacto do colonialismo. Tal comparação evoca uma vitrine, onde somente o corpo e a estética são exibidos, enquanto a identidade, a cultura e a bagagem histórica do indivíduo racializado são totalmente desconsideradas. Durante a pesquisa foi encontrado o termo “folclorização racista” que traz uma relação de racialização da cultura:

A "folclorização racista", segundo definição de Baibich-Faria e Santana (2008, conversa informal em encontro de orientação, não publicado), é um fenômeno que se dá involucrado na folclorização, definida no dicionário, e é mascarado por ela. É um fenômeno multideterminado, cujas causas aqui captadas são: o Mito da Democracia Racial; a Naturalização do Privilégio; o não discernimento entre diversidade e desigualdade; o preconceito do próprio sujeito [...] (SANTANA, 2010, p. 91)

Na pesquisa, o conceito auxilia na identificação da estereotipificação dos sujeitos e na ideia de passividade e desumanização, além de contribuir para a

invalidação do pensamento científico. No entanto, o termo "folclorização" mencionado está limitado ao significado presente no Dicionário Aurélio, no qual é definido como “a transferência de qualquer manifestação cultural para o domínio coletivo, com aceitação e dinamismo populares”.

Outra linha de raciocínio sobre folclorização, seria a representação dos saberes e culturas populares relacionados ao contexto educacional, especialmente, no ambiente escolar. Durante o estudo, o conceito também foi associado ao teatro, à dança, à música, às linguagens artísticas e às tradições.

A abordagem dessas culturas na educação envolve a formação dos professores, impactando as estratégias e metodologias aplicadas, como a inclusão das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que determinam o ensino obrigatório das culturas afro-brasileiras e indígenas no currículo escolar. O desafio reside em tratar esses temas de maneira a promover uma educação antirracista, sem reproduzir preconceitos ou discriminações.

Outro conceito de folclorização é apresentado por Gabriel Nascimento:

Nas imagens e nos discursos sobre os índios, seja no ensino desde o nível básico até a universidade, seja na mídia e no senso comum, ainda predomina o apelo à folclorização, ao exotismo e ao romantismo. Desconhece-se, ignora-se muito os povos indígenas, às suas experiências, suas expressões socioculturais, os conflitos que vivenciam, as mobilizações pelo reconhecimento das suas organizações sociopolíticas por reivindicações, conquistas e garantia de seus direitos. Dia do Índio: a folclorização da temática indígena na escola (NASCIMENTO, 2017, p. 03).

Neste contexto, o processo de folclorização, seja escolar ou acadêmico, passa por esse apelo para a festividade, se constrói uma imagem de festa, de harmonia, de exotismo ou até de romantismo, como o próprio Nascimento (2017) destaca, desconsidera-se toda a luta, toda a memória, todo o processo de reconhecimento e de construção de uma identidade sociopolítica e de reivindicações e conquistas e garantia de seus direitos, a partir de uma data em que, por exemplo, vai se fazer um mural, vai se fazer uma festa, vão se vestir,, no dia do folclore, de personagens da dita cultura popular, apenas por um caráter meramente ilustrativo, recorte empreendido por conta do racismo recreativo.

Durante essa primeira seção, a proposta foi apresentar um caminho metodológico para a compreensão dos aspectos de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e empírica, com a definição e descrição corpus de análise a partir dos

vídeos selecionados nas redes sociais que dialogam com o referencial teórico, problematizando assim os aspectos do tema central: o conceito de folclorização adotado em linhas gerais e suas diferenciações.

## 2. CULTURA, IDENTIDADE, RAÇA E ETNIA

A seção propõe-se apresentar os conceitos de cultura e identidade, corpos-territórios e arquétipos de pessoas negras e indígenas, por meio da análise das falas de Sonia Guajajara, Vanda Witoto e Ailton Krenak. A intenção é relacionar como os aspectos de representação identitária são essenciais para compreender o fenômeno da folclorização do ser negro e/ou indígena.

### 2.1 Cultura e Identidade

Para entendermos os conceitos de cultura e de identidade, nos baseamos aqui nas reflexões feitas através da fala da ministra dos povos indígenas Sônia Guajajara<sup>5</sup>, também ativista de movimentos indígenas. Essa análise será feita através da transcrição do vídeo<sup>6</sup> de discurso da sua cerimônia de posse realizada em 11 de janeiro de 2023, teve sua transmissão em diversos canais de comunicação, com registro do vídeo publicado no youtube. O trecho do vídeo com o discurso possui 27 minutos. Aqui neste trabalho, a proposta é realizar considerações a partir de trechos importantes do discurso de posse e vídeo de transmissão da posse para relacionar com os conceitos aqui citados. *“Inicialmente, quero agradecer a presença de todas as pessoas que aqui estão, neste momento tão emblemático para a história do Brasil”*, inicia sua fala Guajajara.

No vídeo, é possível ver uma mulher indígena com seus trajes tradicionais, um cocar e um maracá, ambos possuem um significado simbólico e ligação à sua ancestralidade. O instrumento musical é utilizado tanto para a música, dança ou demais ritualísticas e cerimônias de manifestação cultural, elemento identitário. O colar no sentido de ancestralidade e proteção. No discurso, a ministra narra o simbolismo dos adornos sagrados, presentes de sua Tia Maria, respeitada liderança espiritual:

*[...] Quando eu tinha 17 anos, fui chamada por minha tia Maria Santana*

---

<sup>5</sup> Sonia Guajajara. Ver imagens nos anexos nº 01 e nº 02. Ministra dos Povos Indígenas. Pós-graduada em Educação Especial, Bel em letras. Destaca-se por sua luta histórica pelos direitos dos povos originários e pelo meio ambiente. Tem reconhecimento internacional na defesa dos direitos dos povos indígenas, seus territórios e causas socioambientais, sendo eleita uma das 100 pessoas mais influentes de 2022 pela revista TIME. Para saber mais: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/composicao/ministra>

<sup>6</sup> Acesso vídeo transmissão do discurso de posse: [https://www.youtube.com/watch?v=IV\\_fa\\_1M\\_g8](https://www.youtube.com/watch?v=IV_fa_1M_g8)

*para conversar. Tia Maria é parteira e uma respeitada liderança espiritual. Como não foi um convite qualquer, eu pensei: "O que será que a tia Maria quer?". Subi na garupa de uma moto e fui até a Aldeia Lagoa Quieta, no território indígena Araribóia, para encontrar com ela. Chegando, vi Tia Maria me esperando com dois presentes, um colar e um maracá. Ela então me olhou e disse com aquela voz serena: "Ô fia, quero te entregar esses presentes que são símbolos de liderança. E eu passo a você, o poder da palavra. Você vai ter o dom da comunicação, todo mundo vai te ouvir. Você vai crescer e tudo que você tiver para falar vão te escutar. Esse maracá vai ecoar e você será a porta voz do nosso povo." ( Sonia Guajajara, 2023, Youtube).*

Analisando a técnica, podemos observar na fotografia<sup>7</sup> um plano médio, enquadrando da cintura para cima, mais comum em diálogos e transmissões de discursos, permitindo que quem assistisse pudesse ver de uma forma mais próxima, o som é direto da transmissão, na estética podemos observar as cores da roupa, assim como os objetos identitários além do local com a presença de autoridades e representações indígenas, mudando os planos para mostrar o ambiente. Na edição, é possível ver na tela uma legenda com as informações da transmissão de cargo e nome da ministra.

O conceito de cultura(s) abordado pelo geógrafo, intelectual e professor Milton Santos na obra *Da cultura à Indústria Cultural* (2000), através da relação corpo-território-identidade<sup>8</sup>, afirma que a cultura (ou o estudo das culturas) é o conjunto de elementos transmitidos e preservados por meio de grupos ou comunidades identitárias, em uma lógica de expressão de autenticidade, integridade e liberdade. As manifestações e os significados presentes são legados do passado que contribuem para a construção de um futuro interligado por esses modos de ser. Esse conceito é fundamental para entender os fenômenos nas relações interpessoais. A conceituação se relaciona ao discurso de Guajajara que em seu discurso relaciona a diversidade dos povos indígenas e seus territórios (p.06).

Quando nos é questionado o que é cultura, a primeira associação numa sociedade de referencial eurocêntrico são exemplos de culturas hegemonicamente

---

<sup>7</sup> Para acessar o registro fotográfico do Discurso de posse Sonia Guajajara descrito no seguinte trecho clique no link abaixo:  
<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/11/leia-a-integra-do-discurso-da-ministra-sonia-guajajara.htm>>

<sup>8</sup> Corpo-território-identidade sinaliza uma ligação entre corporeidade e lugar de pertencimento e origem, corpos que expressam suas identidades em diálogo com o conceito de interseccionalidade que se ampliam para além da matéria, entendendo suas cosmologias, historicidades, transmissão de saberes, religiosidade espírito/alma/divindades e identidades individuais e comunitárias.

brancas-cis-heteronormativas, as chamadas culturas eruditas. Quando citamos determinadas culturas (brancas, ameríndias, negras ou demais possibilidades), diretamente expressamos os corpos-territórios-identitários, conceito que será melhor explorado na próxima subseção, que define quem são os detentores destas culturas e os locais sociais ocupados.

O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. (SANTOS, 2000, p. 01).

A cultura não é algo que possa ser ensinado no sentido de doutrinar ou estruturar numa lógica linear ou dicotômica entre o culto e inculto, pois dessa forma se configura aculturação. A cultura precisa ser sentida, apreciada, transmitida. Não simplesmente uma significação fechada. Ela é transcendente em si mesma e nos seus sistemas culturais. O autor Da Matta (1986) nos apresenta uma importante reflexão sobre essa dualidade, a palavra cultura no senso-comum e as comparações que se associam à cultura, em ter conhecimento, status e valor, dentro das hierarquizações quem teria e quem não teria cultura:

A palavra cultura, enquanto categoria do senso-comum, ocupa como vemos um importante lugar no nosso acervo conceitual, ficando lado-a-lado de outras, cujo uso na vida cotidiana é também muito comum. Estou me lembrando da palavra “personalidade” que, tal como ocorre com a palavra “cultura”, penetra o nosso vocabulário com dois sentidos bem diferenciados. No campo da Psicologia, personalidade define o conjunto dos traços que caracterizam todos os seres humanos. É aquilo que singulariza todos e cada um de nós como uma pessoa diferente, com interesses, capacidades e emoções particulares. (DA MATTA, 1986, p. 01-02).

A análise do conteúdo no discurso de posse da ministra Sônia Guajajara nesta dissertação se apresenta enquanto uma fonte oral e escrita para reflexão da cultura(s) em plural. Enquanto material de análise temos o vídeo da transmissão da tomada de posse e o documento com a transcrição do discurso, pois é relevante para a discussão das epistemologias indígenas para teorizar sobre o conceito de cultura e identidade, alinhados ao direito à liberdade integridade e um futuro desejado de acesso a mais direitos.

O discurso foca também na questão da ancestralidade e afirmação ao se questionar como se pode dialogar sobre brasilidades sem os povos originários, o discurso representa a busca pela valorização da diversidade étnico racial, preservação das culturas, línguas, identidades e contra o apagamento<sup>9</sup>, racismo estrutural<sup>10</sup> e genocídio, assim como a retratação e reparação da história indígena. Ela cita no discurso o fato de ocupar esse lugar inédito na história dos Ministérios por uma mulher indígena: *“Se estou aqui hoje, é graças à força ancestral e espiritual de meu povo Guajajara Tentehar, graças a resistência secular da luta dos povos indígenas do Brasil, graças também à minha persistência de nunca desistir”*.

No debate sobre identidade temos o autor Hall (2006) que aborda o conceito de culturas nacionais:

“[...]as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50).

A cultura é compreendida a partir de um referencial, seus símbolos e representações. Assim, podemos dizer que depende de diversos fatores, inclusive temporais e de lugar de fala (posição social), como afirma Djamila Ribeiro. Logo, a cultura modifica a humanidade e vice-versa: as pessoas modificam a própria cultura, em uma determinada época e/ou grupo étnico específico. Associando o pensamento de Hall ao discurso de Guajajara podemos perceber que a cultura é tudo que nós somos para os povos indígenas, pois a cultura nacional deve ser representada sob a concepção de identidade no coletivo, demonstrado no discurso da ministra, agregando as diversidades.

Conforme Hall (2006), podemos refletir identidade cultural a partir de diferentes viés: o primeiro a partir da reconstrução através do passado, baseada na singularidade histórica e cultura coletiva compartilhada e o segundo a partir das concepções do “ser” e do “tornar-se”. Ambos contextos são concebidos através de uma ligação entre o passado

---

<sup>9</sup> Apagamento na perspectiva histórica se refere ao processo de destruição de documentos, ocultação de memórias seja oral ou escrita e demais registros de uma comunidade.

<sup>10</sup> Racismo Estrutural, conceito alcunhado com Silvio de Almeida que expõe a estrutura da sociedade com suas raízes fundadoras e tendo base nas relações o racismo.

e presente na expressão da identidade a partir das relações sociais e transmissões de saberes e fazeres.

Por exemplo, o que torna um sentimento ou uma identificação social individual de pertença identitária, indo mais profundamente, qual perfil de representação de grupo ou indivíduo são influenciados por esses padrões de comportamentos ao longo da história? Cultura é história viva, pois ambas se modificam constantemente e são influenciadas por essas diferenças. Analisando o discurso de posse de Guajajara podemos destacar o trecho:

*[...] O Brasil do futuro precisa dos povos indígenas. Tudo que tradicionalmente é chamado de cultura entre os brasileiros e brasileiras, para nós significa tudo que somos. É nosso modo de vida, nossa comida, nossos rituais, nosso uso da terra, nossas práticas e costumes, tanto aqueles mais cotidianos, quanto outros ritualizados. Cultura é também sinônimo de luta! (Sonia Guajajara, 2023, Youtube).*

Para a ministra Sonia Guajajara a cultura significa “*tudo que somos*”, pois através da cultura se afirma e reafirma as conexões entre pares e diferentes, no sentido de vida e da morte. E a cultura se define também através das línguas e das relações ali estabelecidas. A cultura sendo vivenciada e não categorizada ou hierarquizada, sob uma ótica de epistemologias contra-coloniais, se apresenta enquanto a cultura do cotidiano que é diferente da cultura do “outro”. A cultura também se relaciona com a resistência e luta, como sinônimo, pois, foi através dessas estratégias, que costumes, religiões e ciências foram preservados.

A cultura ou a sua denominação muitas vezes vem unida ao seu próprio processo de consolidação ou hierarquização, sendo muitas vezes cultura sinônimo de sub-cultura ou culturas fragmentadas. Tudo que tradicionalmente é chamado de cultura, nessa expressão trazida por Guajajara, se relaciona como a sociedade brasileira foi construída dentro de um estereótipo das populações indígenas, em que as culturas identitárias étnicas eram e são ainda vistas como “isoladas” da cultura brasileira.

A cultura como sinônimo de luta representada na transcrição do discurso se relaciona com os conceitos como desfolclorização de estereótipos históricos sobre os indígenas. O discurso se relaciona aos conceitos de cultura, identidade e diferença, estes

que estão associados ao modo de viver, ao que se come, ritualísticas, uso da terra e conexão com território.

*[...] Nós não somos o que, infelizmente, muitos livros de História ainda costumam retratar. Se, por um lado, é verdade que muitos de nós resguardam modos de vida que estão no imaginário da maioria da população brasileira, por outro, é importante saberem que nós existimos de muitas e diferentes formas. (Sonia Guajajara, 2023, Youtube).*

Importante refletir sobre a abordagem nos livros de História sobre os povos indígenas, lembro ainda na infância a insatisfação ao ver as ausências e representações, quase sempre os povos originários retratados do ponto de vista eurocêntrico, sem identificação das suas lutas, diferenças étnicas, línguas, suas sociedades e modos de vida, assim como os povos negros diáspóricos e africanos. As chamadas diferentes formas de existência indígena, citada por Guajajara, no trecho “*culturas isoladas*” se refere à exotificação da cultura que ocorre quando as tradições são resumidas apenas esteticamente, ou por suas tradições representadas de forma alegórica, de uma forma que permeia entre a tentativa de folclorização: geralmente provocando silenciamentos e estereótipos para criar imaginários fantasiosos do que seria ser indígena, e a sobreposição da cultura e de identidades e suas narrativas e contribuições para a sociedade, através de suas lutas e saberes.

Importante citar também, a importância de se discutir a diversidade dentro de um mesmo grupo étnico, pois demarca uma pluralidade necessária para a desconstrução de estigmas e estereótipos.

Deformar uma cultura é uma maneira de abrir a porta para o enraizamento de novas necessidades e a criação de novos gostos e hábitos, subrepticiamente instalados na alma dos povos com o resultado final de corrompê-los, isto é, de fazer com que reneguem a sua autenticidade, deixando de ser eles próprios. (SANTOS, 2000, p.01).

O conceito de "deformar uma cultura", segundo Santos (2000), pode ser relacionado à análise do processo de aculturação sofrido pelos povos indígenas e negros no Brasil, cujas heranças culturais foram suprimidas em prol de "gostos e hábitos" tidos como "civilizados". Um exemplo claro é a catequização, onde jesuítas utilizavam o ensino da língua portuguesa e o aprendizado de línguas indígenas como parte das

estratégias religiosas de um projeto colonial. O sincretismo religioso<sup>11</sup> é outro reflexo desse processo, quase que uma obrigação que "[povos indígenas e negros] renegassem sua autenticidade, deixando de ser eles próprios" (Santos, 2000, p. 01), sendo muitas vezes obrigados a esconder sua religiosidade, suas divindades e até suas línguas maternas, que carregavam seus saberes, o sincretismo acabou se tornando também uma estratégia de resistência diante dessa imposição.

Em diálogo com Guajajara, essa negação de autenticidade e deformação da cultura passa pela negação e violação de direitos, seja das suas terras, à saúde integral e a manifestação dos seus costumes e ritualísticas. Em um determinado ponto da explanação ela atenta para as atitudes negacionistas que demonstram “desprezo por essas outras formas de vida”, esse desprezo seria uma forma, de acordo com Santos (2000), de corromper e renegar essa autenticidade, além da alma desses povos, com a prática de desmatamento e invasão desses territórios e comunidades citados pela ministra.

Alinhamos aqui a visão do geógrafo e escritor Santos (2000, p. 01) que afirma que a cultura é “ [...] ao mesmo tempo, uma imagem projetada do mundo de cada eu.” Trazemos ainda a perspectiva do ambientalista e filósofo Krenak (2019, p. 02) que questiona a existência de apenas um modelo de educação pluriétnica<sup>12</sup> sobre culturas, baseado em uma visão hegemônica: “Crianças nas escolas são estimuladas a seguir esse roteiro “potente”, um roteiro afirmativo de um tipo de civilização, profundamente imerso naquilo que chamamos de cultura do consumo”.

Associando à reflexão sobre associar a cultura a ter conhecimento e hierarquização desses conhecimentos, podemos relacionar a leitura da distorção da realidade sobre as culturas indígenas, Guajajara diz: *“a existência dos povos indígenas do Brasil é cercada por uma leitura extremamente distorcida da realidade. Ou nos romantizam, ou nos demonizam”*, o que demonstra o acervo conceitual e as possibilidades de leituras e distorções dessa cultura.

---

<sup>11</sup> O sincretismo, muitas vezes romantizado, representa essa imposição da igreja da demonização das religiões de matrizes africanas proibidas pelo Estado na época e nossos povos tiveram que cultuar associados aos Orixás. Religiões de Matrizes africanas se refere a religiões com filosofia e origem em África e seus territórios, países e tradições diversas. Popularmente no Brasil tidos como Candomblé, Umbanda, Ifá, Jurema, entre outras nomenclaturas.

<sup>12</sup> | Educação Pluriétnica é uma linha de pensamento proposta por pensadores negros e indígenas que visa a educação para as relações raciais a partir da ótica da diversidade étnica e racial desde a infância.

A cultura, pela sua complexidade, deve ser compreendida por camadas e realidades distintas. Deve ser compreendida na sua totalidade múltipla e não unidirecional ou opositora, contextualizada a sua semelhança e imagem, ou melhor, dentro do referencial criador de origem. Por exemplo, o belo e o feio. Dentro de uma comunidade, somos socializados a perceber o que é belo ou feio diante de "padrões" muitas vezes transmitidos para impressões verbais ou subconscientes do que seria classificado em um grupo e outro. Esses padrões são ditos a partir de relações, trocas, imposições e construções imaginárias e concretas ao mesmo tempo.

Quase que inevitável ao abordar sobre a cultura é o conceito sobre a identidade, esta atrelada à primeira e vice-versa, a cultura fala sobre o processo de caracterização de uma comunidade e o que ela produz, a identidade se refere ao/aos indivíduos que produzem a cultura e que identificam e se diferenciam (Deleuze, 1992, p 02) entre si e se manifestam no(s) corpo(s).

O conceito de identidade pode ser descrito a partir de uma representação de homem - humanidade (Deleuze, 1992, p. 03), a partir dessas nomenclaturas ditas universais. A padronização de identidades e também hierarquização de expressividades a partir de um referencial hegemônico do grupo majoritário que detém o poder.

Ao refletir culturas e identidades, devemos, a partir de uma lógica de identificação, evidenciar quem ou o que deve ser identificado e a partir de qual referencial, muitas vezes parte do próprio território e seus conflitos sócio-históricos. Falar sobre identidade não é reduzir o todo pela parte, o que é humanizado ou a cultura que é negada. Falar sobre identidades é sempre dialogar o que será afirmado/exaltado, sem hierarquizações, e também sobre o reconhecimento das diferenças, o que representa a riqueza das múltiplas culturas, línguas e identidades.

Nessa linha de análise, a identidade em referência à luta e resistência de povos negros e indígenas no país vem de uma historicidade, baseada principalmente em conflitos, violências e negações, sendo assim não podemos falar sobre cultura sem falar sobre genocídio que representa sobretudo a perseguição e tentativa de extermínio de grupos étnicos e traços culturais.

*[...] A invisibilidade secular que impacta e impactou diretamente as políticas públicas do Estado é fruto do racismo, da desigualdade e de uma democracia de baixa representatividade, que provocou uma intensa invisibilidade institucional, política e social, nos colocando na triste*

*paisagem das sub-representações e sub-notificações sociais do País. São séculos de violências e violações e não é mais tolerável aceitar políticas públicas inadequadas aos corpos, às cosmologias e às compreensões indígenas sobre o uso da terra. (Sonia Guajajara, 2023, Youtube).*

Dessa forma, a invisibilidade secular é um fator importante ao analisar as estratégias de apagamento de determinados grupos sociais, como a histórica luta dos povos indígenas mencionada por Guajajara. Podemos também relacionar essa invisibilidade com as lutas cotidianas da população negra, que adota estratégias para combater o genocídio. Esses grupos enfrentam os desafios de um racismo frequentemente evidente, mas disfarçado por meio de sub-representações, subnotificações e violências. A folclorização se insere nesse contexto, pois, onde há sub-representação, há uma tentativa de deformar a cultura daquele grupo.

Dividir o mundo social entre "nós" e "eles" significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio ele classificar significa também deter o privilégio ele atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2000 p. 82).

Citando o autor Tomaz Tadeu da Silva (2000), podemos refletir sobre a complexidade das culturas que são responsáveis por abarcar e decodificar o conceito também de identidade e diferença na sua essência, pois através dessas diferenças identitárias se constroem os códigos e a transmissão de saberes coletivos (culturais), esses que devem alcançar as diferenças e as especificidades características de cada grupo em diálogo com demais grupos, o que se chama de “nós” e “eles” nas relações culturais. E, nestas relações culturais, alguns aspectos das relações humanas e discriminações do que não se aplica a uma norma cultural: tais como racismo, sexismo, LGBTQI+fobia, xenofobia e demais negações e violências de identidades que se refletem também na folclorização cultural.

Na análise do vídeo com o discurso da ministra, podemos perceber essa linha de pensamento de demarcação dessa diferença e inversão de olhar, principalmente por sua fala discorrer o tempo todo em 1ª pessoa no plural (nós, nosso), como o trecho de

encerramento do discurso: “*Nunca mais um Brasil sem nós!*”, muitas vezes para reafirmar sua identidade individual e coletiva enquanto indígena e, algumas vezes, na tentativa de integração e de identificação enquanto povo, nação, dentro das diferenças, a existência de uma alteridade: “nós” e “eles”, mas com objetivo de criar uma unidade necessária enquanto nação, principalmente diante de discursos negacionistas.

## 2.2 Corpo-Território

*O mundo olha para essa Amazônia com olhar de satélite por cima só consegue enxergar o verde e a beleza dos rios, mas a vida dessas pessoas aqui embaixo não consegue ser olhada. Elas têm sido impactadas e ninguém cuida das pessoas. As pessoas querem proteger as árvores, o rio, mas não cuidam das pessoas que protegem as árvores e os rios.* (Vanda Witoto, 2023, Instagram).

Para compreendermos o conceito de corpo-território, utilizamos como base as reflexões a partir do depoimento de Vanda Witoto<sup>13</sup>, profissional de saúde e ativista climática, transcrito de um vídeo publicado nas redes sociais do Instagram. O vídeo, com duração de 1 minuto, faz parte de uma entrevista<sup>14</sup> realizada no Dia da Amazônia. A proposta é descrever os conceitos a partir dessa reflexão, por meio da análise do conteúdo na fala.

A introdução da fala “*O mundo olha para essa Amazônia*”, citado por Vanda, representa o olhar a partir de outras etnias, principalmente as nações, civilizações e comunidades fundamentados a partir de um pensamento filosófico europeu brancocêntrico, que visa a Amazônia com o olhar colonizado e/ou verticalizado, frio, técnico, de cima, hierarquizado, inviabilizando os povos que, com seus saberes milenares, sempre apresentaram estratégias para a preservação ambiental.

Podemos refletir sobre o conceito de corpo-território a partir das cosmovisões das etnias e povos indígenas, com o olhar sobre o território numa visão não verticalizada e segregatória do corpo-floresta, mas o corpo vivenciando a floresta e a floresta integrando o corpo, da floresta como extensão desse corpo e vice-versa, uma relação de interação vital contínua.

---

<sup>13</sup> Vanda Witoto. Ver imagens nos anexos nº 03 e nº 04. Liderança indígena, ativista ambiental, pedagoga e profissional de saúde. Para saber mais acesse: <https://vandawitoto.com.br/sobre/>

<sup>14</sup> Acesso vídeo entrevista Dia da Amazônia : <https://www.instagram.com/reel/Cw0sOq8v5d/>

Quando ela cita “*O olhar de satélite*”, significa esse olhar técnico, separatista. E muitas vezes um discurso de slogan, frases de efeito que discorrem sobre a beleza dos rios, das matas, o benefício para a sociedade de um discurso em prol da preservação, contra a destruição da camada de ozônio etc. Porém, esquecem nessa sensibilização de incluir a vida das pessoas que são impactadas pela degradação ambiental, pois esse evento impacta diretamente na saúde e na vida dessas pessoas, invisibilizando e distorcendo a realidade. Essa é a visão que atua na folclorização da Amazônia. Impossível pensar na preservação das matas sem reconhecer o protagonismo dos povos que a protegem.

O conceito de unidade é muito presente nos territórios indígenas e quilombolas no sentido de que “*a vida dessas pessoas é mais importante*”, essa fala remete ao discurso de “salve a natureza” aquele, como afirma Witoto, só consegue enxergar o verde, traz o foco apenas para o território, desconsiderando a defesa desse território e das pessoas que nele habitam e o protegem com seus corpos. Os povos originários também necessitam de proteção contra garimpos, violências e invasões, as pessoas junto com os territórios, ou melhor, esses corpos-territórios que são importantes tanto quanto o território em si, essa relação. O fato é que não existe nenhuma relação entre a vida das pessoas que vá além da proteção da natureza, a vida dessas pessoas não são vistas como realmente são: tão importantes quanto.

Nessa análise da fala do vídeo que se configura enquanto nosso objeto de análise, podemos dialogar o uso do território a partir de uma geografia das realidades sociais e dinâmicas do território, ou seja, o território adquire uma identidade a partir do momento que se dão as trocas, ações, objetos, as intervenções humanas de um determinado grupo que habita o espaço. As relações econômicas, desigualdades, as tecnologias, as inovações, as relações sociais, desenvolvimentos, as violências, as explorações, as relações políticas, de poder, de representação, de direitos, e, nessas dinâmicas as relações culturais e identitárias do território. Como enfatiza Milton Santos:

O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos suma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações

humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. (SANTOS, 1993, p. 255-256).

O conceito de corpo-território, associado à compreensão de um olhar não-verticalizado, nos possibilita explorar as relações entre cultura, identidade e território. Nesse contexto, o corpo se alinha às identidades individuais e coletivas, enquanto o território se conecta às culturas e tradições. A partir da perspectiva da Witoto, podemos entender o corpo como parte de quem cuida da floresta e do território, estabelecendo uma relação entre a corporeidade (comunidade, história e memória) e o território (a terra, a natureza).

O corpo possui subjetividades e complexidades, e o conceito de corpos-territórios-culturais abarca a ideia desse corpo como sujeito conectado a uma historicidade, construindo sua identidade dentro de um contexto social, político e cultural. Por isso, o corpo se torna um manifesto, um ato político e uma extensão do território. Para refletir sobre o conceito de corpos-territórios-culturais, nos baseamos no pensamento de Santos (1993), que aborda as relações entre territórios físicos e territoriais corporais por meio da "fluidez" e interconexão.

*[...] A gente precisa inverter os olhares, porque a vida dessas pessoas é mais importante, porque são elas que mantêm a floresta em pé. São elas que conseguem proteger o rio a partir desse modo de vida e de respeito com a natureza, o meio ambiente, a fauna, a flora, tudo que nos cerca, porque a gente compreende também que somos parte que nós somos ela (natureza), que a gente está conectado em todos os sentidos da vida. (Vanda Witoto, 2023, Instagram).*

O conceito de corpo-território muito se alinha à visão de Vanda Witoto, pois o território é compreendido a partir das pessoas que mantêm a floresta em pé, ou melhor, a natureza se expressa a partir da interconexão entre os corpos que ali habitam. Nós somos ela (natureza), representa essa ligação visceral e justifica a urgência da luta pela terra, porque a vida na terra representa a própria sobrevivência e transmissão da cultura e identidade, sejam as cosmologias, seja a língua, seja os costumes, a compreensão sobre o mundo.

A “*inversão de olhares*”, é essa relação intrínseca que não tem como falar da proteção das florestas sem os povos que cuidam e vivem a floresta no seu íntimo do ser. O termo em português “meio-ambiente”, muitas vezes não vai contemplar o significado

para essa representação corpo-ambiente, a partir da integralidade, do ambiente inteiro, de uma visão interligada daquele corpo ou dos corpos integrados à natureza.

Novamente, a expressão “*inversão de olhares*” vai justamente dialogar com uma educação a partir do que Haesbaert (2020) vai chamar de uma multi ou pluriterritorialidade:

Essas múltiplas composições de interações complexas entre humanos e não-humanos abre nossa compreensão da configuração de outros mundos, de ontologias múltiplas – de um “pluriverso” ou, em nossos próprios termos, de uma multi ou pluriterritorialidade. (HAESBAERT, 2020, p. 86)

As relações complexas citadas por Haesbaert (2020) estão diretamente ligadas à relação entre os povos originários e ao respeito à natureza e todas suas expressões. Como descreve Witoto em sua fala: “*somos ela (natureza), que a gente está conectado em todos os sentidos da vida*”, esse trecho descreve sobre a fauna, a flora, tudo que nos cerca, ou seja, o respeito à vida e à sabedoria dos animais no ciclo vital, o respeito às águas, às plantas, que não só dá o alimento, mas o ar que se respira, numa lógica não hierarquizada ou de consumo/troca, mas numa lógica de extensão. Essa linha de pensamento associada a filosofia UBUNTU: “eu sou porque nós somos” evidencia que essas comunidades (re) existem porque existem na natureza e a natureza (re)existe por conta da luta por direitos ao cuidado dessas mesmas comunidades.

Então, isso remete ao pensamento de que proteger as árvores e os rios é proteger do mesmo modo os corpos-territórios que são árvores e rios em toda sua totalidade, isto, é proteger as pessoas que cuidam e que estão conectadas não apenas numa lógica de consumo dos recursos daquele território, mas de afeto, saúde mental, vivência comunitária, família, memória, luto, alimentação, relações pessoais e comunitárias, cultura e ancestralidade.

Retomando Guajajara, quando apresenta, no seu discurso, a importância de “*políticas de educação para os indígenas, valorizando as identidades plurais*” podemos remeter a ferramenta analítica da interseccionalidade, empreendido historicamente pelo movimento de mulheres negras <sup>15</sup>(Akotirene,2019) que abarca essa

---

<sup>15</sup> Interseccionalidade, ferramenta analítica da interseccionalidade, empreendido historicamente pelo movimento de mulheres negras, é a interação ou sobreposição de fatores sociais que definem a identidade de uma pessoa e a forma como isso irá impactar sua relação com a sociedade e seu acesso a direitos. Conceito proposto por Patricia Hill Collins e no Brasil Carla Akotirene.

perspectiva de múltiplas identidades e opressões, com as interações entre os marcadores sociais que compõem a identidade: etnia, raça, gênero, sexualidade, idade, território, dentre outros. Desta forma, cada corpo no mundo se apresenta de formas múltiplas, plurais e também transversalizados por esses lugares e experiências emocionais, psicológicas e espirituais.

Neste movimento, "Krenak" significa "cabeça na terra", pois os Krenaks realizam um ritual em que colocam a cabeça sobre a terra por um minuto e, em seguida, começam a dançar (Maciel, 2023). Já o "quilombismo" é descrito como uma adaptação brasileira do comunitarismo e/ou ujamaísmo [economia cooperativa] da tradição africana (Nascimento, 2002). Tanto o conceito de "Krenak" quanto o de "quilombismo" estão inseridos em uma perspectiva de corpo-território identitário, abrangendo as culturas afro-brasileira, africana e indígena. Essas palavras remetem a uma conexão comunitária, à transmissão de tradições e cosmopercepções<sup>16</sup> que transcendem o nível individual-corpóreo. Seus significados só podem ser plenamente compreendidos a partir das experiências e essências de seus falantes e guardiões desses saberes. Ambos os autores oferecem contribuições importantes para a reflexão sobre o conceito de corpo-território.

Com base nas visões de Witoto, Krenak (apud Maciel, 2023) e Nascimento (2002), é possível refletir sobre como as culturas indígenas, assim como as quilombolas, ribeirinhas e outros povos tradicionais, veem o território como uma extensão de sua identidade e corpo. Essa relação é manifestada em suas práticas e expressões culturais, que também revelam uma profunda conexão entre o cuidado com a natureza e o autocuidado. Os conceitos de "cabeça na terra" e "quilombismo", assim como demais termos em outros contextos comunitários, expressam essa ligação ancestral e a luta contínua pela preservação desses corpos-territórios, mostrando que, para esses povos, cuidar do território é cuidar de si mesmos.

---

<sup>16</sup> Cosmovisões identitárias se refere às diferentes maneiras de concepção de mundo, seja cosmovisões bantu, iorubá, kimbundu, yanomami, guarani, xavantes e demais identidades étnicas raciais negras e indígenas no Brasil. Cosmopercepções ou Cosmosentidos se relacionam com cosmovisões, porém conectados à ancestralidade de grupos culturais afro-pindorâmicos

Muitas vezes, esses territórios e populações são vistos como exóticos, folclorizados, no processo de silenciamento, exploração e invasão, a violação dessas terras, territórios indígenas e quilombolas. Esses movimentos anti-ecológicos ocorrem devido ao desmatamento, à especulação imobiliária, ao garimpo ilegal e à grilagem de terras, o que resulta também na violação dos corpos que são guardiães/guardiões dos saberes dessas comunidades.

Sendo assim, os conflitos territoriais advêm de origens também que consideram a dimensão da vida das pessoas que protegem a natureza, dos seus modos de vida e múltiplas resistências que simbolicamente representam uma “ameaça” ao desenvolvimento econômico e lucros advindos dessas atividades, essas ações constituem as visões verticalizadas sobre a Amazônia.

Além dessas pessoas que estão diretamente ligadas à invasão desses corpos-territórios, é importante pensar outros grupos que acabam sendo (des)informados por campanhas publicitárias, reportagens, materiais de ampla comunicação que não problematizam e visibilizam de forma crítica a gravidade das questões ambientais e não ecoam essas vozes em prol da proteção da terra e que também precisam de cuidados. Dessa forma, o vídeo sobre o *Dia da Amazônia* com a fala da Wanda Witoto auxilia contra as informações que não traduzem a realidade desses corpos-territórios.

No vídeo, a ativista Wanda Witoto apresenta sua visão de com relação a conexão com a utilização da expressão “*a gente está conectado em todos os sentidos da vida*”, após essa afirmação ela finaliza a fala como um todo. Essa ligação em todos os sentidos da vida pode ser trazida de diversas formas. Neste trecho, ela discorre sobre a ligação visceral, direta: desmatar esse território ou impacto aos animais que ali vivem é um sofrimento direto, energético, pois existe uma ligação de alma, sentido de existir e ser a partir desse território e identidade dessa comunidade. O sentimento de pertencimento daquele corpo-território-floresta, das águas e interligado à terra.

Elucido que o corpo-território é um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa. Por isso, consigo lembrar com riquezas de detalhes as primeiras vezes que o meu corpo- -território sentiu-se atravessado (BONDIA, 2002) pelos corpos-sonoros dos atabaques pombalenses, por volta de 2011 e 2012. Prontamente, a energia vital. (TRINDADE, 2006) constituída nas territorialidades do Afoxé. (MIRANDA, 2020, p.25-26)

Dando continuidade à reflexão sobre essa conexão, podemos referenciar Miranda (2020) com a conceituação corpo-território enquanto um texto-vivo, um texto-corpo, e, importante acrescentar que essa análise da “grafia” ou ainda “geobiografia” (escrita da terra), termo adotado pelo autor, que narra as experiências de luta pela terra atravessam esses corpos-territórios. Seja comunidades indígenas lutando para demarcação, seja territórios quilombolas lutando por titulação, seja terreiros lutando por tombamento, todos no reconhecimento imaterial, cultural e integral que esses lugares possuem.

Miranda (2020) fala sobre os territórios-sonoros ligados ao Afoxé, a uma ancestralidade, a uma espiritualidade. Essa grafia sonora também está impregnada nessas comunidades, com sua musicalidade. A sonoridade em todas as dimensões ecoa vozes, conecta com sua espiritualidade, os sons dos seus instrumentos sagrados que carregam um texto vivo, ou ainda, uma história viva dessas pessoas e da ocupação dessas comunidades, histórias desses corpos-territórios.

O meu corpo-território sente a necessidade e a obrigatoriedade ética de compartilhar com os discentes em formação inicial as lacunas que o currículo universitário produz ao negar o direito de problematizar as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Destacar que a educação 62 Corpo-território & Educação Decolonial geográfica precisa potencializar as epistemologias negras e indígenas é o caminho para alcançarmos um currículo escolar pautado nas diferenças e diversidades que são orgânicas no corpo-território dos educandos que dão sentido ao chão da escola. (MIRANDA, 2020, p.61-62)

Enquanto missão de manter esses corpos-territórios vivos, existe uma obrigatoriedade, conforme as leis referenciadas por Miranda (2020), que objetiva promover a educação voltada às culturas e às epistemologias negras e indígenas. Essa obrigação inclui, no currículo escolar, a inserção de uma abordagem antirracista e decolonial em áreas como filosofias, matemática, ensino da língua portuguesa e outras, seja em escolas indígenas, quilombolas ou nos espaços urbanos, reconhecendo a importância desses corpos-territórios de educandos e educadores como referenciais de estudo.

Associado a este pensamento, podemos contextualizar o conceito de “deseducação” que envolve um processo de reapropriação da própria história, sendo re-contada de forma descolonizada, como defende Gersem Baniwa (2012):

Essa desconstrução de pré-conceitos é uma verdadeira deseducação, ou seja, aprender a reconhecer os erros aprendidos na própria escola. Só depois do processo de deseducação será mais fácil uma nova reeducação com base em novos princípios e visões de mundo capazes de construir uma nova realidade social, cultural, econômica, política e espiritual menos eurocêntrica e com lugares para todos os povos, culturas e saberes com os quais a escola trabalha, os quais ela precisa valorizar e dar conta. (BANIWA, 2012, p. 141).

Quando citamos a importância do estudo de determinadas culturas e sociedades étnico-raciais, tais como as africanas, afro brasileiras e indígenas, diretamente expressamos as subjetividades dos corpos-territórios-identitários que são detentores desses saberes e legados culturais e o lugar social de cada indivíduo dentro dos mais distintos contextos e realidades.

Um ponto importante de análise é como a deseducação<sup>17</sup>, ou seja, a desconstrução de preconceitos concebidos na formação, seja nos espaços formais ou não-formais de educação sobre ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na rede de ensino brasileira, é fundamental para a não perpetuação de imaginários sobre esses corpos-territórios em sua dimensão “social, cultural, econômica, política e espiritual”.

Neste ponto, é importante retomar o que a Vanda Witoto vai chamar de “*inversão de olhares*”, que seria o direito ao território e o direito a uma educação crítica e diferenciada sobre os corpos-territórios e sua historicidade, assim como suas lutas e saberes, no qual muitas vezes existem essas múltiplas negações: do corpo; do território; da construção imagética equivocadas sobre os corpos e territórios. A deseducação proposta por Gersem Baniwa, em diálogo com a inversão de olhares, resulta em uma educação libertária em prol também das diferenças e da diversidade citada por Miranda (2020), bem como da necessidade de abordar e considerar esses corpos-territórios na educação, conforme previsto nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Sendo assim, neste trabalho, ao entendermos esses diversos conceitos e contextos para tradução de corpos-territórios; corpos-culturais; corpos-plurais; corpos-identitários; numa abordagem que visa enaltecer as culturas antes vistas à

---

<sup>17</sup> Deseducação representa um conceito de reeducação, ou seja, deseducar de uma educação colonizada para desconstrução de conhecimentos hegemônicos, a partir de uma visão decolonial e educação antirracista. Visão a partir do autor indígena Gersem Baniwa.

margem/periféricas, ainda estando neste lugar, porém ressignificando e descolonizando estes saberes antes invisibilizados, padronizados, aculturados e folclorizados; nesta metodologia entendendo suas diferenças, mas também suas contribuições, riquezas, resistências e legados.

### 2.3 Arquétipos identitários de pessoas indígenas e negras

Através da transcrição de uma fala de Ailton Krenak<sup>18</sup>, liderança indígena, ativista e membro da ABL, entrevista concedida ao conteúdo audiovisual em formato de série documental intitulada "Guerras do Brasil"<sup>19</sup>, publicada em 2019, dirigida por Luiz Bolognesi, a narrativa traz os fatos e as diferentes versões dos principais conflitos armados da história do país disponível no serviço de streaming Netflix e “viralizada”, ou seja, compartilhada em larga escala nas redes sociais do facebook e instagram, o trecho compartilhado possui 1 minuto e 10 segundos. Neste trecho destaca-se:

*Quando os brancos chegaram eles foram admitidos como mais um na diferença e se os brancos tivessem educação eles podiam ter continuado vivendo aqui no meio daqueles povos e produzido outro tipo de experiência [...] (Ailton Krenak, 2019, Youtube).*

Ailton Krenak destaca: “*Quando os brancos chegaram, eles foram admitidos como mais um na diferença...*”. Ele aborda essa chegada de forma crítica, apresentando a categoria identitária "branco" como apenas mais uma dentro das diversas diferenças raciais e culturais do país, ao mesmo tempo em que denuncia os danos causados pela colonização perversa. Da mesma forma, Davi Kopenawa (1998), líder político, escritor e xamã afirma: “*É por isso que não creio nessas palavras de descobrir a terra do Brasil*” em seu texto Descobrimo os Brancos. A partir da sua fala é possível refletir

---

<sup>18</sup> Ailton Alves Lacerda Krenak. Ver imagens nos anexos nº 05 e nº 06. É um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro pertencente à etnia indígena krenak. Ele foi o primeiro indígena eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) e é reconhecido como Imortal da Academia. Para saber mais acesse: <https://www.fronteras.com/descubra/pensadores/exibir/ailton-krenak>

<sup>19</sup> Acesso vídeo Série documental Guerras do Brasil: [https://www.youtube.com/watch?v=1C7eOBl6\\_pk](https://www.youtube.com/watch?v=1C7eOBl6_pk)

sobre a chegada dos colonizadores, o mito do descobrimento do Brasil<sup>20</sup>, ou, mais precisamente, a invasão europeia em terras indígenas.

É importante considerar, dentro dos estudos e das Ciências Sociais, o conceito de civilização ou de ser civilizado, historicamente marcado pela associação de pessoas negras e indígenas a uma ideia de "primitivo", em contraste com o "civilizado". Esta pesquisa propõe uma releitura desse conceito, valorizando as epistemologias ancestrais dessas comunidades — seus sábios, pajés, curandeiros e lideranças — que orientam a criação do universo, das florestas e o desenvolvimento de tecnologias avançadas voltadas à preservação da vida e ao respeito à natureza. Em contraponto, o avanço da “*continuidade colonialista*” dos povos brancos foi marcado por uma visão expansionista, de acumulação, saque, progresso, escravidão, exploração e extermínio de outros povos. Como afirma Ailton Krenak: “*E se os brancos tivessem educação, eles poderiam ter continuado vivendo aqui*”.

Os colonizadores, ao os generalizarem apenas como "índios", estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome. Ou seja, os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/ desumanizar (SANTOS, 2015, p. 27).

O próprio Nego Bispo dos Santos, filósofo, escritor e ativista quilombola, em sua obra *Colonização, Quilombos, modos e significados*, alinhado a Krenak, discute a colonização e o processo de folclorização desses corpos. A animalização<sup>21</sup> se insere nesse contexto, pois remete ao processo de humanização, desumanizando ou sub-humanizando<sup>22</sup> aos quais essas populações foram submetidas. Ao mesmo tempo, cria-se uma alegoria, a do "índio", associada ao conceito de incivilizado. O termo

---

<sup>20</sup> O Mito do Descobrimento do Brasil o entendimento de mito enquanto uma mentira histórica de construção de uma ideia que os portugueses encontraram uma terra, descobriram o Brasil, sendo que o território já era habitado há muitos anos pelos povos indígenas de diversas etnias, desta forma é um falso descobrimento, sendo uma invasão de terras com o propósito da colonização.

<sup>21</sup> Animalização, fenômeno relacionado também ao racismo e à objetificação dos corpos, geralmente com relação a estereótipos ligados à ideia de selvagem, primitivo, à velocidade, ao porte físico, ao desempenho sexual, à nudez, sempre comparando características que desumanizam e inferiorizam corpos negros e indígenas.

<sup>22</sup> Sub-humanidade se refere ao processo de retirada, de anulação, de negação ou de subversão da condição de humano/s, o que ocorreu com diversas comunidades, devido ao processo de objetificação e animalização.

"índio" acaba se tornando uma referência única e limitada, tanto estética quanto culturalmente, para diversas identidades e povos.

Para que possamos ressignificar determinadas expressões ou nomenclaturas e termos, devemos nos aprofundar na essência e na origem da palavra. No caso que sempre falamos sobre o processo de ressignificação da nomenclatura *índio* para *indígena* é porque índio justamente se refere ao nome dado pelos colonizadores para generalizar populações indígenas de diversas etnias, diversas origens e diversas línguas. Então, nesse processo de ressignificar as palavras índio da mesma maneira que abominamos o pensamento colonial, o pensamento de construção e a objetificação dos corpos indígenas, no caso.

Os colonizadores, ao chamá-los apenas de "negros", estavam utilizando a mesma estratégia usada contra os povos pindorâmicos de quebra da identidade por meio da técnica da domesticação (SANTOS, 2015, p. 28).

E o ser negro vem com uma outra característica, que é a outra palavra de ser preto ou negro? Então, esse demarcador de negritude ou pretitude, a partir de diversos autores que vão nomear o que é ser negro e o que é ser preto, utiliza-se de diversos contextos. Porém, a questão fenotípica, principalmente no Brasil, é central para esse demarcador, tanto individual como coletivo, de ser negro.

O processo de trauma coletivo, a Diáspora — ou também conhecido como o sequestro em massa de corpos negros ao redor do mundo —. Esse deslocamento da África para outros continentes foi uma estratégia deliberada contra os povos negros, configurando uma verdadeira política de escravização. O intuito era a domesticação, compreendida neste contexto como a objetificação desses corpos.

Então, chamavam-se de negros, tanto povos negros, indígenas, como povos africanos e afro-brasileirados, posteriormente. Só depois vindo a categoria indígena, que diferenciava-se dos negros e indígenas, que a categoria, a nomenclatura da época colonial, era denominar de índio, por conta das Índias, ao qual eram as terras que estavam sendo procuradas e que acabaram adentrando o Brasil, em que aqui já existiam povos originários.

*[...] Mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui e foi o que deu errado. Então eu digo isso a qualquer pessoa que estiver me ouvindo falar e se você se sente parte dessa continuidade colonialista que chegou aqui, você é um ladrão. O seu avô foi, seu bisavô foi (Ailton Krenak, 2019, Youtube).*

Ao questionar o passado e a ancestralidade das pessoas brancas e seu lugar de branquitude contemporânea, Krenak (2019) afirma: *"Você é um ladrão. Seu avô foi, seu bisavô também foi"*. Assim, ele critica a folclorização e a estereotipificação da população negra e indígena, expondo a intenção de civilizar, dominar e explorar seus territórios pelos brancos europeus e seus descendentes brancos brasileiros com essa herança cultural. Trata-se de um fenômeno com múltiplas causas, entre elas o Mito da Democracia Racial. Além disso, podemos incluir a estereotipização das pessoas, a ideia de passividade e desumanidade, bem como a desvalorização do pensamento científico em favor de alegorias identitárias, racismo recreativo ou mesmo a folclorização.

Se pensarmos sobre a importância dos estudos raciais para aprofundamento histórico das culturas e pessoas negras e indígenas no Brasil podemos refletir como pesquisas que reafirmam a existência de uma folclorização são essenciais para e quebra de estereótipos, pois identificam os verdadeiros mitos e descortinam os "descobrimientos". Quer mito pior de que, “não existe genocídio, racismo e privilégio branco no Brasil” e que ainda vivemos todos como em um conto de fadas da democracia racial e de território?

Então, hoje em dia falamos em processo de letramento racial (educação para as relações étnico-raciais), mas em algumas pesquisas e alguns estudos anteriores, nos referimos a termos e conceitos presentes nos debates sobre o racismo. A respeito desses termos e conceitos, podemos destacar alguns que são essenciais para a compreensão não só da noção de pertencimento identitário, como também da compreensão de culturas e da compreensão dessas diferenças culturais e identitárias demarcadas a partir do quesito raça, etnia e principalmente a última com relação a povos indígenas que não se autodeclararam <sup>23</sup>ou se auto-identificam a partir apenas do fenótipo, mas se dá a partir do seu pertencimento étnico, comunitário e cultural. Então, para a compreensão de identidade e etnia, trazemos alguns conceitos que aqui estão.

Nesse padrão e processo, que aconteceu em toda América de escravização de povos indígenas e negros que ocorreu de diferentes formas e dimensões, o pensamento colonial seria essa continuidade de pensamento colonial e seus impactos na sociedade,

---

<sup>23</sup> Autodeclaração racial ou étnico-racial é um método de afirmação de identidade racial, seja a fim de afirmar cor e raça de forma individual, para censo populacional IBGE e/ou ainda para acesso a vagas em Universidade via políticas de Ações Afirmativas.

seja a relação ao acúmulo de capitais, assim como o privilégio a partir do capital simbólico da branquitude.

*[...] Eu não sei porque você está me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra. O seu mundo e o meu mundo estão em guerra. Os nossos mundos estão todos em guerra. (Ailton Krenak, 2019, Youtube).*

Quando o Krenak diz: *“Eu não sei porque você está me olhando com essa cara tão simpática”*, justamente traz a seriedade científica das suas palavras que não existe democracia racial no Brasil, a suposta harmonia entre raças que nunca existiu, inclusive o genocídio que ocorre em territórios indígenas, demarcando a guerra física e psicológica cotidiana nesses territórios, a partir de demarcadores de identidade e diferenciação dessas experiências.

Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes. (...) (KILOMBA, 2019, p.27).

O genocídio e epistemicídio narrado por Grada Kilomba (2019), através das expressões: “vozes torturadas”, “línguas rompidas”, “idiomas impostos” possui uma importante dimensão no processo de folclorização, pois ambos abarcam o processo de extermínio, através de estereótipos violentos e perversos, de grupos racializados como pessoas negras e indígenas que passam por uma fetichização. A folclorização ocorre no sentido do discurso, enquanto o genocídio acontece a nível físico, social, político e cultural, e epistemicídio, o extermínio e violências as formas de conhecimento. Quando se intitula, por exemplo, uma pessoa com “cara de ladrão” e invalidação do tipo: “bandido bom é bandido morto”, seja também na ridicularização com o termo: “neguinho”, ou na criação de estereótipos e alegorias como: “não são índios, são bandidos”, na tentativa de silenciamento, “vozes torturadas”, como demonstra Kilomba, além de marginalização e criminalização é um projeto colonial de séculos.

Para povos negros e indígenas a concepção de transmissão de saberes chega primeiro até da teorização sobre cultura e identidade, através da oralidade e transmissão de saberes, noções de ética, valores, o que seria certo e errado, identificações e diferenciações, saberes que se relacionam, através dos rituais, das danças, ancestralidade... O genocídio está ligado ao que Krenak vai chamar de guerra.

*“Os mundos em guerra”* indicado na fala do Krenak trata dos embates culturais e conflitos constantes e que a “tal mistura” ou “miscigenação”, na verdade, é uma

denúncia a todas as atrocidades coloniais cometidas nesse país, nunca existiu paz desde 1500 na primeira invasão até os dias de hoje ou com os colonizadores contemporâneos descendentes, seja com os colonizadores primitivos, com as grandes mineradoras, com o agronegócio, com as empresas exploratórias ou com o poder do estado militarizado nas periferias.

*[...] A falsificação ideológica que sugere que nós temos paz é pra gente continuar mantendo a coisa funcionando, não tem paz em lugar nenhum é guerra em todos os lugares o tempo todo. (Ailton Krenak, 2019, Youtube).*

Politicamente, o Estado quer perpetuar a ideia de um povo pacífico e amigável, e que não existe racismo para, justamente, não assumir as políticas de reparação necessárias e proteger a manutenção de privilégios de pequenos grupos no poder e a lógica de funcionamento dessa estrutura. Essas diferenças são demarcadas a partir dessas experiências individuais e coletivas que narram o que é ser indígena, negro (preto ou pardo) e branco no Brasil. Experiências marcadas pelo fenótipo e/ou etnia, mas também por lugar social e/ou comunidade quilombola, indígena ou periférica que esses indivíduos experienciam. Uma guerra secular, perpetuada historicamente.

Com ela entra em cena também a folclorização uma arma mais ágil, cortante, que demarca a fronteira entre a reflexão e o ensurdecimento, que distorce e estereotipa o outro, inibindo a ação transformadora. Ao invés de uma identidade política, a folclorização dá lugar ao surgimento de uma demanda turística e de consumo – já bastante vivenciada pelos índios, quando são, ainda e frequentemente, expostos à visitação pública, como animais no zoológico, a curiosos e exploradores de vários tipos. (LEITE, 1999, p 127).

A citação de Leite (1999) traz, na essência do processo de folclorização, além de outro conceito importante que é o conceito de distorção, justamente o falseamento da realidade. Para o processo de estereotipar o outro, construir um imaginário, construir um personagem, construir um estigma ou construir um processo de alegoria é necessário anular totalmente a identidade política desse ser. Logo, nessa lógica folclorizada, esse ser não é pensante, esse ser não é falante, esse ser é justamente o ser exótico, sua fala, pensamentos e ações servem à função de entretenimento, por conta do racismo recreativo, o ser que se resume a partir da sua estética ridicularizada.

Então, a folclorização reduz essa existência a partir desse silenciamento de vozes no processo comparado à visitação de animais nos zoológicos, curiosos, exploradores.

Então, é uma comparação a uma vitrine na qual ali só está sendo mostrado o corpo, a estética, e não sua identidade política, e não sua carga emocional, sua bagagem histórica. A folclorização, no caso como cita Leite (1999), traz a demanda turística, é justamente o processo de folclorização que torna o outro não-branco uma atração turística, o diferente. E o que seria uma atração turística? A atração turística está ali para ser apreciada e está ali com o objetivo puramente de promover entretenimento pelo viés do racismo recreativo, então é um demarcador importante para que a gente possa dialogar sobre folclorização.

À medida que a folclorização acontece há também a animalização das pessoas indígenas e das pessoas negras que sabemos, existe um histórico de exploração desses indivíduos dentro do processo enquanto objetificação e animalização. Sabemos que, historicamente, pessoas negras foram exibidas em locais públicos como zoológicos ou circos humanos<sup>24</sup> ou qualquer outro ambiente para a promoção do entretenimento a partir desse sofrimento. Esses “shows” colocavam as pessoas negras, e também pessoas indígenas, como pessoas estranhas, pessoas exóticas, pessoas consideradas verdadeiras aberrações, então esses espetáculos também dialogam com esse tipo de folclorização turística ao qual aqui narramos nesta seção, seria uma releitura, pois continua sendo feito, mas de outras formas.

O cenário indagado se relaciona com o que Krenak vai chamar de “falsificação ideológica”, revela os processos de homogeneização e/ou padronização cultural que estabelecem padrões, modelos ou referencial identitário e cultural, sendo assim, a folclorização cultural se estabelece à medida que essas identidades são suprimidas, quando, por exemplo, um determinado grupo cultural, raça/etnia ou gênero, é lembrado a partir de uma redução cultural a apenas entretenimento, em datas comemorativas, que não representam a complexidade, as pautas ou as lutas destes grupos, em oposição a um cenário de guerra e extermínio, violências que grupos étnicos passam diariamente.

A folclorização com tipificação cultural, dentro da compreensão do conceito de cultura, é extremamente perigosa, pois ela anula a essência e profundidade dessas

---

<sup>24</sup> Zoológicos ou circos humanos ato compulsório de utilização de corpos negros e indígenas objetificados como atração e entretenimento em estabelecimentos como circos e zoológicos, durante o século 19, herança de uma cultura escravocrata que associa estes corpos a algo exótico, atrativo, anormal e animalizados. Um dos casos mais famosos é a história de Saartjie Baartman, mulher sul-africana da etnia hotentote, vítima de uma escravização moderna que, por muitos anos, teve seu corpo exposto, explorado e violado de diversas formas.

tradições e seus elementos culturais resultantes e a reduzem como entretenimento, como exótico, como fetichização. Esse processo mercantiliza corpos e ações, se apresentando como herança colonial que deve ser quebrada, justamente pelo processo de ressignificação dos signos identitários e através da linguagem. Podemos citar por exemplo, o ser negro e o ser indígena, na sua complexidade, totalidade e originalidade: com seriedade, naturalizando os corpos, retirando fantasias e hiperssexualizações, através da humanização dessas experiências.

Nesta seção, abordamos conceitos-chaves para a compreensão do universo do corpo-território, seja ele individual e/ou coletivo, a partir da conceituação da cultura e identidade e das epistemologias indígenas, no sentido de uma olhar mais horizontalizado ao corpo-ambiente, assim como a folclorização identitária do ser, esta que passa na construção de arquétipos negros e indígenas, com a objetificação, animalização e domesticação, a partir do conceito de distorção e falseamento da realidade.

### **3. FOLCLORE, LENDAS, MITOS E NARRATIVAS EXÓTICAS**

Esta seção aborda conceitos essenciais para entendimento das relações entre folclore e folclorização, baseando-se nos princípios do conceito de Folk-lore, no contexto do folclore brasileiro, nas reflexões entre raça e etnia nesse tema, e, por fim, nos mitos, lendas e narrativas exóticas, destacando as diferenças entre eles e seus aspectos representativos. Todas essas reflexões estão conectadas aos vídeos de Bárbara Carine, Kananda Eller e Genilson Taquari Pataxó.

#### **3.1 Fundamentos do termo Folk-lore e Folclore Brasileiro**

Quando se busca no dicionário de língua portuguesa o significado de folclore nos deparamos com as seguintes descrições:

1. Costumes tradicionais, crenças, superstições, cantos, festas, indumentárias, lendas, artes etc., conservados no seio de um povo; cultura popular, populário: “Heitor Villa-Lobos foi o maior compositor erudito do Brasil, apesar da inegável influência do folclore popular brasileiro em suas composições” (TM1); 2. Parte da antropologia cultural que estuda esses elementos.; 3. Sequência de acontecimentos reais ou imaginários: “Fazia parte do folclore da turma a vez em que a Milene, responsável pela iniciação sexual de todos nós, se oferecera ao Tiago em troca de uma barra de chocolate e Tiago preferia ficar com a sua virgindade e a barra” (LFV). Ela faz parte do folclore do bairro. 4. Algo meramente criado pela imaginação; fantasia: Essa história não passa de folclore.” (Michaelis. Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa).

Nesta seção vamos perpassar por ambos os significados: o folclore como sinônimo de saberes populares e os estudos sobre a ciência do folclore, enquanto uma área de conhecimento; somado à discussão de raça, etnia e cor no folclore, a partir de sequências de acontecimentos reais ou imaginários e, por fim, os mitos e lendas que denotam construções do imaginário, fantasiosas.

Para investigarmos as origens do folclore, suas características e seu significado, trazemos a fala da escritora, professora e pensadora Bárbara Carine<sup>25</sup>, analisada no seu vídeo postado no instagram<sup>26</sup>:

*A gente na Escolinha Maria Felipa tem um calendário decolonial que a gente construiu a partir de todas as datas comemorativas para a nossa escola ao longo do ano. E nesse calendário a gente não incluiu o dia do folclore. Isso porque por um lado, ah tem uma dimensão da raiz do folclore, da origem do folclore. (Bárbara Carine, 2022, Instagram).*

No início da sua fala, ela nos apresenta um dos seus projetos que é a Escola Maria Felipa, uma escola em Salvador-BA e outra no Rio de Janeiro-RJ que propõe um currículo antirracista e decolonial. Portanto, cabe o questionamento do porquê não celebrar o Dia do Folclore. Bárbara Carine contextualiza sobre a dimensão e a raiz do folclore, a origem do termo folk-lore. E continua:

*[...]A própria etimologia da palavra folk-lore vem do inglês, que significa conhecimento do povo, conhecimento popular, pensada a partir de uma antropologia branca e europeia, que estabelecia esse povo a partir de uma lógica de alterização negativa. O que é alterização negativa, Bárbara? É você reconhecer o outro pelas diferenças e, entretanto, você hierarquizar essa relação e baixar o outro. Então, o outro é menor. O outro é passível de ser estudado, é objeto, é tutelado, enquanto que eu, enquanto sujeito, tenho a prerrogativa da pesquisa e eu falo sobre o outro. (Bárbara Carine, 2022, Instagram).*

Bárbara Carine questiona a própria etimologia que significa conhecimento do povo, do popular, dentro de uma perspectiva branca e europeia, estabelecida por uma lógica de “alterização negativa” que muito se relaciona a hierarquização de saberes. Podemos relacionar à fala de Bárbara ao conceito encontrado no dicionário e à origem do termo. Por isso, podemos considerar na análise como o folclore se relaciona com a folclorização, direta ou indiretamente.

---

<sup>25</sup> Bárbara Carine. Ver imagens nos anexos nº 07 e nº 08. Possui graduação em Química e em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. É professora Adjunta na Universidade Federal da Bahia. Tem mestrado e doutorado em Ensino de Química pelo programa de pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA/UEFS. Idealizadora da Escola Maria Felipa. Para mais informações acesse: <https://www.escavador.com/sobre/5581767/barbara-carine-pinheiro-da-anunciacao>

<sup>26</sup> Acesso vídeo Porque não comemoramos o dia do Folclore: [https://www.instagram.com/reel/Chj0Y\\_aA9cB/?igsh=cDN1ODBmMms2NH10](https://www.instagram.com/reel/Chj0Y_aA9cB/?igsh=cDN1ODBmMms2NH10)

Neste ponto, buscamos aqui nesta pesquisa a compreensão da origem do folclore que passa pela concepção da aplicação da palavra em contexto original, ou melhor, tradicional, registrado oficialmente por Thoms (1846), sob o pseudônimo de Ambrose Merton, na Inglaterra. O autor escreve uma carta enviada em 22 de agosto de 1846 ao periódico inglês *Athenaeum*,<sup>27</sup> em seu trecho podemos refletir a utilização do neologismo “Folclore” e as interpretações para possíveis compreensões sobre o seu significado:

Seniores: Sus páginas me han dado tantas muestras del interés que usted tiene hacia lo que en Inglaterra llamamos “antigüedades populares” o “Literatura Popular” (aunque de paso diremos que es más “lore” que literatura, y podría llamarse más correctamente mediante el compuesto sajón “folk-lore: the lore of the people”), que guardo la esperanza de reclutar su ayuda para recoger las pocas espigas que quedan esparcidas sobre el campo en que nuestros predecesores alzaron buena cosecha. Todos cuanto han hecho de los usos, costumbres, prácticas, supersticiones, coplas y proverbios antiguos el objeto de sus estudios, tienen que llegar a dos conclusiones: la primera es de asombro ante todo lo curioso o interesante de esta materia que se ha perdido por completo; la segunda es que mucho de ello puede salvarse aún, mediante dedicación oportuna. (THOMS, 1846, p. 01-02).<sup>28</sup>

O que Thoms (1846) chama de “antigüedades populares” ou “literatura popular” associados ao “folk-lore” seriam antigüedades (utensílios) que não se representam por si só em objetos, mas estes representando conjuntos de saberes de um povo (costumes, práticas, superstições) com sua dimensão simbólica, sua utilização e função e como tais elementos contribuem para distinguir-se de determinadas culturas. A literatura popular ao qual ele faz referência se aplica a uma literatura que traduz essas “estórias” populares ou melhor a “Mithologie<sup>29</sup>” (mitologia) termo alcunhado na obra para referenciar contos, fábulas ou ainda registros históricos que permitem a transmissão cultural.

---

<sup>27</sup> Periódico inglês *Athenaeum* - Responsável por publicar pela primeira vez o termo Folk-lore de William John Thoms, quando ele envia uma carta em 22 de agosto de 1846.

<sup>28</sup> Tradução: Senhores: Suas páginas me deram tantos sinais do interesse que vocês têm pelo que na Inglaterra chamamos de “antigüedades populares” ou “Literatura Popular” (embora de passagem diremos que é mais “tradição” do que literatura, e poderia ser chamado mais corretamente pelo composto saxão de “folclore: o folclore do povo”), que espero recrutar a sua ajuda para colher as poucas espigas que permanecem espalhadas pelo campo onde os nossos antecessores fizeram uma boa colheita. Todos aqueles que fizeram dos usos, costumes, práticas, superstições, dísticos e provérbios antigos objeto de seus estudos, devem chegar a duas conclusões: a primeira é a de espanto por tudo o que há de curioso ou interessante neste assunto que se perdeu por completo. ; A segunda é que muito disso ainda pode ser salvo, através de uma dedicacão oportuna. (Tradução minha)

<sup>29</sup> Mithologie”- Relativo a mitologia, termo surge ligado aos mitos da Grécia Antiga, está relacionado tanto aos estudos sobre Mito assim como os mitos em si.

Na visão amplamente ratificada sobre o significado de Folklore (termo em inglês) e também do seu precursor Thoms (1846), o termo “Folk” se atribui a “povo” enquanto “lore” se atribui a “tradição”, logo, a junção dos termos em uma única palavra cria-se o entendimento das “tradições de um povo ou saberes de um povo” Thoms (1846). Dando continuidade à origem etimológica da palavra, esta que muitas vezes possui diversos significados, me deparei na pesquisa com o termo “folk” significa também “tribo”, “clã” “nação”, “multidão” ou ainda “raça” e “parente”; no caso da palavra “lore”, podendo ser atribuídos outros sentidos também tais como: “conhecimento” “saber” “aprendizagem” “instrução” “informação” e ainda “ciência” significados também importantes para a compreensão do Folklore e que possuem relevância para o estudo.

Folklore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folklore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos. (Congresso Brasileiro de Folklore, 1995, p. 01).

Dando sequência a linha do tempo, desta vez, no contexto da história do folclore brasileiro, destacamos a primeira Carta do Folclore Brasileiro escrita em 1951 por folcloristas ligados à uma Comissão Nacional do Folclore, constituída com o objetivo de estudar e difundir o conceito sobre folclore, os aspectos da pesquisa, os caminhos para o ensino e para a educação, e, especialização no âmbito do folclore, incluindo a salvaguarda, a promoção, o intercâmbio e até a destinação de recursos financeiros direcionados ao apoio do campo do folclore.

No aspecto do conceito de folclore pela carta do folclore brasileiro, o tópico inicial descreve o folclore como uma união de práticas culturais de uma comunidade. Esse conjunto ou agrupamento de expressões culturais se configuram enquanto uma tradição, caso essas criações culturais possuam uma origem, uma herança ou legado de determinado grupo, coletivo ou comunidade. Então, podemos dizer que, pela carta do folclore, o aspecto inicial para que possamos conceituar o folclore seria a “produção cultural em coletividade” e/ou “conjunto das criações culturais de uma comunidade”.

Trazendo a discussão sobre identidade social e a relação com o folclore brasileiro, praticamente temos uma relação como a citada no manifesto de representatividade da cultura ou grupo retratado em determinada manifestação folclórica, e, acrescentaria mais: a responsabilidade e o compromisso ao se produzir ou difundir o folclore nas suas representações, muitas vezes representação e representatividade na cultura e folclore, determinam sua narrativa, a construção de identidades sociais e a criação ou não de alegorias.

Os aspectos, ou mesmo os fatores, que caracterizam uma manifestação folclórica, expressão cultural ou um saber no texto da carta também são elencados. Então, se nos aprofundarmos nesses aspectos, podemos analisar a própria produção e construção do folclore brasileiro, tanto no senso comum quanto nos aspectos das Ciências Sociais e sobre o que seria a dita cultura popular. A aceitação coletiva seria a adesão dessa manifestação como uma tradição, para isso precisa existir uma identificação e envolvimento em massa, as expressões artísticas como a dança, a música, os contos e as histórias precisam ser essa afirmação, uma espécie de validação se realmente possui um apelo e características de identificação e identidade social individual e coletiva.

A dinamicidade, aspecto também elencado na Carta do Folclore Brasileiro, está ligada à capacidade múltipla das manifestações folclóricas de mudança. Apesar da preservação cultural e repetição durante milênios. Muitas vezes, uma tradição será e estará em constante mudança, não se mantém estática. Dessa forma, o folclore, ou melhor, os saberes populares, assim como a cultura são dinâmicos e estão em movimento, mudando a partir da mudança de valores de um grupo cultural.

Dentro da comunidade, vila ou sociedade, quando algo tornar-se tradição, implica nos hábitos e na transmissão de saberes serem comportamentos característicos, costume, por seu caráter popular e coletivo, a manifestação não se perde na história e no tempo. A funcionalidade, também um aspecto mencionado na carta, fala sobre o propósito daquela expressão cultural, a partir de qual objetivo e história a manifestação surge, não apenas preservação em si. a qual já cumpre a função, mas para quem serve a função histórica. A autoafirmação, também mencionada na carta, se relaciona com a própria manifestação folclórica, o valor imaterial, as lições e os valores transmitidos.

Reconhece-se que não se pode mais desconsiderar o papel desempenhado pela comunicação de massa na dinâmica do folclore, tanto pela divulgação descontextualizante, quanto pela influência ideológica de valores que lhe são próprios. Recomenda-se o estudo das interrelações do folclore com os fatos da cultura de massa e, em especial, com as interferências, aproveitamentos e reelaborações recíprocas.. (Congresso Brasileiro de Folclore, 1995, p. 04).

Quando falamos de identidade, cultura, expressões e folclore, não podemos deixar de retomar a importância da linguagem e comunicação como elementos fundamentais para que se consolide e dissemine uma determinada manifestação. Na carta do folclore existe um artigo evidenciando a importância do papel da comunicação, no popular, os falares, os contos, o contar as histórias, seja pela palavra ou pelo corpo, gestos, tudo que caracteriza o folclore, nas suas representações e/ou no seu processo de folclorização, a comunicação contextualiza e descontextualiza a comunicação e a cultura de massa efetiva essas relações.

Os fatores de identificação de uma manifestação folclórica são considerados a partir dessa comunicação, na construção e na concepção desse folclore, o que é e o que não é cultura, cultura popular ou folclore, a comunicação no sentido também do sagrado, e do popular. O evento cultural religioso, por exemplo, se dará a partir de uma transmissão de cosmoentidos, pela oralidade ou escrita. A divulgação dessas ideologias se dão a partir desse elemento da comunicação. A interrelação entre língua, linguagem e comunicação no folclore cumpre esse papel de popularização das manifestações da cultura popular, as músicas, as lendas, as danças, os fazeres e saberes, benzedeadas, parteiras, cordelistas, sambadeiras, todas se estruturam e se reelaboram, de modo que reinventam, historicamente, a partir dessas trocas e relações sociais.

Então, para que se possa abordar o conceito de folclore neste capítulo, nos embasamos na obra de Cascudo (1954), no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que justamente apresenta termos que estão dentro do universo do folclore, trazendo seu significado tanto a partir do senso comum, quanto a partir de uma linha de pensamento mais academicista e científica, folclore científico. No livro, o folclorista Cascudo (1954) nos apresenta que para ele o folclore é “cultura do popular, tornada normativa pela tradição.” Cascudo (1954) esse pequeno trecho introdutório muito diz sobre a cultura do

popular e se refere justamente a essa origem do folclore que nasce a partir das camadas populares da sociedade.

O folclore inclui nos objetos, fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao seu meio ambiente. Não apenas conserva, depende e mantém os padrões imperturbáveis do entendimento e ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas sequências ou presença grupal. ( CASCUDO, 1954, p. 304).

A abordagem de Cascudo (1954) também menciona a criação do termo por William John Thomas (1803-1885), que define os principais elementos da concepção de Folclore: comunidade/sociedade, caráter popular e transmissão de saberes e fazeres. Bárbara Carine acrescenta: *“você hierarquizar essa relação e rebaixar o outro. Então, o outro é menor. O outro é passível de ser estudado, é objeto, é tutelado, enquanto que eu, enquanto sujeito, tenho a prerrogativa da pesquisa e eu falo sobre o outro”*, refletindo a relação entre essas comunidades e a transmissão de seus saberes, levando em conta quem são esses povos e quem os retrata e os pesquisa. Dessa forma, o folclore vai além dos seus objetos físicos, envolvendo um caráter imaterial e uma dimensão que abarca tanto o ambiente como um todo quanto todos os seres inseridos na dinâmica desse ecossistema.

Não apenas contos e cantos, mas a maquinaria faz nascer hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, indumentária, sátiras, lirismo, assimilados aos grupos sociais participantes. Onde estiver um homem, ali viverá a fonte de criação e divulgação folclórica. O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade. Como há dez anos passados, e ao contrário da lição dos mestres, creio na existência dual da cultura entre todos os povos. Em qualquer deles haverá uma cultura sagrada, hierárquica, venerada, reservada para a iniciação, e a cultura popular, aberta à transmissão oral e coletiva, estórias e acessos às técnicas habituais do grupo, destinada à manutenção dos usos e costumes no plano do convívio diário. (CASCUDO, 1954, p. 305).

É importante refletir que os primeiros registros dos estudos sobre o Folclore Brasileiro, através, por exemplo, dos autores Sílvio Romero ou Amadeu Amaral, se dão a partir de representações que ocuparam lugares de privilégios na sociedade, ambos estudos que envolviam a escrita de obras que explicitam tradições genuinamente brasileiras como as culturas ditas populares através da literatura, poesia, ensaios, estudos sociolinguísticos e demais registros.

A cultura brasileira é concebida e retratada a partir dos parâmetros que podemos dizer do racismo científico<sup>30</sup>, este que foi consolidado no Brasil por meio de pensamentos como o de Nina Rodrigues que demarcava raça dentro das ideias eugenistas<sup>31</sup>, o qual classificava entre “raças superiores e raças inferiores”, uma distorção da teoria de seleção natural de Darwin. Logicamente, esse pensamento técnico-científico propagado pelas ciências iria influenciar os discursos e tipificação do que é o Folclore Brasileiro, “saberes de um povo” sendo esse povo representado por olhares estigmatizados e influenciados nesta linha de pensamento.

Tais obras e autores expressavam o regime da época e também o processo de folclorizar e/ou estereotipar já iniciado nessas análises e teses sobre as variações linguísticas, regionais e culturais da população brasileira. Nas manifestações populares, podemos afirmar que os estudos sobre o Folclore no Brasil já nascem folclorizados, pois são concebidos dentro de contextos sociais e políticos que expressam as desigualdades, pois quem é o narrador dessas histórias e quais análises sobre os personagens. A forma em que são abordadas essas culturas populares, pessoas pretas, pardas (intituladas mestiças/miscigenadas) e indígenas, nomeadas em determinados contextos como “caipiras”, “selvagens”, “preguiçosos”, são caracterizações do Folclore impregnadas do racismo científico.

Enfim, o estudo do Folclore no Brasil adquira consciência do seu trabalho preliminar, verificando que as obras de síntese, ou que se pretendiam tais, como raríssimas exceções, são prematuras e em grande parte derivadas do gosto nacional pela adivinhação. Esta mudança está sendo auxiliada e firmada pelas cátedras de estudos afins, principalmente de Sociologia, existentes nas universidades do país, as instituições oficiais de cultura que abrangem os estudos da tradição, bem como por sociedades de Antropologia, de Geografia, de História, de Sociologia e mesmo diretamente de Folclore que vão se organizando por todo país, conscientes das necessidades de policiar e defender a seriedade dos estudos mais ou menos comuns. Esta intenção de policiamento, assim como sugestão insistente a que os estudiosos nacionais se dediquem a trabalhos de caráter monográfico, é visível nestas sociedades conscientes do seu papel orientador. (ANDRADE, 2019, p. 42).

---

<sup>30</sup> Conjunto de teses e teorias que afirmavam existir uma superioridade biológica entre brancos em relação a pessoas pretas, a partir da diferenciação de raças, justificando cientificamente o racismo.

<sup>31</sup> Teoria de superioridade racial, baseada na distorção da Seleção Natural proposta por Darwin, afirmando erroneamente que determinados grupos étnicos seriam mais fortes, mais resistentes, supostamente superiores também intelectualmente, incluindo exclusão e extinção dos grupos considerados inferiores.

Podemos compreender na citação acima, na obra *Aspectos do Folclore Brasileiro*<sup>32</sup>, do autor Mário de Andrade, o processo de Estudos do Folclore no Brasil, a partir também de um estudioso da área do folclore a qual nos referimos, este situado a uma época do movimento artístico e cultural Modernista e com ideais que visavam a afirmação da identidade e da cultura brasileira, porém, devemos também proceder com análises dos aspectos do folclore brasileiro a partir de um lugar de fala (posição social) que o autor representava e sua relação com a retratação nas suas obras de personagens negros e indígenas de forma romantizada e/ou alegórica.

Para Mario de Andrade, o Folclore Brasileiro pode facilmente, no seu processo de concepção, origem e definição, se “misturar” com a história do povo brasileiro e a formação cultural do país. Ao se deparar com o Folclore, é imprescindível uma análise decolonial dos seus aspectos e de seus elementos constituintes, pois é devido aos vários caminhos para a compreensão e representação das manifestações culturais que integram o conjunto de costumes e se traduz nas expressões folclóricas ou até mesmo na trajetória e utilização do termo que se faz importante a localização da perspectiva para o não esvaziamento e também as múltiplas possibilidades de significados.

O folclore é totalmente distinto em si mesmo a partir das suas práticas, porém, essas manifestações, se tornando tradição, transformam-se em uma regra. Então, essa regra, ou esse costume, vira uma tradição se caracterizando como folclore, normativo no sentido de popularizado. Por exemplo, o carnaval, que é uma cultura do popular, uma tradição e se torna uma festa popular, e normativa, a partir do seu processo de capitalização da manifestação cultural. Neste exemplo, o que se torna uma indústria do carnaval segregatória e capitalista a partir de manifestações populares. Como vai afirmar Potiguara (2024) “[...] o que sempre houve foi uma folclorização. Muitas vezes, o carnaval, os filmes, o teatro, as revistas mostram essa folclorização”.

### **3.2 O Folclore tem Cor?<sup>33</sup> Raça e Etnia na construção Folclórica**

---

<sup>32</sup> *Aspectos do Folclore Brasileiro* configura-se importante produção de Mário de Andrade que traz textos inéditos e contém reflexões sobre a memória cultural e os costumes do povo brasileiro. Os temas centrais são a cultura popular e a questão negra. A obra póstuma foi lançada no ano de 2019 e preparada pela pesquisadora Angela Teodoro Grillo.

<sup>33</sup> A nomenclatura da subseção O Folclore Tem Cor? se inspira a partir do título da obra *A cor do amor: Características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras*, da prof. Dra. Elizabeth

*Hoje é o dia do folclore no Brasil, e como é que os negros e indígenas são representados nos livros didáticos? São ilustrados como exóticos, folclóricos, violentos e nunca intelectual. (Kananda Eller, 2022, Instagram )*

O folclore jamais será neutro, mas ele pode ser abordado de uma forma positiva através da valorização, das representações autênticas, da desestigmatização e da criticidade ou, de outro modo, torna-se uma forma negativa que nos remete aos estereótipos, preconceitos, descrédito, estigmas e silenciamentos. É nessa última abordagem é quando nos referimos à folclorização de culturas populares e identitárias.

Através da fala da Kananda Eller<sup>34</sup>, @deuscientista, em vídeo postado no instagram<sup>35</sup>, podemos perceber o histórico da construção do imaginário popular sobre o folclore, sobretudo, na sua representação. Quando falamos sobre folclore, estamos falando de culturas populares e identitárias de povos que historicamente foram representados enquanto, nas palavras de Eller: “*exóticos, folclóricos, violentos*”, e seus saberes apropriados e/ou inferiorizados.

A compreensão dos processos de folclorização podem surgir paralelo aos processos históricos através da língua, poder, cultura e identidade. Portanto, nenhum dos aspectos citados são neutros, logo, falar sobre folclore no Brasil é falar também sobre as relações sociais e raciais estabelecidas principalmente na concepção das manifestações espirituais, culturais, e identitárias. As demais formas de celebração e festejos populares (bumba-meu - boi, capoeira, danças, músicas, pinturas corporais, adereços sagrados ou ainda as lendas, ou melhor estórias), significam também tudo o que somos, na mais autêntica cultura africana, indígena, afro-indígena e afro-brasileira na sua diversidade.

Entretanto, a manifestação espiritual africana não se circunscrevia ao domínio religioso, mas também abrangia outras formas de celebrações e festejos populares. É o caso, por exemplo, dos autos populares dos Congos, do Bumba-Meu-Boi, dos Quilombos, etc., através dos quais os negros reproduzem formas tradicionais africanas adaptadas ao novo ambiente, ou então infundem a formas culturais estrangeiras um espírito africano,

---

Hordge-Freeman, professora Associada de Sociologia e Presidente da Iniciativa de Justiça Racial da Faculdade de Artes e Ciências da University of South Florida.

<sup>34</sup> Kananda Eller. Ver imagens nos anexos nº 09 e nº 10. É cientista, Mestra em Ensino de Ciências Ambientais na USP, Divulgadora Científica, Palestrante e Modelo. Para saber mais acesse: <https://www.blendinspire.com/blenders/kananda-eller-souza-da-paixao>

<sup>35</sup> Acesso ao vídeo Dia do Folclore: <https://www.instagram.com/reel/ChkPmTaIaxT/?igsh=MTF6cGt0Z2hkbnVxdA%3D%3D>

adaptando-as ou reduzindo-as ao seu parâmetro cultural! (NASCIMENTO, 1978, p. 102).

Inspirada nas palavras de Abdias Nascimento podemos nos mobilizar para o direcionamento das manifestações culturais e identitárias africanas e indígenas brasileiras às quais nós, negros/as e indígenas, reconhecemos e identificamos enquanto quilombolas, afrodiáspóricas, aldeados em luta e que, através das ritualísticas e ancestralidade, reafirmamos nossa identidade nacional (esta também em plural, identidades nacionais), seja pelo toré ou por uma roda de capoeira. A circularidade dos nossos corpos e comunidades contam sobre histórias de resistência, contrariando um dos piores mitos já edificados: o da democracia racial e popularização das nossas culturas, ditas folclóricas ou exóticas. A chamada redução do parâmetro cultural citada por Nascimento (1978) vai se configurar em um processo de folclorização cultural.

Podemos também trazer estes exemplos para as culturas negras e afrodiáspóricas no Brasil, pois muitas vezes são categorizadas e estigmatizadas como “culturas populares”, com a criação de imaginários de uma cultura externa à cultura verdadeiramente tradicional. Mesmo com todas as contribuições substanciais para a constituição de toda uma rica e vasta variedade como o samba, capoeira, forró, maculele, bumba-boi, entre outras manifestações tradicionais, essa cultura é classificada como “algo de negro” com uma conotação de minorização, e, pelo contrário se constitui enquanto elementos fundamentais para a identidade, a história e memória de toda nação.

Há ainda outra lenda justificadora da tese da "democracia racial" no Brasil: ela se localiza na mistificação da sobrevivência cultural africana. Este fundamental argumento se reveste de grave perigo pois seu apelo tem sido sedutor, e capaz de captar amplo e entusiástico suporte. Postula o mito que a sobrevivência de traços da cultura africana na sociedade brasileira teria sido o resultado de relações relaxadas e amigáveis entre senhores e escravos. Canções, danças, comidas, religiões, linguagem, de origem africana, presentes como elemento integral da cultura brasileira, seriam outros tantos comprovantes da ausência de preconceito e discriminação racial dos brasileiros " brancos". Os beatos desta tese são muitos: eles constituem uma tradição no pensamento brasileiro. (NASCIMENTO, 1978, p. 55).

A citação acima que trazemos é justamente de Abdias Nascimento, em sua obra *O Genocídio do Negro Brasileiro*, em que ele fala da lenda justificadora da democracia racial, na qual se fala da demistificação da sobrevivência cultural africana. Aqui, a lenda encontra-se enquanto sinônimo de mito, tanto para a democracia racial, quanto para o

mito da sobrevivência. E as lendas de construção de imaginárias amigáveis entre senhores e pessoas escravizadas.

O conceito de genocídio trazido por Nascimento (1978), se associa, ao que no vídeo, Kananda Eller vai apresentar enquanto epistemicídio, a partir de Sueli Carneiro, que justamente é a tentativa de apagamento e assassinato do pensamento ou tradições dos povos negros e e indígenas:

*[...] Houve um projeto de tentativa de assassinato dos conhecimentos dos povos indígenas e negros. No Brasil, o que começou na escravidão, e se estende até hoje que Sueli Carneiro vai chamar de epistemicídio. Quem conhecia o território brasileiro, plantas, cultivavam e transformavam a matéria no Brasil, eram os povos originários. Os europeus, que chegaram depois, aprenderam com eles e levam os créditos até hoje. (Kananda Eller, 2022, Instagram).*

Quando falamos sobre narrativas, estamos falando sobre linguagem e, conseqüentemente, a língua tem o poder para realizar a validação e legitimação de fatos históricos, por isso as narrativas hegemônicas sempre enalteceram determinados povos em detrimento de outros, assim como as aculturações e violências. Quando falamos sobre narrativas antirracistas e descolonização do folclore, estamos realizando o chamado giro epistemológico (Tebet, Nogueira e Souza, 2022) e linguístico (de resistência desses saberes na língua) a partir de um referencial de lutas ancestrais e demais fatos ocorridos que precisam ser oficializados a partir de outros lados da história.

Então, justamente a lenda contada sobre o apagamento da existência do racismo no Brasil, ou no período colonial, justamente se associa a esse mito do senhor “Benevolente”. A partir dessas lendas, por exemplo, muitos senhores “eram bons” e “deixavam” as pessoas escravizadas fazerem samba para socializar, ou terem uma “suposta liberdade”, no entanto, sabemos que são mitos e construções para a isenção de uma responsabilidade colonial branca.

Quando Kananda Eller fala, na transcrição acima, “eles e levam os créditos até hoje”, está falando sobre o processo de apropriação relacionado a folclorização, que é justamente adotar esses elementos culturais de um grupo, tirando-os do seu contexto e recriando a partir de uma lógica eurocêntrica, sem referenciar a quem pertence esse conhecimento. Gabriel Nascimento (2017), brilhantemente, nos provoca a compreensão,

muitas vezes assertiva, do que seria o processo de folclorização e o processo de apropriação, o quanto eles se aproximam e se identificam com esses fenômenos justamente influenciados pelo processo do racismo. Ele afirma:

Os limites entre o que chamo de folclorização e apropriação são tênues. A apropriação, embora não neutra, existe aqui e ali, agora e sempre, por todos, de absolutamente tudo. Ela é arrefecida pelo consumo. A folclorização é o uso dessa apropriação para o fetiche do signo cultural como mercadoria. O elo entre produtores diretos e indiretos da cultura é perdido e abre-se uma temporada de espaços, contexto e épocas em que essas “máscaras” aparentemente ingênuas são usadas. (NASCIMENTO, 2017, p. 05).

A apropriação, muitas vezes, é feita a partir de um símbolo, de um signo cultural de uma determinada cultura, de um determinado povo, de uma comunidade ou uma identidade. E esse signo é retirado do seu contexto de origem, do seu fundamento, seja ele no contexto religioso, seja do seu fundamento. Muitas vezes significados identitário-cultural, de povos originários, como por exemplo: o cocar, o turbante, ambos colocados enquanto uma mercadoria por influência da apropriação.

Nascimento (2017) fala justamente sobre essa questão de construção de máscaras que, aparentemente, são ingênuas, mas que a gente sabe que não são de todo ingênuo, existe um fundamento racista, uma origem histórica para a construção dessas alegorias e dessas ridicularizações, e nunca são neutras. Essas apropriações sempre estão ligadas a grupos não brancos e seus signos, suas marcações identitárias.

O processo de folclorização caminha junto nesse processo de apropriação, porque, quando ocorre a apropriação, ela ocorre a partir da origem, do ponto de origem de folclorização, que é justamente folclorizar o cabelo *black*, folclorizar quando se coloca um personagem que é a nega maluca, por exemplo, que tem o cabelo *black*. Então, folcloriza aquele corpo, alegoriza aquele corpo e se apropria daquela fantasia.

Então, só diferenciando, a folclorização ocorre dentro do processo no qual se estigmatiza aquele corpo, se exotifica aquele corpo, se coloca aquela estética dentro do processo de redução daquele ser a uma imagem alegórica, o racismo recreativo. Então, nessa redução, aquele ser é “apenas uma pessoa com cocar”, é “apenas uma pessoa com trança”, é “apenas uma pessoa com turbante”, é “apenas uma pessoa com um *black*”.

E, no caso da apropriação, é justamente se embasar desses pensamentos racistas e de negação desse corpo, desses marcadores, para justamente deslocá-los do seu

contexto de origem e usurpar esses signos. E o processo de apropriação passa por esse lugar de utilizar-se desses signos, desses adereços, seja trança, como já falei, seja turbante, seja o cabelo *black*, para justamente utilizar-se desses elementos e anular o corpo do qual é de origem.

Aquele corpo, quando folclorizado, vai ser anulado para ser compreendido enquanto mercadoria e ser vendido ou ser apropriado por pessoas que não pertencem àquele grupo, como acontece muitas vezes com a pessoa branca, que vai fazer uma trança, não pertencente àquele grupo étnico-racial e se apropria de um signo que tem um fundamento histórico, tem um contexto e que é pertencente a um determinado grupo.

Então, utiliza-se esses símbolos, esses artefatos, esses objetos, removidos dentro do seu contexto cultural original, até, muitas vezes, ofendendo e deturpando a origem daquele objeto e sua a função, muitas vezes religiosa, para colocar de forma inadequada, muitas vezes por moda, reduzindo à mera estética, de forma recalcada e recreativa, retirando seu valor político. Então, existem dois fenômenos ali, que é a folclorização e o processo de apropriação, indevida, e a folclorização é a partir dessa ridicularização, é a partir dessa exotificação.

Retomando a ideia dos aspectos do folclore e de seus estudos no Brasil, não podemos deixar de demarcar os elementos do folclore entre música, dança, festas populares, usos e costumes, crenças e religiosidades, artesanato, brinquedos e brincadeiras, linguagem e literatura oral, em determinados territórios brasileiros tudo que se considera folclore possui um marcador étnico, de raça ou cor, pois essas manifestações estão ligadas a uma corporeidade e a uma comunidade, a uma identidade individual e coletiva que se expressam nessas tradições.

Mas semelhante verdade não oculta a verdade maior de que o negro entre nós sofre daquela antinomia branco-europeia que lembrei de início, e que herdamos por via ibérica. Isso talvez possa um bocadinho consolar o negro da maioria dos apodos que o cobrem. É ver que o branco, o possível branco despreza ou insulta exclusivamente por superstição. Pela superstição primária e analfabeta de que a cor branca simboliza o Bem e negra simboliza o Mal. Não é porque as culturas afronegras sejam inferiores às europeias na conceituação do progresso ou na aplicação do individualismo; não é, muito menos, porque as civilizações negras sejam civilizações “naturais”. não foi inicialmente por nenhuma inferioridade técnica ou prática ou intelectual que o negro se viu depreciado ou limitado socialmente pelo branco: foi simplesmente por uma superstição de cor. Na realidade mais inicial: se o branco renega o negro e o insulta, é por simples e primária superstição. Em quase todos ou todos os povos europeus, o qualificativo “negro”, “preto” é dado às coisas ruins, feias ou maléficas. E por isso superstições e feitiçarias

européias e conseqüentemente nas americanas a cor preta entra num largo jogo. (ANDRADE, 2019, p. 85).

Então, do popular, denota essa origem do próprio folclore. Tornada normativa pela tradição, é uma frase um tanto quanto, podemos dizer, controversa por si mesmo. Porque o folclore é tradição, a folclorização não, é normativa. O folclore e folclorização normativa é justamente entendendo como raça, etnia e cor estão interligados ao racismo na representação desses personagens. A cor e etnia se destaca no folclore a partir dessa superstição de cor que Mário de Andrade estabelece o bem e mal ou o belo e feio, estabelecidas pelo branco x preto (e podemos inserir as representações também indígenas).

A raça, etnia e cor no folclore seria tanto no seu processo de estereotipificação quanto se apresenta na nomeação das representações negras e indígenas, ou seja, de forma em que são criadas alegorias para se representar estas determinadas culturas, seus personagens e características. Mario de Andrade vai chamar de “superstição de cor” na sua obra *Aspectos do Folclore Brasileiro* em que liga tudo que for negro ou preto às coisas ruins, feias e maléficas. Por exemplo, em *Macunaíma*<sup>36</sup>, obra clássica do folclorista Mário de Andrade, em uma das suas passagens, o personagem e anti-herói apresenta diversos rótulos ligados historicamente à população negra: como preguiçoso, hiperssexualizado, malandro, entre outros absurdos atribuídos ao personagem que se caracteriza pelo processo de folclorização. E continua:

Na feitiçaria e na superstição europeias agem o galo preto, o gato preto, o porco preto, a ovelha preta, o papão negro, o bode preto e etc. Em Portugal se diz que é bom ter sempre uma galinha preta em casa, porque as desgraças cairão todas sobre a ave<sup>9</sup>, [...] (ANDRADE, 2019, p. 86).

---

<sup>36</sup> Macunaíma (1986) obra de autoria de Mário de Andrade. Aqui nos referimos a emblemática cena/ trecho do texto que narra a teoria do branqueamento, através dos personagens Macunaíma, Jiguê e Maanape. Cita o trecho: “[...] O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou: — Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz. Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifava toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou: — Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!”

Nesta abordagem o autor justamente fala sobre o folclore não se reduzir à imagem ou estética do que é folclore, mas sua produção: seus cantos, aos seus hábitos, costumes, gestos, superstições, que são resultados do folclore. O folclore enquanto fenômeno social, que acontece a partir do convívio em sociedade, a partir do convívio dessas comunidades e dessa produção cultural, ou seja, o folclore, ele advém da criação do homem, não tem como analisar o folclore sem analisar o indivíduo, sua cultura e sua identidade e as relações estabelecidas a partir desses fatores sociais. Nessa relação, é importante essa interrelação: cultura, raça, identidade e etnia.

*Dia do Folclore, Dia da Consciência Negra*, ou ainda o *Dia do Índio*, constroem de maneiras pontuais alegorias lúdicas, anti-pedagógicas, quando a abordagem não é transversalizada e se resume apenas ao estético: os adornos da baiana de acarajé, o saci, as indumentárias indígenas, roupas que referenciam pessoas escravizadas ou ainda a Iara, o Curupira, enfim, diversos personagens se tornam fantasias, tanto de vestimentas quanto no imaginário. Os personagens traduzem uma racialização do folclore, com demarcação de raça e etnia, diante do fato que geralmente os personagens indígenas e negros majoritariamente compõem os elementos do folclore brasileiro.

Para construirmos uma sociedade sem racismo, é imprescindível entender que a erradicação, extinção ou redução de práticas racistas – aquelas que são transmitidas culturalmente por gerações e estruturadas socialmente, economicamente e politicamente, inseridas no comportamento cotidiano da população – no caso a folclorização de identidades negras e indígenas a partir do folclore, este devendo ser representado por personagens decoloniais essa emancipação da construção de folclorizações ocorrerá por meio de uma educação que valorize as diferenças sem necessariamente recorrer a alegorias e estereótipos. Em outras palavras, devemos promover a construção identitária a partir da diversidade pluriétnica desde a infância, de modo a consolidar iniciativas antirracistas e produtos culturais educativos (como coletivos de contação de histórias, poesias, livros didáticos, filmes) que desconstroem imaginários racistas que são refletidos na folclorização.

Durante o vídeo de Kananda Eller sobre o *Dia do Folclore* é possível identificar a proposta de se pensar em um Folclore que entenda a importância de se pensar em práticas educacionais que entendam perspectivas dos povos indígenas e negros. Sendo reforçado também nos espaços educativos, formais e não formais:

*[...] Assim como os indígenas, é impossível pensar que a história do negro começa na escravidão já que temos conhecimentos científicos e filosóficos usados até hoje, construídos por povos em África, como o cultivo do café, fermentação, mumificação e que não estão sendo reforçados no currículo escolar. A Petronilha Beatriz fala que as escolas surgem no Brasil para negros, indígenas e asiáticos como forma de assimilação da cultura europeia. Onde eles eram obrigados a esquecer sua cultura para aprender outra e se tornar civilizados. Mudou alguma coisa hoje? (Kananda Eller, 2022, Instagram)*

Então, as culturas e identidades negras e indígenas, em alguns contextos nomeados enquanto folclore, sob uma perspectiva escolar decolonial, devem estar no currículo, de acordo com as normas e as diretrizes da educação (BNCC)<sup>37</sup>, contemplando a abordagem de todas essas complexidades de temas amplos já previstos nas leis 10.639/2003<sup>38</sup> e 11.645/2008<sup>39</sup>. Essas leis tratam justamente do estudo das culturas, línguas, costumes, história e memória, abrangendo os diferentes aspectos e manifestações culturais afro-brasileiras e indígenas, que devem ser explorados durante todo o ano e não apenas de forma festiva e/ou com uma frequência pontual.

Kananda Eller destaca os “*conhecimentos científicos e filosóficos que ainda hoje são utilizados e foram desenvolvidos por povos africanos, como o cultivo do café, fermentação e mumificação, mas que não estão sendo valorizados no currículo escolar*”. Ela critica como esse pensamento acaba reforçando a exotificação e a estética dessas culturas, sem abordar toda a complexidade das comunidades envolvidas, suas diversidades, tanto no Brasil quanto na África, incluindo seus países e cidades. Além disso, aponta para o fato de que o continente africano e os povos indígenas da América Latina no Brasil compartilham temas importantes a serem abordados. Assim, o foco

---

<sup>37</sup> Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas.

<sup>38</sup> 10.639/2003 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>

<sup>39</sup> 11.645/2008 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)

acaba sendo retirado das manifestações, expressões e lutas identitárias, bem como do letramento racial, limitando-se apenas para abordagem dessas culturas em comemorações, em datas festivas, sem incluir essas questões de forma contínua no currículo ao longo da vida escolar.

Para tratarmos sobre folclorização no ambiente escolar, faz-se necessário abordarmos rapidamente as práticas de educação antirracista, por exemplo, nas escolas, nas festinhas temáticas. Como narrado pela Kananda Eller @deusacientista, a própria história da criação das escolas no Brasil perpassa por esse apagamento e assimilação da cultura europeia, assim como imposições de narrativas e versões sobre sua própria cultura. Essas narrativas foram perpetuadas por leis, cartas e outros registros oficiais e também orais, um discurso e narrativa de folclorização histórica. E acrescenta:

*[...] Eu quero ver a ciência, filosofia e visões de mundo dos indígenas e negros de hoje e de antes o reconhecimento de que nós somos inferiorizados e nunca inferiores. Estampadas nos currículos das instituições de ensino. Mas e você? ( Kananda Eller, 2022, Instagram ).*

Esse desejo narrado por Kananda Eller na transcrição acima traduz a proposta de que uma desfolclorização a partir da raça e etnia deve valorizar e positivar as epistemes/saberes, as histórias e as identidades e suas representações que, por mais que as pessoas considerem “inofensivas”, “recreativas” ou “festivas” que essas alegorias possam parecer, carregam estigmas e preconceitos inestimáveis, configurando o que ela chama de representações do folclore inferiorizadas. Uma proposta de educação que inverta os olhares e possa re-centralizar, como ela afirma no vídeo: “*a ciência, filosofia e visões de mundo dos indígenas e negros de hoje e de antes*”.

A Educação Antirracista<sup>40</sup> Gomes (2005) é central para a promoção de uma educação emancipatória em prol da desconstrução do racismo e intolerâncias às diversidades, seja nos ambientes educacionais, seja nas relações pessoais-raciais-afetivas. Os conteúdos planejados e ensinados nas salas de aula não devem ser isolados dessa vida em sociedade e dos valores éticos morais de direitos humanos.

---

<sup>40</sup> Educação Antirracista - O conceito de Educação Antirracista passa por uma educação contra o racismo e intolerância às diversidades nos espaços escolares, principalmente no que se refere aos conteúdos abordados na sala de aula (teoria) em consonância com as ações e relações pessoais (prática). Portanto uma educação decolonial para a valorização de epistemes/saberes de matrizes africanas e indígenas. A autora Nilma Lino Gomes (2005, p. 59) nos apresenta a importância dos movimentos sociais negros para pensar sobre uma proposta de educação antirracista.

Sendo assim, através da educação antirracista os questionamentos primordiais serão feitos: Por que geralmente a cultura ligada a matrizes africanas e indígenas são folclorizadas ou ditas folclore? Por que, muitas vezes, as histórias ligadas a estes grupos são consideradas lendas e mitos? E mais: Por que a criação de estereótipos, clichês, ridicularizações e demais padrões de entretenimento são criados a partir dessas culturas?

Neste ponto, entendemos a importância da educação antirracista para fomentar os questionamentos, porém se configurando como um novo tópico ou tema de análise que necessita de maior aprofundamento, a ser explorado em outras obras de referência neste nicho de estudo, não sendo objetivo nessa pesquisa o aprofundamento do racismo e folclorização nos contextos educacionais. A intenção aqui é abordar a folclorização e como o campo da educação antirracista contribui para erradicação do fenômeno.

### **3.3 Mitos, lendas e narrativas exóticas**

Quando falamos das chamadas narrativas exóticas brasileiras na cultura e folclore, muitas vezes nos deparamos com criaturas intituladas míticas, muitas criadas a partir de histórias contadas de geração a geração, resultante do popular e do senso comum. Porém, essas histórias contêm demonizações, terrorismos e arquétipos, por exemplo: a figura do saci, da iara ou da caipora, ou ainda de tia Anastácia, ou demais personagens, cada um/a enquanto alegoria e portador de características associando o personagem racializado a algo ruim.

Para a análise das narrativas exóticas retomamos o vídeo de Bárbara Carine sobre Folclore, trazendo a problemática de algumas lendas, mitos e representação dos seus personagens que possuem características identitárias negras e indígenas. No vídeo ela enfatiza:

*[...] Uma outra questão também é sobre as lendas. A gente vai ter aí a lenda do saci, saci é um menino endemoniado, saci é um menino preto que, enfim, que ninguém quer ter perto. O boto cor de rosa, que é um homem vira um homem em cada porto sedutor engravida uma mulher e vai embora. Além da mula sem cabeça que casa com o padre e a mulher é punida e vira uma mula sem cabeça. Enfim, tem umas questões meio complicadas do folclore. (Bárbara Carine, 2022, Instagram).*

O *saci-pererê*<sup>41</sup> de representação negra é retratado no senso comum como perverso e malandro, o *saci* desmistificado<sup>42</sup>, sabemos da origem indígena, guardião das matas, inclusive a existência de um *saci* de origem negra de duas pernas<sup>43</sup> (*saci* de uma perna mutilado por conta da violência do racismo) e a *caipora*<sup>44</sup> como traiçoeira e enganadora (em sua origem não folclorizada um espírito da floresta, orientadora e sábia). Bárbara Carine ainda cita ainda os personagens: *boto cor de rosa e mula sem cabeça* (lendas comuns no Norte e Nordeste do Brasil), a depreciação desses personagens advém de um processo que podemos chamar de lendificação negativa que relaciona sempre os personagens dessas fábulas a algo ruim, sendo positivo a desconstrução dessas características para condizer com a origem e povo que cada personagem representa.

Outro vídeo postado no instagram<sup>45</sup> que pode contribuir para a reflexão são os conceitos, apresentados por Genilson Taquari Pataxó<sup>46</sup>, de *Índio do Imaginário Popular* (exotificado) e *Indígena Real* (não folclorizado), para exemplificar o que seria um processo de folclorização do ser indígena. Taquari Pataxó afirma:

---

<sup>41</sup> O *saci-pererê* é um ser mítico que habita as florestas e tem como grande característica resultante de um imaginário racista a imagem de ser travesso e pregar peças nas pessoas. Personagem também retratado na obra *Sítio do Picapau Amarelo* de Monteiro Lobato. Ver Tia Anastácia.

<sup>42</sup> O livro “*Jaxy Jaterê*” (2023), de Geni Núñez, nos apresenta a figura do *Saci Guarani*, também conhecido como “*Djatchy*”.

<sup>43</sup> Em uma de suas histórias o autor Jorge Conceição na Obra “*Saci Zumbi e Caipora*” reúne o “*Saci Príncipe Encantado*”, a “*Princesa Caipora*” e “*Zumbi, o Rei dos Palmares*”. Na recriação, o *Saci* possui duas pernas, ao invés de apenas uma, e é dono de uma horta orgânica e amigo das crianças e dos animais da floresta.

<sup>44</sup> A *Caipora*, que possui os pés voltados para frente, é flautista e educadora infantil, além de ensinar o caminho de volta àqueles que se perdem nas matas. Recontando estas histórias e muitas outras, Jorge Conceição pretende resgatar a autoestima de crianças e jovens afrodescendentes com a na obra “*Saci Zumbi e Caipora*” .

<sup>45</sup> Acesso ao vídeo *Índio Imaginário e Indígena Real*: <https://www.instagram.com/p/CqqqYpXp5kk>

<sup>46</sup> Genilson Taquari Pataxó. Ver imagens nos anexos nº 11 e nº 12. *É Indígena do Povo Pataxó* (Bahia - Brasil). Graduando em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência nas áreas das Ciências Sociais, Direito, Educação, especialmente em Educação Escolar Indígena. Para saber mais acesse: <https://petcindigenas.ufba.br/genilson-dos-santos-de-jesus-taquary>

*Imaginário Popular. O que é o indígena do imaginário popular? Ele só existe no imaginário popular. É o indígena que é equiparado, é equiparado à ao Saci Pererê, é equiparado à mula sem cabeça. Portanto, esse índio do folclore, esse índio do imaginário, só existe no imaginário popular. Ele é irreal, ele não existe, é uma criação, é uma ficção, é uma ilusão popular. Alguém acredita em lobisomem, acha que que fato ele existe? A mula sem cabeça? (Genilson Taquari Pataxó, 2023, Instagram).*

Devemos também situar que o processo de folclorização é um termo muitas vezes associado ou discutido dentro do âmbito escolar, o qual já conhecemos, de construir, por exemplo, um imaginário de “índio”, uma fantasia, uma identidade irreal que não traduz a diversidade étnica indígena. Novamente, retomamos os personagens do folclore como *Lobisomem* e *Mula sem Cabeça* de lendas, para retratar que o personagem “índio” não existe na vida real, apenas no imaginário popular e criticar a abordagem da temática indígena ou a temática africana, afro-brasileira apenas nessas datas comemorativas. Ele contrapõe:

*[...]Os indígenas reais, quem são eles? É o Taquari Pataxó... Os indígenas reais são indígenas que não ficaram lá no passado. Ele não ficou lá no passado. Ele não ficou no século XVI. Esses indígenas, eles continuam a viver, continuam a existir. São várias formas de matar, são várias formas de violência que nós sofremos, mas mesmo assim, nós sobrevivemos e lutamos para a nossa existência física e cultural ainda hoje. (Genilson Taquari Pataxó, 2023, Instagram).*

Nessa oposição, vem o termo indígena que melhor representa os povos originários no sentido de desconstrução dessa folclorização, o termo “índio” associa a cultura e identidade da categoria “Outros”<sup>47</sup>, que, ao longo da história, foi possível observar movimentos de estereotipificação do “ser exótico”, corpos negros e indígenas romantizados, primitivados, sexualizados, não apenas a nível estético e material, ultrapassando para uma dimensão simbólica de existência, ideológica, humanitária, a nível de colonização de corpos e imaginários.

Para a compreensão do termo lenda as fábulas e narrativas, trago algumas citações, no sentido de elucidar algumas conotações que o termo pode ter em determinados contextos, por exemplo, Fanon (2008) na sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, cita algumas lendas comumente associadas ao processo de colonização:

Nem todos os povos estão aptos a ser colonizados, apenas aqueles que têm

---

<sup>47</sup> Referente à exotificação, considerando uma cultura estranha ou cultura absurda, bizarra. Sempre o olhar classificando como “Outros”, hierarquizando, geralmente estrangeiros da terra.

essa necessidade. E, mais adiante: Em quase todos os lugares onde os europeus fundaram colônias do tipo que atualmente está ‘em questão’, pode-se dizer que eram esperados, até desejados, no inconsciente de seus súditos. Por toda parte, lendas os prefiguravam sob a forma de estrangeiros vindos do mar e destinados a trazer benefícios. (FANON, 2008, p. 83).

Podemos, a partir dessa citação, exemplificar, uma lenda muito contada em que as próprias pessoas negras africanas escravizaram outros negros africanos, uma lenda popularizada justamente para ocultar, ou simplesmente desfocar a responsabilidade do processo histórico em que a colonização foi dada em larga escala pelo continente europeu, por exemplo a lenda em formato de canção “Escravos de Jó”, que narra a fuga de pessoas escravizadas. Assim como essas outras lendas contadas que, por exemplo, existiu colônia de povoamento e colônia de exploração, em que uma colônia seria menos violenta ou menos exploratória que a outra. Outra lenda é justamente do romance entre uma “índia que se apaixona pelo homem branco” (*Iracema, Paraguaçu*), uma romantização da violência histórica das mulheres indígenas.

Então, podemos perceber, nessas lendas (mal) contadas, que sempre trazem esse caráter que é, justamente, o elemento do sub-humano, esse elemento fantasioso, de ficção, que foi perpetuado, transmitido através da oralidade e perdurou por gerações, mas que também traz essa característica incidindo a partir do fenômeno racial, tanto negro e quanto indígena, que é justamente o processo de sub-humanização e construção de lendas que o caracterizam como passivos, como pessoas que mereciam ou queriam ser escravizadas. Em contraponto, há uma outra narrativa e lendas que, justamente, construíam o imaginário de que esses estrangeiros, ou essas pessoas brancas, exploradoras significariam uma conotação de progresso, de construção, de uma lógica de conquista, por exemplo os bandeirantes vistos como heróis da pátria em detrimento de uma outra narrativa, a qual já sabemos, exploração de recursos naturais e perseguição dos povos originários.

Aqui neste ponto, antes de partimos para o conceito de mito, importante enfatizar a diferença entre mito e lenda abordados nesta pesquisa. No caso mito representa a narrativa histórica (podendo ela ser fantasiosa ou não) elementos da cultura e ainda história relacionado a mitologias e lenda se refere as histórias, fábulas, fatos (reais ou fictícios) transmitidos oralmente produzidos neste contexto histórico. A folclorização é o processo final, resultante de mitos ou lendas associadas a

representações negras e indígenas seja no folclore ou demais contextos, associando sempre a exotificação, estereótipos e demais imaginários negativos ou invalidados.

A lendificação<sup>48</sup> conceito que proponho aqui no texto, significa tornar lenda histórias de determinados povos e devido à folclorização, a nomenclatura também surge como uma representação do traço de apagamento cultural do valor histórico e identitário de um povo. Esse termo surge, para identificar o não reconhecimento de uma estratégia de dominação em massa em associar: reis, rainhas, pajés, guerreiros. A ideia se inspira em Beatriz Nascimento, que afirma: *como associar “caçadores natos” [negros e indígenas] à imagem de preguiçosos ou fracos, estes que derramaram seu sangue para a proteção dos seus descendentes, suas tradições e sagrado.*

A questão dessa diferenciação nos ajuda na associação do termo no processo de desmitificação (desconstruir mitos) e mitificação (tornar mitologias, culturas ou histórias mitos) do que historicamente é considerado mito, ou não deveria ser mito, enquanto a construção de uma narrativa real em ficção, ou a adesão de uma estória fantasiosa enquanto realidade, ambos o mito no contexto de folclorização.

Os mitos continuam a serem mitos, as lendas continuarão a serem lendas, o que é importante trazer nessa reflexão é o processo de mitificação e lendificação de culturas populares e identitárias indígenas e negras que representam justamente tornar mito ou lenda no sentido de desqualificação dessas manifestações retirando-lhes características essenciais que as humanizam e centralizam na disputa de narrativa.

O mito, por si só, é verdadeiro, mas dependendo do que ele aborda e de quem trata, essa construção pode não ser autêntica. Portanto, o fato de algo ser um mito não o torna necessariamente verdadeiro ou falso; ainda assim, continua sendo um mito, pois reflete a própria cultura em diferentes aspectos e perspectivas podendo ser folclorizado (mito) e não folclorizado (mitologia).

O exótico se associa em um primeiro momento de reflexão à dimensão estética do corpo, em sua tipificação e significado, o que é excêntrico, diferente, primitivo,

---

<sup>48</sup> Lendificação - termo apresentado a partir da lógica das palavras: Coisificar: tratar algo ou alguém como coisa; Mitificar- Tornar algo em mito. Lendificar / Lendificação - Ato ou efeito de tratar alguém e/ou seus símbolos culturais identitários como lenda, fantasia. Tornar as histórias de determinados grupos narrativas fantasiosas. Neologismo criado pela autora.

esquisito, atrativo, extravagante. O que seria o contrário do padrão classificado como exótico? O que seria a norma expressa diretamente no fazer da língua, da cultura, do folclore ou dos corpos nos territórios brasileiros, onde se reside pretos, indígenas, asiáticos, demais categorias não brancas que, em diversos embates históricos, resistiram à exotificação e ao silenciamento das suas manifestações? Como dizia Chimamanda Adichie (2009), não contemos uma história única, não existe, nem sobre Brasil, nem sobre a Nigéria, nem em nenhum outro país do continente da África, assim como não foi única nos países provenientes das Américas ou países do continente Europeu.

Neste caso, se destaca a folclorização da temática indígena. O mito, a depender do seu contexto, pode ter significados distintos a partir de um referencial, seja ele negativo ou positivo, verdade ou mentira, folclore ou folclorização, no caso, falaremos aqui do mito do negro e o mito do indígena e o conceito de mito. O mito pode abordar estereótipos (mito da democracia racial), serem fantasiosos (estórias e causos, contos) ou ainda abordar narrativas identitárias reais ou que se tornam crenças, religiões, culturas.

O mito é uma fala, um discurso – verbal ou visual – uma forma de comunicação sobre qualquer objeto: coisa, comunicação ou pessoa. Mas o mito não é uma fala qualquer. É uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em “natureza”. Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas. (SOUZA, 2021, p.54)

A partir da citação de Souza (2021) através da obra “Tornar-se Negro”, no capítulo *Mito do Negro*, a autora fala do mito ser um “discurso verbal ou visual”. O mito se embasa muito nesse significado que já relatamos: a voz, a fala e o discurso na oralidade. Porque o mito é) uma história ou uma versão da história criada sobre algo que será contado pela oralidade ou escrita. Então, em diversos contextos pode-se criar um mito sobre uma comunidade, você pode criar um mito sobre uma identidade, você pode criar um mito sobre um determinado lugar, você pode criar diversos mitos sobre coisas ou sobre populações, mas o mito não se configura como uma fala qualquer que a autora cita, o mito tem uma importância de caráter histórico.

O mito, na história, é uma representação dessa história. Então, é uma representação e chega a ser uma qualificação dessa história, desses costumes, dessas memórias, a fim de expressar determinados pensamentos e filosofias. É a partir daí que

o mito ou a mitificação de algo ou as mitologias trazem a responsabilidade do que se categoriza enquanto mito ou não.

Porque o mito, como já foi dito, pode ter uma representação tanto colocando aqueles episódios do passado quanto episódios verídicos enquanto uma representação fantástica, uma representação errônea. Na leitura de Souza (2021), o mito é uma construção que pode produzir um cenário ilusório, uma ideologia, pode esconder o real, dar uma conotação de algo que não é real, algo mentiroso. Porém, não é de todo mentiroso, ou de toda verdade, porque o mito é o resultado de uma construção social.

Promover essa discussão dentro de uma perspectiva decolonial, antirracista, implica abordar a religiosidade sob uma ótica de diversidade, originada de múltiplas rotas, territórios e países. Isso inclui valorizar e reconhecer a diversidade de culturas, línguas e nações, retratando histórias que até então não foram contadas.

O mito do conquistador branco, por exemplo, muitas vezes tornou uma narrativa apenas do ponto de vista dos colonizadores como real, algo que hierarquizou e categorizou outros hábitos e saberes como absurdo, fantasioso ou estereotipado, apenas com uma versão dos fatos que não condiz com a realidade, criando hierarquias entre culturas e o processo de violências e aculturação, a partir de uma falsa história que silenciou comunidades determinando o que é mito, como algo ligado ao primitivo, aos povos africanos e aos povos indígenas, e o que não é, considerado a história e o legado de povos eurocêntricos como civilizado, humanizado.

O mito da salvação da instituição igreja também foi muito perigoso e ainda é perigoso nas missões que fazem nas comunidades indígenas para a conversão à religião católica. E o mito da impureza do negro e dos indígenas, também propagado pela igreja, seja pelos seus batuques e suas danças, seja por os traços identitários e culturais, os quais, futuramente, se considerariam folclores. E esse mito vem historicamente ligado à igreja que vem junto com o processo de catequização religiosa e também cultural-linguística. Afinal, se você dominasse a língua portuguesa, você poderia ter uma ascensão para acesso à salvação e acesso aos conhecimentos europeus. Podemos citar, então, diversos mitos que foram propagados durante o processo de escravização até os dias atuais. Um dos mitos diz: “os próprios negros escravizaram os negros”,

mitos de conveniência ao qual se mostrava a legalidade, a generosidade, a benevolência da igreja e do governo de Portugal com os povos negros e os povos indígenas.

A folclorização pode ser comparada com essas campanhas, esses movimentos de falsificação dos fatos históricos e distorções da realidade, como Abdias Nascimento discute em sua obra *O Genocídio do Negro Brasileiro*. A demonização das religiões de matriz africana e o mito do diabo. E o mito da concepção de quais culturas seriam consideradas mitos e quais história clássica da humanidade.

Outro mito, aqui caracterizada enquanto mito na citação de Neusa Santos Souza quando ela fala sobre a superpotência sexual. O que seria essa superpotência? Seria o processo de hiperssexualização dos corpos negros, das mulheres negras, dos homens negros africanos, afro-brasileiros, num processo de comportamento físico vantajoso, de conotação, utilização e acesso desses corpos, somente reduzidos ao processo da sexualidade. Importante dialogar sobre o processo de exotificação que advém a partir dessas histórias contadas: a lenda também do homem negro que é justamente reduzido ao seu pênis, por exemplo relatos de experiências sexuais com homens negros, inclusive, de construção historicamente, do mito do estuprador e o porte físico hiperssexualizado ou viril, fértil sendo estigmatizado.

A superpotência sexual é mais um dos estereótipos que atribui ao negro a supremacia do biológico e, como os da resistência física e “sensibilidade privilegiada”, reafirma a representação de animalidade no negro, em oposição à sua condição histórica, à sua humanidade. Assim, os traços que poderiam caracterizar o negro como superior, são aqueles que simbolizam uma verdadeira inferioridade e definem a besta. (SOUZA, 1983, p.03).

Essa superestima da superpotência sexual, como a autora chama, seria um processo também de sub-humanização desses corpos, porque eles estão reduzidos apenas às suas genitálias e às construções fantasiosas a respeito desses corpos através das quais justamente se constrói essa visão fantasiada de que esse corpo ali está acessível, esse corpo ali está para servir a uma expectativa sexual, inclusive até os dias de hoje, seja na performance sexual, seja na construção da mulher negra em um corpo mais quente, mais exótica.

Para simplificar, a autora traz as determinações econômicas, políticas, ideológicas e psíquicas. E aí que vem a questão da construção do mito sobre o negro, o

mito sobre o indígena, o mito sobre o amarelo, porque justamente a construção de mito não se limita ao próprio mito criado.

Você pode desconstruir esses mitos, no caso, se forem mitos errôneos ou você pode reafirmar esses mitos, no caso, se forem mitos que condizem com as crenças, religiões que condizem com a realidade. Se faz necessário trazer essa construção histórica social, política identitária do que é o mito, para não condenar ou generalizar a palavra, o termo mito traz um sentido e uma concepção social complexa.

O mito depende do contexto, para que a gente identifique se existe uma construção estereotipada daquele indivíduo, daquele objeto, na construção desse mito, ou mitificação, ou folclorização ou se existe uma valorização nesse mito, nessa mitologia, uma mitologia africana por exemplo é preciso observar se existe alguma depreciação, inferiorização ou reprodução de discursos preconceitos da representação, enquanto “folclore”, sendo esse termo talvez inadequado ou problemático para se referenciar aos dos fazeres e saberes enquanto mitologia, enquanto identidade os mitos que compõem a cultura.

O conceito de mito referido nesta pesquisa se relaciona com o processo de aculturação e apropriação, ao longo da história, dos povos originários - adaptação a políticas contínuas, genocidas e de colonização dentro dos períodos históricos - dos sistemas de opressão e insurgências, principalmente no sentido da construção da identidade nacional brasileira - e o processo de folclorização destas identidades - e destes/destas sujeitos/sujeitas culturais: povos de ancestralidade indígena, africana e afrobrasileira, denominando-as como mitos, lendas, culturas exóticas, sinônimo de fábulas ou histórias inferiores, mentiras ou apenas inexistentes com o silenciamento, invisibilização e estereotipificação.

Existem lacunas relacionadas à construção do protagonismo e da História dos Povos Africanos nas diásporas e dos povos tradicionais originários das Américas pré-coloniais. Centralizar essas narrativas são essenciais para novas versões (ou não tão novas) da história, com ricas reflexões e representações, assim como registros históricos que não objetificam, mas que re-contem essas histórias, muitas vezes invisibilizadas e distorcidas.

Aqui nesta seção, foi possível compreender as origens do folclore a disseminação do folclore brasileiro a partir de uma ótica da racialização (entendendo raça e etnia nas representações folclóricas brasileiras: saci, caipora, lobisomem, com o questionamento o folclore tem cor, além da diferenciação do índio imaginário (folclorizado) e indígena real (não folclorizado). A folclorização dos saberes identitários e culturais muitas vezes intitulados folclore. Trabalhamos também o conceito de lenda, mito, narrativas exóticas, além de compreender os processos de lendificação e mitificação negativas, as diferenciações entre ambos.

## 4. LÍNGUA, LINGUAGEM E RACISMO

A seção se embasa nas relações entre língua, linguagem e racismo, a partir das relações de poder, epistemicídio, linguicídio e racismo linguístico. As reflexões são apresentadas a partir da análise dos vídeos de Geni Núñez, Ana Maria Gonçalves e Lélia Gonzalez. São abordadas representações históricas como o estigma da imagem do índio ligado à ideia errônea de preguiça, renomeação e apagamento de nomes indígenas e negros africanos assim como a representação da mulher negra (mãe preta, mulata e doméstica).

### 4.1 Linguagem, Racismo e Poder

A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico. (COELHO e MESQUITA, 2013, p. 25-26).

A língua<sup>49</sup> se mostra fundamental para a constituição das sociedades e para compreensão dos ditos valores éticos e democráticos de uma nação, configurando-se enquanto elemento fundamental como afirmam Coelho e Mesquita (2013), nas palavras das autoras, a língua: “envolve todas as ações e pensamentos” e ao seu falante “permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico”. Neste ponto é importante refletir que a língua é espaço de interações, dominações, construção do que é considerado indivíduo, conhecimento ou mesmo cultura e suas relações de poder.

Para análise dos conceitos, trazemos, enquanto objeto de análise, fala de Geni Núñez<sup>50</sup>, ativista indígena Guarani, escritora, psicóloga, através do vídeo publicado no Instagram<sup>51</sup>. O trecho do vídeo é uma entrevista dada para o prêmio SIM 2024. A

---

<sup>49</sup> Língua, aqui neste texto compreendida na perspectiva da linguística enquanto códigos que permitem a comunicação e linguagem entre indivíduos e suas trocas culturais.

<sup>50</sup> Geni Núñez. Ver imagens nos anexos nº 13 e nº 14. Doutora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), na linha "Gênero e suas inter-relações com geração, etnia e classe". Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UFSC), na linha "Processos de subjetivação, gênero e diversidades". Graduada do curso de Psicologia da UFSC. Para saber mais acesse: <https://www.escavador.com/sobre/8849838/geni-daniela-nunez-longhini>

<sup>51</sup> Acesso ao vídeo trecho da fala Prêmio SIM: <https://www.instagram.com/p/C3qwcUvOuNK>

proposta desta seção é fazer entrecruzamentos entre a fala do vídeo e os conceitos aqui apresentados.

Através da língua se faz viável a comunicação de toda a complexidade da existência de povos, suas características, diferenciações, leis, sentimentos, conquistas e demais elementos culturais. Sem a língua não é possível falar sobre nós mesmos ou mesmo narrar uma versão sobre a criação do mundo, dos saberes, da concepção de humanidade ou de construções perversas de sub-humanidade.

A língua não é inalterável ou mesmo se utiliza de códigos ou padrão únicos, pois ela, no seu exercício, traz movimento, flexibilidade, mudança, adaptabilidade, diversidade, aspectos inerentes a qualquer falante/sujeito de uma comunidade que se utiliza da linguagem <sup>52</sup>para transmissão de saberes. A língua jamais será intacta ou neutra, como afirma Pinto (2012, p.74) ao enfatizar as relações da Sociolinguística<sup>53</sup> nos fenômenos de variação e mudança. Continuando a linha de pensamento, e, a partir de uma ótica de racialização, a questão sobre a não neutralidade da língua, Batista (2021) ao referenciar Lima e Silva (2020), nos convoca a refletir sobre a centralização das epistemologias brancas enquanto universais e ‘neutras’ para a manutenção das estruturas coloniais de poder.

Quando falamos sobre registros históricos sobre a população indígena “pós-descobrimento” no Brasil, existem inúmeros documentos, cartas, obras, relatos escritos na língua portuguesa, produzidos por viajantes colonizadores que retratam a figura chamada de “índio/a”, ou seja, pessoas indígenas folclorizadas. Geniz Núñez reflete na sua fala: *“Os xingamentos mais comuns que nós, pessoas indígenas, ouvimos é de que nós seríamos preguiçosos.”* Desta forma podemos refletir as versões da narrativa da conquista ao poder da língua: como a determinação de regras, de padrões sociais, costumes, hierarquias, denominações, além das relações de dominação.

O caso do português na norma culta e a construção da identidade brasileira ocorre historicamente a partir de um ideal hegemônico que nega os elementos africanos, afrobrasileiros e indígenas, uma distorção identitária à medida que o genocídio avançou

---

<sup>52</sup> Linguagem, na compreensão da linguística, a partir da língua ou demais expressões as formas de se comunicar, seja oral, corporal, visual, entre outras.

<sup>53</sup> Sociolinguística é a área dentro do ramo da linguística que estuda as relações entre a língua e a sociedade.

historicamente nas populações habitantes no nosso território. Então, a visão de preguiçosos surge à medida que os povos indígenas criam estratégias anti-dominação e anti-escravização, com recusa ao trabalho compulsório. Proponho, através da língua, refletirmos sobre a desmistificação dos descobrimentos enquanto algo determinante (versão dos conquistadores sobre os conquistados) e as complexidades que envolvem o processo da História das Américas e da Colonização.

Podemos afirmar que a educação formal não dá conta (ou não tem interesse) de narrar as complexidades históricas a respeito das atrocidades da colonização. Antes da colonização, estima-se que o Brasil era ocupado por quase 5 milhões de indígenas. A presença muda radicalmente, pois no cenário de atualmente: há 450 mil povos originários por todo território brasileiro Potiguara (2024), sendo assim, a partir desse contexto, podemos identificar os impactos da colonização e os fenômenos do genocídio, epistemicídio e linguicídio.

Retomando a análise do vídeo de Geni Núñez, ela afirma que o pensamento de que as pessoas indígenas são preguiçosas vem de uma herança do período histórico, podemos dizer, a versão da narrativa dos conquistadores, que não mencionam ou dimensionam as resistências e estratégias de luta das populações indígenas:

*[...] Isso é uma herança desse período histórico, que traz essa narrativa de que os povos indígenas não teriam aceitado a escravização e, por isso, houve, então, o tráfico de pessoas de África para cá. (Geni Núñez, 2024, Instagram)*

Primeiramente, ao escutarmos ou lermos uma história (no caso dos historiadores, ao investigar as fontes históricas), sempre nos deparamos com relatos, cartas e registros, e nos perguntamos de forma crítica: quem é o narrador? Aqui é pertinente mencionar os povos africanos e indígenas, que ressignificam o termo da gramática para a história, sendo os "narradores ocultos" ("observador que não participa da história", segundo a narrativa dos colonizadores), mas que possuem conhecimento profundo sobre o que acontece no íntimo dos personagens (a ciência dos fatos do outro lado das batalhas), oferecendo comentários e críticas, neste caso, por meio de outras perspectivas sobre a Colonização. Então a quem interessa criar essas versões e estereótipos de passivos?

Ao alinhar a fala de Geni Núñez: *“herança desse período histórico, que traz essa narrativa”* com um trecho da obra do historiador Bruit (1996), que discute aspectos das civilizações pré-colombianas na América Latina, abordam-se a

participação política e o apagamento do protagonismo dessas civilizações na historiografia – o que é conhecido como a "história dos vencidos" (colonizadores). Além disso, Bruit (1996) propõe uma perspectiva que utiliza fontes históricas genuinamente indígenas para reconstruir as narrativas em torno da chamada “conquista”. Segundo o autor:

Alguém pode pensar, e com justa razão, que a ação dos vencidos aparece filtrada pela visão do vencedor. Mas, nesse caso, nos prendemos à hipótese de que a versão do vencedor só é possível a partir de seus próprios atos e, também, dos atos dos vencidos, de tal forma que essa visão e sua respectiva versão contém necessariamente a ação destes últimos, mesmo quando encoberta propositalmente. A recíproca é do mesmo modo válida, isto é, a ação dos vencidos, porque sub-reptícia, forma parte do conteúdo histórico do processo, mas, de alguma maneira, manifesta-se através dos próprios símbolos do vencedor. Então, é uma questão de poder traduzir os signos de uma ação para resgatar os da outra.(BRUIT, 1996, p. 80)

A citação acima de Bruit (1996) apresenta a visão do vencedor e a ação dos vencidos e este “filtro” que encoberta propositalmente fatos para a supervalorização de uma versão em detrimento da outra. A recíproca é verdadeira porque os símbolos do que seria resultado da ação dos vencedores sobre os vencidos não desapareceram, claro o que não nega o genocídio, mas afirma que ali existiram narrativas e letramentos ancestrais de reexistência<sup>54</sup> com signos que resgatam essa parte silenciada da história. Então, podemos levar em consideração os registros dos conquistadores enquanto importantes instrumentos também de opressão, os quais irão narrar a partir da visão de inferiorização, da postura violenta e da negação dessas populações.

Na fala de Núñez, no vídeo, destacamos: *“Mas há um outro subtexto nisso, que eu acho muito irônico, que é que se alguém é folgado ou preguiçoso, deveria ser quem escraviza, não quem é escravizado”*, ela expõe uma crítica contundente à narrativa colonial que rotulava os indígenas como preguiçosos por não se adequarem às normas de trabalho impostas pelos colonizadores. De um lado, há essa visão distorcida de que os “índios” não trabalhavam por preguiça, e, por outro, a realidade de resistências diversas à opressão e à imposição de rotina de trabalhos violenta. Núñez destaca que:

---

<sup>54</sup> Os letramentos ancestrais de resistências ocorriam de forma à promoção da emancipação e preservação dos saberes através do registros e transmissão pela oralidade, cartas, folhetos e manifestos convocando a população, através das manifestações religiosas e culturais tais como o samba, o toré, a capoeira, a caça, a alimentação, as línguas locais (detentoras e decifradoras) para a conscientização da importância da ancestralidade para a concepção de pertença identitária anticolonial. Inspirado no conceito Letramentos de Reexistência da autora Ana Lúcia Silva Souza.

*“ironicamente, é o colonizador que deveria ser visto como preguiçoso”*, pois se beneficiou da escravização, explorando corpos em uma lógica mercantil e ocultando suas próprias práticas opressivas. Essa exploração era uma forma de estabelecer e perpetuar relações de poder.

A língua possui uma interdependência do território ou origem. No caso, o termo “Língua Portuguesa” se estabelece e se concebe a partir de uma ótica do passado colonial, em que existiu um projeto de aculturação e controle em massa das relações de poder entre a metrópole e a colônia e também as relações de lutas e resistências. A língua portuguesa no Brasil foi um projeto colonial de se “construir um território totalmente português no Brasil”, numa lógica de posse, exploração e dominação hierárquica: comercial, econômica, e, também de subjugação identitária, cultural e linguística.

A ideia de língua está totalmente ligada à ideia de superioridade. Nessa direção, não há línguas sem sujeitos porque, retomando os conceitos do linguista e historiador russo Mikhail Bakhtin (1997), os sujeitos modificam a língua e a língua modifica o sujeito. Por outro lado, se quisermos mesmo admitir que não há línguas sem sujeito, não podemos esquecer que os sujeitos não são todos iguais. (NASCIMENTO, 2019, p. 17).

De acordo com Gabriel Nascimento (2019) cita, relacionando-se à ideia de Bakhtin (1997) enquanto conceituação de língua, é que ela está interligada à ideia de hierarquização ou superioridade<sup>55</sup>, não podemos relacionar o conceito de língua e seus falantes e registros escritos sem falar sobre as modificações que essas relações impactam na linguagem. Não há língua sem sujeitos, ou não podem ser analisadas sem contextualizar com a realidade desses sujeitos, a língua é modificada a partir das diversas interpretações e compreensões do mundo, por exemplo, as concordâncias e negações na própria língua. Já o pensamento de Baxter (2009), vai citar:

De qualquer forma, não se pode negar que esse movimento reflete a necessidade de uma reparação histórica em relação aos segmentos de indioscendentes e de afrodescendentes, que, tendo participado ativamente da construção das riquezas materiais e do patrimônio cultural do país, têm sido, ao longo dos séculos, alijados de seus direitos sociais e excluídos dos espaços institucionais e da cidadania. No plano linguístico, a contribuição dos segmentos indígenas e africanos para a formação da realidade linguística brasileira tem sido menosprezada, ora por razões ideológicas, determinadas por uma visão de “superioridade cultural” do colonizador europeu, ora por opções teóricas imanentistas, que circunscrevem à lógica interna do sistema

---

<sup>55</sup> Superioridade vem da noção de superior x inferior ou ainda melhor x pior seja na questão identitária ou ideológica.

linguístico as motivações para as suas mudanças. Os obstáculos ideológicos e teóricos se somam às dificuldades de realizar pesquisas de campo que possam recolher evidências empíricas consistentes da ocorrência no português brasileiro de processos de variação e mudança efetivamente induzidos pelo contato entre línguas, de modo que subsiste a lacuna acerca do real papel dos segmentos indíodescendentes afro-brasileiros na história linguística do país. (BAXTER et al., 2009, p. 27).

No vídeo, Geni Núñez afirma: *"Mas isso é incorreto em vários sentidos, porque a escravização indígena ainda segue nos dias de hoje, então ela não acabou assim como a polarização também não"*. Quando ela menciona "escravização indígena nos dias de hoje", faz uma referência direta a práticas como queimadas, desmatamento, garimpo ilegal, grilagem de terras e conflitos violentos oriundos da herança colonial de exploração e roubo de terras. Esses cenários refletem uma lógica genocida que continua a ameaçar as populações indígenas, perpetuando a exploração e a opressão que persistem até os dias atuais.

A língua sempre estará associada a uma conduta dentro da sociedade. Os modos que o autor Epalanga (2023) se refere: "Aprendemos os modos, a língua, os santos, aprendemos até a falar baixinho e a andar com os olhos postos no chão" é o padrão de comportamento muitas vezes esperado a partir de uma determinada cultura e/ou imposição.

Por exemplo, as sociedades europeias e o seu "refinamento", regras de etiqueta, educação ou boas maneiras nos remete sempre à visão global e histórica de povos incivilizados e bárbaros ou selvagens imagem associada aos povos originários a partir dessa visão europeia. Logo, esses modos europeus são hipócritas, pois diante do que seria ético ou moral ou ainda legal, dentro da lógica da colonialidade do saber, do poder e do ser Quijano (2005), sabendo os crimes cometidos pelos colonizadores por conta de ouro, prata e demais metais intitulados "preciosos" em comparação a vida e cultura destes povos ancestrais africanos e indígenas".

Alinhando o pensamento de Epalanga (2023) ao de Núñez, podemos refletir sobre os impactos da imposição cultural europeia no comportamento e, conseqüentemente, na visão sobre a resistência indígena, assim como a folclorização do trabalho indígena, fruto da colonialidade. Geni Núñez vai chamar de *"inversão"*: *"Então a gente vê esse tipo de inversão o tempo todo, dentro desse campo e não é que*

*nossos povos não trabalhem, só que não trabalham para acumulação, não trabalham com essa ideia de comprar o tempo”.*

A linha de estudo da língua e linguística que nos permite lançar o olhar também para a análise dos corpo-territórios-culturais, levando em consideração os aspectos sociais e linguísticos, pois só é possível compreender o sujeito dentro da co-relação com os aspectos sociais e comunitários transmitidos, como vai afirmar Ilari (2013, p. 01) “como se falassem em apenas de terceiros”, neste caso, falando da língua não como um elemento externo às culturas e identidades.

Fazendo uma relação da língua e linguagem, podemos refletir, através de Pinto (2012):

[...] as manifestações e empregos da linguagem são paradoxalmente dependentes e resistentes às usuárias e usuários. Nem centro nem periferia da linguagem, “falante” [...] é tanto ator ou atriz da prática linguística quanto participante e reprodutor/a das instabilidades do processo de vida social que coordena essa ação. (PINTO, 2012, p.76 ).

Utilizar-se do conceito de “nem periferia nem centro” traz também as diferentes formas de narrativas, ou melhor, de atores da própria língua, não separando os processos identitários / vida social do falante e das variações, especificidades da própria língua. Logo, a língua será estudada a partir das vivências e da realidade dos falantes e suas comunidades, além da sua historicidade e dos processos de culturalização.

A língua, em suas representações e registros, constrói imaginários, fatos ou e até inverdades, pois a língua se forma e/ou se organiza a partir de narrativas, não apenas no expressar palavras em si mesma, mas nas conceituações, nos significados, nas hierarquizações, por exemplo, nas histórias de territórios e nos corpos que a falam (ou são proibidos de falar) e expressam a sua cultura.

Nesse sentido, através da língua podemos refletir o quanto a escrita ou fala carrega em si estratégias de resistência<sup>56</sup>, acessos ou negações a informações e

---

<sup>56</sup> No Brasil, muitas lutas em territórios diversos protagonizadas pelos povos indígenas, africanos e afro brasileiros inspirados pelo sentimento e ideais de liberdade demonstram os caminhos históricos de resistências de povos tradicionais, através de movimentos, insurgências, construção de quilombos, preservação das aldeias que aqui já existiam... Estratégias identitárias de resistências anticoloniais! Para além de um elemento contra-hegemônico cultural se apresenta também enquanto uma estratégia de guerra no regime colonial vigente na época da colonização em território brasileiro, se configurando assim um importante elemento histórico, mapas corporais, cartografias negras que contém elementos e informações de rotas de fuga, caminhos, se configurando também uma forma de comunicação ancestral e política.

reinvenções “significa entender que a linguagem também é carregada de valores sociais, e que por isso é preciso utilizá-la de maneira crítica deixando de lado expressões racistas [...]” Ribeiro (2019, p. 39). O conceito de língua(gem) Batista (2021) não pode ser expresso a partir de uma única visão:

Além disso, é necessário entender que o conceito de língua(gem) não é unívoco e nem está restrito ao meio acadêmico, ele perpassa diferentes concepções, inclusive de outras cosmologias. De acordo com Luciano (2017), para o povo indígena da etnia Baniwa, a língua é um meio de comunicação entre os seres e com o mundo, para que o mundo cósmico permaneça em equilíbrio. “A comunicação, a linguagem e o diálogo são, portanto, essencialmente da ordem espiritual e transcendental. (BATISTA, 2021, p. 83).

Conforme Batista (2021), parafraseando bell hooks, “a linguagem tem um importante papel nas relações de poder, sobretudo nas hierarquias raciais”. Para ela, ressignificar os usos linguísticos é uma estratégia de emancipação das pessoas oprimidas.”. Logo, no processo de compreensão da língua dentro da linguística, não faz sentido nenhum existir processo de hierarquização ou divisão de extremos entre língua escrita e a língua falada, este vem sendo feito a partir de influências das relações sociais de hierarquização ou racialização de culturas consideradas mais ou menos importantes e/ou status relevância no estudo científico da linguagem, levando em consideração todos os seus aspectos: fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico.

Na linha do tempo, é importante, o processo de estudo do desenvolvimento de uma língua em um determinado território, considerar as heranças do período colonial regido por questões políticas e econômicas de dominação e exploração de padrões culturais e, dentro desse contexto, a imposição da língua portuguesa no Brasil. Desta forma, a nacionalização e formação identitária, cultural e linguística deve ser compreendida a partir da ótica não romantizada dos impactos dos contatos entre povos e línguas.

## 4.2 Epistemicídio e Linguicídio

Enquanto objeto de análise, escolhemos o vídeo realizado pelo projeto *Jóia ao Vivo*<sup>57</sup> que apresenta um trecho de uma leitura dramática do livro *Um Defeito de Cor*, da

---

<sup>57</sup> Acesso ao vídeo *Jóia ao Vivo*: <https://www.youtube.com/watch?v=cgh6fPB0lv8>

escritora Ana Maria Gonçalves<sup>58</sup>, importante obra da literatura brasileira que rememora importantes episódios da escravidão e resistência negra. Logo no início do vídeo, ela apresenta Kehinde, personagem principal do livro, também conhecida como uma das lideranças negras africanas, Luísa Mahin: *“Quando eu disse que me chamava Kehinde, o nosso dono pareceu ficar bravo e um dos empregados perguntou novamente, em iorubá, que nome tinham me dado no batismo”*.

Gonçalves segue a narrativa sobre Kehinde: *“Eu repeti que meu nome era Kehinde e não consegui entender o que diziam entre eles, enquanto o empregado procurava algum registro na lista dos que tinham chegado no dia anterior”*. Esse trecho faz referência à história do Brasil e de como o epistemicídio<sup>59</sup> (extermínio do saber, do conhecimento do outro), conceito agenciado pela autora Sueli Carneiro (2023) neste contexto aqui representado no elemento *“lista de nomes”*, foi um processo de epistemicídio que modificou o cenário de nomes e sobrenomes de origem indígena e africana no Brasil.

A *lista* representa materialmente um projeto de objetificação desses corpos que tinham sua cultura e sua fé retirados desde o momento do sequestro em massa até a chegada no território brasileiro, sendo negados, através da recusa, seus verdadeiros nomes e, conseqüentemente, da extinção da suas línguas africanas, e línguas indígenas já faladas no território.

Aqui, chegamos a um ponto entre as análises que podemos relacionar a ligação entre linguicídio<sup>60</sup>, renomeação e folclorização. Se existe um corpo silenciado, línguas exterminadas e culturas acometidas pelo genocídio, ali vai existir uma folclorização, pois o que seria a representação desses corpos, sem um nome, sem uma versão da

---

<sup>58</sup> Ana Maria Gonçalves. Ver imagens nos anexos nº 15 e nº 16. Publicitária por formação. Sua estreia no romance se dá em 2002, com a publicação de *Ao lado e à margem do que sentes por mim – “livro terno, íntimo, vivido e escrito em Itaparica”*, segundo o depoimento de Millor Fernandes. Em 2006, a autora torna-se conhecida em todo o país com o lançamento de *Um defeito de cor*, narrativa monumental de 952 páginas. Para saber mais acesse: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/443-ana-maria-goncalves>

<sup>59</sup> O epistemicídio significa a morte dos conhecimentos, episteme, saberes, conhecimento científico. O termo se relaciona aos saberes negros e indígenas, que na história tradicional e ciências são invisibilizados, silenciados e não evidenciados como relevantes ou mesmo como existentes. Epistemicídio é um termo alçado pela filósofa Sueli Carneiro.

<sup>60</sup> Extinção de um idioma de forma sistemática, organizada, por exemplo com a perseguição, violência e morte de populações, incluindo sua língua.

narrativa, sem poder transmitir saberes, sem poder afirmar sua identidade e sem poder contar sua história? Esse corpo será representado por outro/s que fazem questão de que esses nomes caíam em esquecimento, de apagar e sufocar fatos e características desse corpo-território-ser-saber, estabelecendo assim as relações de poder, marcadas por violências e trauma coletivo. Os movimentos negros e indígenas representam o oposto: lutam por uma afirmação individual, resgate linguístico, preservação ancestral cultural e identitária, individual e coletiva, que quebrem esses estereótipos, alegorias e ficções, afirmando a diversidade étnico-racial.

Seguindo com a análise da fala do vídeo de Ana Maria Gonçalves nos deparamos com o seguinte trecho: “*O que sabia iorubá disse para eu falar meu nome direito porque não havia nenhuma Kehinde, e eu não poderia ter sido batizada com esse nome africano, devia ter um outro, um nome cristão*”. O trecho do texto declamado acima reflete o quanto o fenômeno da folclorização se associa ao processo de epistemicídio, impactado pelo racismo, um desses exemplos fica explícito na reafirmação do nome da personagem que repetida vezes é demarcado no texto, um nome de origem africana dentro do histórico de nomes aceitos ou não aceitos, conhecidos ou não conhecidos, na visão hegemônica, comuns ou não comuns.

O processo de renomear era justamente dar o nome do senhor/senhora de escravos que detinha a pessoa negra ou indígena como, por exemplo, os sobrenomes: de Souza, de Lima, de Santana, de Ferreira, entre outros, que explicitam a ideia de posse, evidenciando o epistemicídio. O catolicismo histórico <sup>61</sup>traduzido na fala de Gonçalves “*nome cristão*” reflete essa imposição linguística, identitária, cultural e religiosa, e a reflexão a partir de uma ótica de racialização da língua se faz necessário, pois determina o que seria fé ou não, cultura ou não, língua ou não, humanidade ou não, ambos diretamente relacionados. Evaristo (2021) afirma:

De maneira imediata, três são os grandes períodos que, cronologicamente, marcaram a “história linguística do Brasil”: em um primeiro momento, o contato entre o português trazido de Portugal e as línguas indígenas existentes na então Terra de Santa Cruz; em um segundo momento, o contato existente entre a língua Portuguesa e as línguas de matriz africana, trazidas com os escravos que aqui aportavam; em um

---

<sup>61</sup> O catolicismo histórico, cristianismo ou igreja situa a filosofia e historicidade da Igreja Católica no processo de dominação teorias do teocentrismo (Deus no centro de tudo) para explicar a manutenção do poder. A igreja era o Estado.

terceiro momento, o contato entre as línguas trazidas pelos imigrantes e a – já consolidada – língua portuguesa. (EVARISTO, 2021, p. 7087)

A partir da citação acima podemos relacionar a história linguística do Brasil à própria história narrada pela personagem Kehinde, a partir dos nomes e suas origens, e a partir dos embates identitários, culturais e também linguísticos. E continua: *“Foi só então que me lembrei da fuga do navio antes da chegada do padre, quando eu deveria ter sido batizada, mas não quis que soubessem dessa história”*. Esse trecho acima da fala de Kehinde revela um dos medos e traumas psicológicos da escravização, pensando neste processo sócio-histórico dos contatos linguísticos através de imposições violentas ao regime, que envolvia a língua e também costumes, manifestações culturais, com perseguições, violências, embates que resultam num acultramento de diversos traços identitários até os dias de hoje e por suprimir as demais línguas africanas e indígenas no Brasil.

O conteúdo do livro, transposto para o audiovisual e transcrito aqui na pesquisa, narra o momento em que Kehinde passa a adotar um nome cristão: *“A Tanisha tinha me contado o nome dela, Luísa, e foi esse que adotei. Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde”*. Na narrativa, Kehinde precisa adotar então o nome de Luíza, assim como diversos brasileiros indiodescendentes, afrodescendentes, povos originários negros e indígenas que tiveram seus nomes originários roubados, assim como demais outras riquezas, o capital do nome e sobrenome de origem não branca representa a evidência e a memória da história viva através da oralidade de seus ascendentes, sendo essas informações silenciadas historicamente, com nomes que representam a negação, epistemicídio que pe esse apagamento de suas próprias histórias e significados nas línguas, a utilização desses nomes e perpetuação hereditárias dos sobrenomes étnicos que representam essa ligação ancestral.

Existiram diversos mecanismos para a proibição, no registro civil, de pessoas com nome de origem iorubá por exemplo, por representar, supostamente, segundo os termos jurídicos, o risco de “expor ao ridículo”, segundo previsto na Lei nº 6.015<sup>62</sup>,

---

<sup>62</sup> A Lei Federal Número 6.015 de 31 de Dezembro de 1973, conhecida como Lei de Registros Públicos, é uma lei federal que trata de registros públicos como o registro civil e outros.

pois, como citado na obra de Gonçalves, as pessoas negras africanas escravizadas tinham seus nomes trocados e registrados a partir do batismo europeu cristão, a fim de efetivar o apagamento de quaisquer traços culturais de africanidade (cultural e/ou religioso), o que gerou uma herança também de folclorização desses nomes e termos.

Para Nascimento (2019), “o combate às línguas já faladas pelos povos originários negros e indígenas figura como um dos primeiros atos do mito da brasilidade linguística entre nós, gerando, ao mesmo tempo, epistemicídio e linguicídio. O fenômeno do linguicídio (apagamento da língua e conseqüentemente dos nomes) e epistemicídio (apagamento da história e significados por trás dos nomes) impera no momento em que a Kehinde precisa ocultar seu verdadeiro nome, ou melhor, o movimento católico e colonizador da época que abominava nomes de origem sem ser europeia e cristão, seja nomes próprios de pessoas, ou nome que demarcam um lugar social e cultural, e ainda, os nomes que associavam à religião, por isso a afirmação do nome no âmbito do sagrado e secreto, como vai afirmar em sua leitura dramática no vídeo:

*“O nome que a minha mãe e a minha avó me deram e que era reconhecido pelos voduns, Nanã, por Xangô, por Oxum, pelos Ibejis, e, principalmente pela Taiwo. Mesmo quando eu adotei o nome Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que me apresentava ao sagrado e ao secreto”.* (Ana Maria Gonçalves, 2020, Youtube).

A língua, a partir das religiões de matrizes africanas referenciadas por Ana Maria Gonçalves, e a ligação com os nomes dos orixás e inquices, representam as línguas bantas, kimbundo, umbundo, entre outras, o iorubá, as línguas ewe-fon. A língua ficou restrita a esses espaços devido ao epistemicídio e linguicídio, muitas canções, pontos e saudações em respeito às divindades africanas naturalizadas afro brasileiras, representam essa responsabilidade cultural, histórica da religião ancestral para salvaguardar legados e memórias através dessa língua.

Esse movimento é uma resistência impactos do linguicídio e epistemicídio, além da alegorização e folclorização das religiões africanizadas, intitulada erroneamente por “culto”, porém esta palavra ressignificada e incorporada na religiosidade demonstra o respeito e a fé que traduz “cultos de matrizes africanas” e se reafirma enquanto também

status de religião responsável por difundir palavras, línguas e culturas de origem africana incorporadas dentro do vocabulário e português brasileiro.

O mesmo ocorre com as manifestações de espiritualidade indígena, pois era, e ainda é, comum, entre populações indígenas, possuírem o nome e, muitas vezes, o sobrenome associado a referência direta do território da comunidade indígena e etnia, e os brancos, dentro de uma lógica colonial, impuseram a construção imaginária de “não civilizado” e a proibição de diversas línguas indígenas no Brasil, previsto no Diretório dos índios (1755)<sup>63</sup>, parte da políticas de Marquês de Pombal, potencializando o linguicídio. O documento evidencia o processo de apagamento, o que ocorreu também a partir do linguicídio da população indígena, inclusive em referência às ritualísticas de matrizes indígenas e suas representações.

Quando negamos a existência de uma língua ou a reduzimos a um “dialeto<sup>64</sup>”, caímos num processo de invisibilização da cultura e negação da possibilidade de salvaguardada por esse sujeito linguístico, a língua é modificada ou vive a partir da sobrevivência e afirmação desses sujeitos, logo, se existe um processo de extermínio desses povos (epistemicídio, genocídio), a língua irá se perder (linguicídio), assim como todo registro de existência dessas populações, muitas vezes algo óbvio, mas que precisamos entender, as narrativas, as memórias e as versões que são contadas de determinados fatos históricos são perpetuadas e modificadas pela língua e sua transmissão e demonstram também a ideia de perpetuação e legado, logo a medida que uma língua permanece viva, a história desses sujeitos estarão nela mantida.

À medida que há uma valorização ou subjugação de culturas, bem como uma noção de humanização ou desumanização, surgem lacunas nas desigualdades, opressões e marginalização de populações e grupos sociais específicos. Neste caso, o estudo aborda o fenômeno da folclorização das línguas africanas no contexto ocidental, ou seja, sob uma perspectiva eurocêntrica, que considera essas línguas incapazes de se

---

<sup>63</sup> Referente ao Diretório dos Índios, lei redigida em 1755 por D. José I, e implementada em 1757 pelo seu ministro, o Marquês de Pombal. A lei foi oficializada para gestão de aldeamentos, vilas e aldeias por representante agente público. No documento são elencados também os direitos e deveres das populações indígenas.

<sup>64</sup> Dialeto é o modo de falar de uma determinada comunidade, não se configurando uma língua ou idioma, mas uma variedade ou variação linguística. A palavra "dialeto" é uma palavra problemática para a linguística. Ela é usada popularmente para designar uma língua de segunda classe, uma espécie de sub-língua.

constituírem como verdadeiros idiomas. Isso resulta na subjugação dessas línguas e na interpretação equivocada de classificá-las como “dialetos”, o que caracteriza uma fetichização e exotificação, ou seja, tratá-las como "sublínguas" subordinadas a outras, sempre dentro de uma lógica de supremacia cultural tida como "universal".

### 4.3 Racismo Linguístico

O racismo linguístico não se atém a termos que são racistas (como lado negro da vida, escravo-mudo), mas à própria língua em si. Por isso, não se trata de se fazer um estudo lexicográfico (do qual realmente estamos carentes) sobre esses termos, mas identificar que a língua não para de produzir racialização. (NASCIMENTO, 2021, p. 7).

O Nascimento (2021) vai afirmar que Racismo Linguístico não é apenas sobre um vocabulário, palavras ou termos específicos que conotam racismo, muitas vezes parecendo que a solução seria exterminar estas expressões (beleza exótica, mulata, traços finos, índio, programa de índio, entre outras) da nossa linguagem e “assim estaríamos livres do racismo” (o discurso errôneo que ao parar de falar sobre o racismo o racismo desaparece), mas o racismo linguístico, conforme citado acima, se atém à própria língua em si, à relação histórica desses vocábulos e às identidades raciais e étnicas de determinados grupos culturais. E continua:

O racismo linguístico ainda é um conceito pouco acadêmico porque sua investidura não é puramente linguística, mas histórica. É a história que provoca o conhecimento dos estudos linguísticos nesse caso, mas não necessariamente o contrário tem acontecido.” (NASCIMENTO, 2021, p. 6).

Sendo assim, o conceito de racismo linguístico se associa a uma linha do tempo, este que não se expressa apenas em palavras, na língua portuguesa (Nascimento, 2019, p.19) , mas é no discurso, na linguagem e nas relações estabelecidas.

Iniciamos com a análise do conteúdo através do vídeo veiculado no perfil do Instagram @almapretajornalismo<sup>65</sup> que apresenta um trecho da fala de Lélia Gonzalez,<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Acesso ao vídeo Alma Preta Jornalismo: <https://www.instagram.com/p/C-7uO7LvaAX/>

<sup>66</sup> Lélia Gonzalez. Ver imagens nos anexos nº 17 e nº 18. Foi uma intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga brasileira. Lélia ingressou na Universidade, graduando-se bacharel em História e Geografia pela atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e depois em Filosofia pela mesma instituição. Fez seu mestrado em comunicação social. No doutorado se especializou em antropologia política/social dedicando suas pesquisas em gênero e etnia. Para saber mais acesse: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9lia\\_Gonzalez](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9lia_Gonzalez)

importante ativista do movimento negro e proponente dos estudos sobre o Pretuguês<sup>67</sup> no Brasil. O material integra o acervo do Núcleo de Memória Audiovisual da UERJ.

Na entrevista, Lélia aborda a figura da “*mãe preta*”, uma alegoria constantemente associada à imagem da mulher negra e que possui muitas camadas de reflexão sobre as relações com a folclorização e racismo linguístico. Logo no início do vídeo, a autora afirma:

*Os brancos mais racistas adoram a figura da mãe preta. Porquê? Porque foi ela quem socializou as crianças brancas. E neste processo, é importante colocar... "e que contava as histórias." (entrevistador). Claro! (Lélia responde) E Lélia continua: Ao socializar, veja a mulher, em todas as culturas ela tem esse papel. Ela é a socializadora dessa criança. Ela é a que introduz a criança na ordem da cultura daquela sociedade. E a ordem da cultura é o quê? É referenciar-se com os antepassados. É claro que ela não conhecia os antepassados dos brancos, porque tinha seus próprios antepassados. (Lélia Gonzalez, 2024, Instagram).*

A figura da "mãe preta" e cuidadora das crianças brancas mencionada no vídeo, desempenha um papel central nesse processo de socialização. Esse exemplo está intimamente ligado ao racismo linguístico, pois essa socialização reflete o ensino da língua e as relações de poder que a sustentam. Gonzalez, em seu depoimento, descreve essa relação (língua e poder) nomeando como a introdução à ordem da cultura, onde se dá a nomeação do mundo ao redor. Assim, o racismo linguístico se manifesta na maneira como essas variações linguísticas e seus falantes são historicamente marginalizados e desvalorizados, neste caso aqui, mesmo a mulher preta tendo um papel importante de letramento.

A autora Lélia Gonzalez oferece uma contribuição muito significativa para a reflexão sobre os conceitos de folclorização e racismo linguístico, analisados por meio da interseccionalidade, que envolve racismo, elitismo e sexismo na formação do imaginário acerca da cultura e identidade brasileira, especialmente em torno da figura da "mãe preta". Gonzalez enfatiza que "*os brancos mais racistas adoram a figura da mãe preta*", destacando a crítica ao modo como essa figura é romantizada. Além disso, ela também questiona o mito de que a cultura brasileira foi construída apenas pelas

---

<sup>67</sup> | Pretuguês é um termo alcunhado pela pensadora Lélia Gonzalez para demarcar a importância das línguas africanas no Português Brasileiro, engloba também a questão de raça, etnia e identidade na língua.

conquistas de uma elite privilegiada, ressaltando que, ao tratar da cultura popular e identitária <sup>68</sup> de indígenas e negros, estamos falando da construção social e histórica do país.

Estamos cansados de saber que nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que fica? É a impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla se dá o nome de sexismo, racismo e elitismo. (GONZALEZ, 1983, p. 03).

De certa forma, o conceito de folclorização está profundamente relacionado à formação histórica, marcada pela invisibilização das contribuições das mulheres negras e mulheres indígenas, pessoas negras e indígenas, tanto no campo científico quanto cultural, seja na língua ou na sociedade como um todo. Esses saberes ignorados, conforme aponta Nascimento (2021), caracterizam o racismo linguístico que considera o epistemicídio e seu impacto na língua. A folclorização, ao alinhar o pensamento de ambos os autores, revela uma construção de privilégios que se manifesta também na língua e nas representações, com a supervalorização dos homens brancos e da branquitude brasileira, alicerçada pela trílice opressão: racismo, classe e sexismo.

Com base na fala do vídeo por Lélia Gonzalez, podemos relacionar o processo de socialização realizado pela mulher preta – e, aqui, eu incluiria também a mulher indígena – como responsáveis pela contextualização da língua e seus aspectos racializados no contexto da formação histórica brasileira. Isso contribui para a construção de um inconsciente cultural brasileiro relacionado às noções de ser negro e de ser indígena, evidenciado na formação do “português indígena” e do “português negro” (Conrado e Barros, 2022), ou em termos como “pretuguês” (Gonzalez, 1987). No vídeo, isso é exemplificado pela seguinte passagem:

Ela passa por um inconsciente cultural brasileiro, uma negritude que a gente nem sabe que existe, e por outro lado, é a prova mais patente disso, a meu ver, é o fato de que, no Brasil, ela africanizou o português falado no Brasil. Quer dizer, veja que nós não temos o mesmo sotaque. [...] Mas, vejam que ela africanizou esse português. Por isso, eu defendo a tese que no Brasil, nós não falamos português. Nós falamos "pretuguês". (Lélia Gonzalez, Memória Audiovisual Uerj, Instagram, 2024)

---

<sup>68</sup> Culturas Populares e Identitárias são caracterizadas por um conjunto de expressões que provêm das camadas sociais, geralmente de matrizes indígenas e africanas/afrobrasileiras percorrendo a identidade coletiva e sendo passada de geração em geração por meio de costumes, tradições orais, músicas, danças, artes, lendas, festivais, entre outras formas de expressão.

O pretuguês seria um antagonismo à narrativa do português, como a língua portuguesa purista, pois permite re-centralizar<sup>69</sup> a resistência dos povos negros, evidenciando também as lutas dos povos originários, para a reafirmação de um território brasileiro de influências africanizadas e indígenas. Essas influências do passado são heranças do português falado atualmente.

*[...] Nós, negros, brancos, [índigenas] não sei o quê, por causa, exatamente, por ter esta musicalidade, esta rítmica que o português falado no Brasil tem, que o português de Portugal não tem, foi trazido pelos falares africanos e fundamentalmente, pelo quimbundo, que é a língua falada em Angola e no sul do Zaire, também. Né? Aquela região ali dos quimbundos que eles vieram para cá em números, assim elevadíssimos, né? (Lélia Gonzalez, 2024, Instagram).*

Logo, podemos perceber, a partir desses aspectos citados, a importância também a musicalidade, típica do português falado no Brasil, esta que tem uma relação com as oralidades, os aspectos, os contextos históricos, as representações como os *domas*<sup>70</sup>, os *griots*<sup>71</sup> e as demais guardiãs/guardiões das palavras, aqui proposta por Lélia Gonzalez na figura da mulher preta socializadora que africaniza o português.

A oralidade se expressa a partir de pedagogias de transmitir e se tornar histórias coletivas. Na capoeira a ladainha<sup>72</sup>, no samba o ritmo, na dança suas múltiplas expressões e significados, na literatura uma entonação, no teatro a corporeidade e expressão. Na vida, as trocas sociais e memórias de um povo. No texto “*Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*”, Gonzalez demarca ainda a origem da palavra “bunda” “E por falar em pretuguês, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da

---

<sup>69</sup> A re-centralização ou recentralização ou exercício recentralizador se alinha à perspectiva teórica de ASANTE (2009) no sentido do conceito de agenciamento afrocêntrico: protagonismo das discussões sobre identidades e culturas africanas.

<sup>70</sup> O “Doma”, a anciã, a mestra, a sábia—ou qualquer um que desempenhe o papel sagrado de orientar, cuidar e iniciar por meio dos rituais, transmitindo os saberes ancestrais. Hampaté Bâ retoma a importância da oralidade como instrumento de transmissão cultural, destacando o papel dos tradicionalistas – guardiões da tradição através da palavra, conhecidos como doma entre os bambara, ele é considerado um orientador que irá acumular conhecimentos e ser reconhecido.

<sup>71</sup> Nomenclatura, termo de origem europeia francesa para designar os contadores de histórias, transmissores de saberes e tradições.

<sup>72</sup> Cânticos e músicas acompanhadas pelos instrumentos berimbau, pandeiro, atabaque, entre outros geralmente cantados dando o ritmo, embalo e energia para realização numa roda de capoeira, as ladainhas e corridos falam de heróis, divindades, mestres e demais aspectos da cultura afrobrasileira.

cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo)[...]”. Em outra obra, Gonzalez (1986) vai elencar a cultura dominante e cultura dominada e a diferenciação entre língua e dialeto:

É o problema do conflito entre a cultura dominante e a cultura dominada. Tudo que vem da cultura dominada é universal, racional, brilhante etc. e tal. As religiões negras e indígenas são chamadas de “cultos”. As línguas africanas não são consideradas línguas, mas sim “dialetos”; é óbvia a postura etnocêntrica, racista, que se apoia num evolucionismo linear e idiota que se entranhou no pensamento das classes dominantes brasileiras. (GONZALEZ, 1986, p. 318)

A cultura dominante seria estabelecida como a cultura universal mencionada, a mais aceitável e/ou a língua oficializada e legitimada, associada sempre a um padrão e ao topo de uma hierarquização, em comparação às línguas africanas, às línguas indígenas e/ou línguas de sociedades com heranças e (im) pactos coloniais. Importante perceber a relação entre as línguas dominantes, que exploram as línguas dominadas ou as suprimem.

No caso da *Língua Portuguesa Brasileira*, que adotou muitas palavras estrangeiras oriundas de outras culturas e que no seu ensino não evidencia essas origens, pois se evidencia no seu ensino a origem destacada apenas do latim europeu. As religiões, por exemplo, são exemplos da diversidade de fé e de teorias sobre a origem do mundo e do universo, elas que permitiram essa salvaguarda de línguas africanas por exemplo, as quais se refletem também nas suas liturgias e transmitem, através da língua, os saberes e o poder de conversão.

Buscando uma referência a partir da proposta de análise da linguagem, racismo e folclore podemos associar à figura da mãe preta relatada por Lélia Gonzalez. Uma personagem muito conhecida no imaginário da literatura infantil brasileira proposta por Monteiro Lobato é a imagem da Tia Anastácia<sup>73</sup>, folclorizada, representada como cozinheira, figura passiva em uma lógica de subserviência e de exploração na qual temos a imagem de uma mulher que é responsável pelo cuidado com as crianças. Em

---

<sup>73</sup> Tia Nastácia/ Anastácia é uma personagem do Sítio do Picapau Amarelo, obra de Monteiro Lobato. A obra do Sítio do Picapau Amarelo é composta por uma série de 23 volumes, escritos entre 1920 e 1947.

contraponto à figura da mãe preta não folclorizada, Tia Anastácia<sup>74</sup>, na obra do poeta Geovane Sobrevivente, é a representação de uma anciã, preta velha sábia contadora de histórias, guardiã de saberes culinários ancestrais e de estratégias de resistência diante das opressões estabelecidas. Relacionando com a entrevista de Lélia:

*[...] E as mulheres eram então, as amas das crianças brancas. Então, com o seu sotaque africano, porque escravo, ele tinha várias obrigações. Uma delas é entender o idioma do senhor; a outra a religião e a outra, ser obediente. Quer dizer, nessa... Debaixo dessa tríplice opressão aí, "neguinho" fazia as suas, as suas estratégias de sobrevivência, de acomodação e de resistência. E me parece que a mãe preta, nesse sentido, deu um troco extraordinário. Tudo isso que a gente, esse ritmo, esta musicalidade do português falado no Brasil, nós devemos aos africanos. (Lélia Gonzalez, 2024, Instagram).*

Ao retomar a análise do conteúdo presente no trecho final do vídeo com o depoimento de Lélia Gonzalez em alinhamento com o texto "*Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*", em um determinado momento, Gonzalez menciona no texto as figuras da *Mãe Preta*, *Mulata e Doméstica*, arquétipos presentes no imaginário brasileiro em relação aos corpos de mulheres negras. Ela destaca, em outro momento no depoimento do vídeo, que, entre as obrigações impostas às pessoas escravizadas, estavam: a assimilação da língua do colonizador, da religião e a submissão.

Nesse contexto, mencionamos o termo "folclorização racista", conforme definido por Baibich-Faria e Santana, que descrevem esse processo como "um fenômeno que ocorre dentro da folclorização, tal como definida no dicionário, mas que se esconde por trás dela".

*[...] o fenômeno da folclorização racista, cujas consequências alimentam a afirmação do preconceito ao invés de seu combate, como é o objetivo das Políticas Afirmativas, é multideterminado. Suas causas remontam à total ignorância de consciência e de atitude em relação ao negro e sua cultura, bem como à naturalização pejorativa, com ou sem intenção de fazê-lo, das características culturais e de aparência nos espaços escolares [...]* (SANTANA, 2010, p. 77)

As figuras alegóricas da mãe preta, da doméstica e da mulata, assim como as representações dos "índios", que carregam conotações pejorativas e estão associadas à "folclorização racista" (Santana, 2010) refletem a ausência de consciência e o

---

<sup>74</sup> A revolta de Tia Anastácia - um clássico do poeta Geovane Sobrevivente, com a ressignificação da personagem dando um tom de consciência racial, criada dentro do contexto do Movimento Negro e Slam de Poesia.

preconceito, além da ignorância em relação à identidade e cultura negra e indígena na sociedade. Essas representações podem ser associadas ao racismo linguístico, manifestado, por meio das chamadas metáforas racistas (Nascimento, 2022).

Compreender o racismo linguístico envolve o processo de nomeação, que Gonzalez exemplifica na sua teoria como as formas que as mulheres negras são vistas: a mulata, “endeusada e com fortes cargas de agressividade” (o perfil da assanhada/fogosa, hierssexualizada), a empregada doméstica, vista como “um burro de carga que carrega sua família e a dos outros” (a imagem da mucama, servidão), e a figura da mãe preta (representada tanto no texto quanto na entrevista em vídeo e no personagem de Monteiro Lobato), que “amamenta, dá banho, limpa o cocô, põe para dormir, acorda à noite para cuidar, ensina a falar, conta histórias e assim por diante” (a função de cuidadora, “bá”, a mãe). Todas essas figuras são estereotipadas e objetificadas, apesar de oriundas de um processo real de exploração e violências. Essas construções desempenham um papel crucial na compreensão das relações entre racismo e linguagem e folclorização.

Nesta última seção, foi descrito o processo da História das Américas e da Colonização, destacando a escravização e a forma como a história dos vencidos é retratada, além da construção de silenciamentos sobre as resistências e línguas, evidenciando a relação entre linguagem e poder. O foco principal foi discutir o fenômeno da folclorização a partir do epistemicídio e linguicídio, que resulta na negação da identidade e, conseqüentemente, da língua. O racismo linguístico é mencionado como aspecto central para entender, a partir da tríplice opressão – racismo, classe e sexismo – as figuras folclorizadas da mulher preta: mãe preta, tia Anastácia, mulata e empregada doméstica.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente chegamos às considerações finais deste trabalho. Porém o estudo, não se limita ou se finda, pois as discussões levantadas a respeito da temática folclorização alinhadas às reflexões sobre linguagem, racismo e folclore, a partir das identidades e culturas afro-brasileiras e indígenas, representam um campo muito vasto. O caminho foi dado a partir da problematização da análise do conteúdo de vídeos que nos apresentaram importantes saberes, através dos depoimentos fornecidos, suas epistemologias, assim como os seus pensadores.

Uma síntese das reflexões feitas ao longo do trabalho são questões levantadas como o que é cultura, o que é identidade, as relações com o corpo-território, arquétipos identitários, fundamentos do significado e origem do conceito folk-lore, o contexto do folclore brasileiro, raça e etnia no folclore (o folclore tem cor?), mitos, lendas e narrativas exóticas, além da correlação entre linguagem, racismo e poder, epistemicídio, linguicídio e racismo linguístico.

O conceito de folclorização encontrado durante a pesquisa, enquanto conclusões teóricas engloba aspectos tais como: 1. folclorização, estereotipificação, objetificação, exotificação; 2. folclorização, recreativa, entretenimento; 3. folclorização, apropriação, fetiche, mercadoria; 4. folclorização, a partir da ignorância, naturalização pejorativa. Entre outras relações estabelecidas como: renomeação, distorção, redução cultural, arquétipos e alegorias identitárias, violências raciais, mitos e lendificação (tornar-se lenda) de culturas populares.

As conclusões possíveis desta pesquisa quando relacionamos raça, identidade, língua e cultura são os impactos nas representações das identidades negras e indígenas e como a folclorização está diretamente ligada ao fenômeno do racismo em suas diversas formas (linguístico, estrutural, científico, cultural), gerando tipificações que resultam nos processos de folclorização, seja nas criações de alegorias seja na criação de estereótipos nestes corpos-territórios-culturais.

Devemos considerar que esta pesquisa não seria a mesma sem os vídeos, aqui elencados como elemento central da narrativa, a possibilidade de utilização das obras filmicas, nas análises do conteúdo das falas, como meio de aprendizagem e reflexão filosófica dos autores, pessoas relevantes tais como: Sonia Guajajara (cultura e identidade), Vanda Witoto (corpo-território) e Ailton Krenak (arquétipos identitários);

Bárbara Carine (fundamentos do folk-lore), Kananda Eller (folclore brasileiro) e Genilson Taquari Pataxó (Mitos, lendas e narrativas exóticas); e Geni Núñez (linguagem, racismo e poder), Ana Maria Gonçalves (epistemicídio e linguicídio) e Lélia Gonzalez (racismo linguístico).

Ao incluir na pesquisa filósofas/os, acadêmicas/os, autoridades do estado, escritoras/es, palestrantes, lideranças políticas, profissionais da área da educação, saúde, ativistas digitais, sobretudo educadoras/es para as relações étnico-raciais e demais temáticas ligadas à promoção dos direitos humanos, identidade assim como o legado, história, memória das culturas negras e indígenas, essas falas contribuíram significativamente para as conclusões e percepções a partir das teorias e relações estabelecidas.

Considerando também a temporalidade dos vídeos (produzidos entre 2019-2024), período de aumento considerável na produção audiovisual nas redes sociais, entendemos a importância do ativismo digital para se tratar sobre diversas temáticas, disseminar ideias, viralizar (espalhar-se de forma rápida) conteúdos que contribuem para o letramento racial, a produção de conhecimento mais acessível.

Os vídeos, nesses tempos contemporâneos, se tornaram não só atrativos de entretenimento, mas também poderosas ferramentas de educação e ativismo social. O que foi de extrema relevância, nos vídeos selecionados, foram os discursos, as temáticas abordadas em cada oralidade/fala, contidos nesses depoimentos: seja na reflexão de cultura e identidade, concepção do conceito de corpo-território; arquétipos indígenas e negros no imaginário popular; folclore, folclorização e exotificação dos povos negros e indígenas; assim como as relações de língua, linguagem, poder e hierarquias sociais.

Durante a pesquisa, o objetivo da proposta de investigação foi identificar, por meio das falas dos depoimentos em vídeos educativos voltados para as relações étnico-raciais, quais elementos conectam racismo, linguagem e folclore. A revisão bibliográfica se apoiou em livros, artigos, dissertações e outros materiais baseados em teorias decoloniais, estudos culturais e teorias pós-coloniais. A análise revelou o caráter interdisciplinar do fenômeno da folclorização, abrangendo aspectos identitários, das culturas e dos saberes populares, além de sua relação com a língua e o poder.

Esta pesquisa só foi possível, também, graças às experiências e trocas nos espaços de educação popular, militância e também na academia (UNIRAAM, A BOIADA MULTICOR, UNILAB, MIMB, entre outros) que vão criar essas circularidades, atravessamentos e pensamento também no âmbito científico para promover uma educação para as relações raciais a partir da língua, identidade, manifestações culturais e o processo de racialização dessas relações com a criação de alegorias, estereótipos, estigmas, com o objetivo de desconstrução desses imaginários ficcionais para a ressignificação do racismo.

Dentre os mencionados, quero destacar as histórias que sempre ouvi desde criança de autoria do meu pai, contador de histórias, militante histórico no MNU e também professor Jorge Conceição, ao qual sempre citava nas praças, bibliotecas, universidades, palestras e demais espaços de formação a importância da rec-ontação de histórias a partir da desconstrução do racismo desde a infância e a superação dos medos e traumas do racismo a partir da ressignificação de personagens ditos “folclóricos” justamente personagens afrodescendentes e indígenes, ligados geralmente a cor preta ou etnias indígenas a algo ruim, apresentados sem alegorias e máscaras, em personagens que transmitisse a sua identidade autêntica, seu território. Sendo assim, o “desfolclore” (saberes decoloniais), a cultura popular e identitária, é evidenciado nas suas obras infantis, estórias que ouvi desde criança e que fazem parte também da minha formação: “*O Boi Multicor*”, “*Saci Zumbi e Caipora*”, assim como diversas outras obras para outras idades e de temáticas essenciais para a visão integral cultura, educação, artes e promoção da saúde.

Importante sinalizar as formas como, cuidadosamente, a pesquisa se preocupou em abordar aspectos complexos de questões sociais que necessitam um aprofundamento e abordagem adequada, desta forma, não findamos o tema, mas propomos reflexões pertinentes e com embasamento teórico-metodológico para definição dos conceitos abordados nesta pesquisa. Enfatizando, ainda, que não foi possível aprofundar todos os conceitos mobilizados, estes que também são necessários para a compreensão da temática, porém, foi priorizado o agenciamento dos conceitos fundamentais para análise aqui elencados: linguagem, folclore, racismo e folclorização.

Alguns dos desafios enfrentados durante o percurso foram identificar o fenômeno da folclorização diante da distinção e múltiplos significados. Além disso,

também verificamos certa escassez de bibliografia disponível para a tratativa da temática, apresentando uma lacuna história, porém, a partir desse contexto, foi possível discutir a questão sob ótica de aspectos relevantes que fundamentam a folclorização. Outros desafios foram estruturais, diante dos contextos já conhecidos no Brasil sobre se fazer pesquisa científica, a valorização tanto do pesquisador quanto do conhecimento, com falta de investimentos e apoio necessário para a realização da pesquisa de maneira plena, principalmente quando se trata da UNILAB, uma Universidade que podemos chamar de a mais negra do Brasil, em uma 1ª turma de mestrado de maioria negra com histórias e trajetórias de potências, porém, ainda atravessadas pelo racismo em todo corpo universitário.

Para finalizar as considerações, é importante referenciar uma poesia, esta que surgiu no momento inicial de inspiração ao tema deste trabalho, ao qual demonstra o movimento de um corpo-território no processo científico-intuitivo de não folclorizar culturas negras e indígenas. Dedico a todas as mestras e mestres, anciãos e anciãs que já pisaram na terra e aos que ainda irão pisar, com saberes para a eternidade e que nunca sejam deturpados ou deformados, que sejam sempre autênticos e viscerais:

#### DES-FOLCLORIZAR

Minha cultura não é folclore  
Meu tambor não é crime  
Meu bumba meu boi me define  
Minha cultura não é moda  
Carnaval não é só mulher pelada  
O racismo não é piada  
Minha cultura não é folclore  
Meu samba é minha identidade  
[...]

Não venha me dizer quem descobriu Brasil  
Pois já sabemos quem invadiu nosso quilombos, aldeias, ribeirinhos, periferias

Roubando, violentando e aculturando  
Só quem é afro-brasileiro, africano e indígena no Brasil  
Sabe o que passamos para transmitir saberes nos manter vivo  
Longe da perseguição  
Do silenciamento  
Da Folclorização  
[...]

Deixa a gira girar  
Deixa a árvore raiz fincar  
Deixa nossas histórias a gente mesmo contar...  
Contra o  
Linguicídio  
Genocídio  
Iremos lutar  
Respeita a minha história  
Movimentos ancestrais  
Nossa cultura não é Folclore  
É memória  
Dos nossos antepassados e ancestrais

Viva as matas  
Viva os quilombos  
Viva os corpos -territorios- culturais  
Viva os mais velhos  
Aos mais novos  
[...]  
Um salve para todos irmãos e parentes  
Vamos nos aquilomb(aldeiar)  
Saudar quem veio antes  
E que nos permite lutar  
Nos tornamos sonhos dos nossos que já foram

Para honrar  
Suas vidas  
Seu suor  
Seu sangue e seu choro  
Para reescrever sua história  
Com leis, alegria , conquistas, resignificação e cultura de novo  
Educação popular que vem do povo!

Que se abram os caminhos  
Para os orixás  
Para os encantados  
Desaprisionar mentes  
Para “Desfolclorizar” nosso passado !

## REFERÊNCIAS

**Acervo Biblioteca Central do Estado da Bahia.** Disponível em:

<<http://acervo.fpc.ba.gov.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

**Acervo Meu Pergamum.** UNILAB. Disponível:

<<http://www.bibweb.unilab.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Alma Preta Jornalismo. **Entrevista Lélia Gonzalez acervo do Núcleo de Memória Audiovisual da Uerj.** Instagram, Ano: 2024.. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/C-7uQ7LvaAX/>> Acesso em: 30 set. 2024.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Laís Hilário et al. **Análise documental e sua contribuição no desenvolvimento da pesquisa científica.** Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021. Acesso em: 20 ago. 2024.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos do folclore brasileiro.** Coordenação de Telê Ancona Lopez, Estabelecimento do texto, apresentação e notas de Angela Teodoro Grillo. Global Editora, 2019

**As línguas são a base do racismo, afirma o pesquisador Gabriel Nascimento.** Brasil de Fato, 2022. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2022/05/13/as-linguas-sao-a-base-do-racismo-afirma-pesquisador>>. Acesso em: 28 set. 2024.

As origens históricas do racismo linguístico no Brasil. Revista Z Cultural, 2023.

Disponível

em: <<https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/as-origens-historicas-do-racismo-linguistico-no-brasil/>> . Acesso em: 28 set. 2024.

Bárbara Carine. Instagram. **Porque não comemoramos o Dia do Folclore.** 2024.

Disponível em:

[https://www.instagram.com/reel/Chj0Y\\_aA9cB/?igsh=cDN1ODBmMms2NHI0](https://www.instagram.com/reel/Chj0Y_aA9cB/?igsh=cDN1ODBmMms2NHI0).

**Base de Dados Links.** UNILAB. Disponível em:  
<<https://unilab.edu.br/linkssugeridos/>> Acesso em: 22 ago. 2024.

**Base de Dados Scientific Electronic Library Online.** SciELO. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BATISTA, Thaís. Elizabeth. Pereira. **Intersecções entre ideologias linguísticas e raciolinguísticas na manutenção de hierarquias raciais.** Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 82–95, 2021. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661799>. Acesso em: 2 ago. 2023.

BAXTER, Alan.; LUCCHESI, Dante.; RIBEIRO, Ilza. (Organizadores). **O português afro-brasileiro.** Salvador : EDUFBA, 2009. 576 p. il.

**Biografia Ana Maria Gonçalves.** Fonte: Letras UFMG. Disponível em:  
<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/443-ana-maria-goncalves>>. Acesso em: 30 set. 2024.

**Biografia Amadeu Amaral.** Academia Brasileira de Letras. Disponível em:  
<<https://www.academia.org.br/academicos/amadeu-amaral/biografia>>  
Acesso em: 06 de julho de 2023

**Biografia Ailton Krenak.** Fonte: Site Fronteiras. Disponível em:  
<<https://www.frenteiras.com/descubra/pensadores/exibir/ailton-krenak>>. Acesso em: 30 set. 2024.

**Biografia Bárbara Carine.** Fonte: Escavador. Disponível em:  
<<https://www.escavador.com/sobre/5581767/barbara-carine-pinheiro-da-anunciacao>>. Acesso em: 30 set. 2024.

**Biografia Geni Núñez** Fonte: Escavador. Disponível em:  
<<https://www.escavador.com/sobre/8849838/geni-daniela-nunez-longhini>>. Acesso em: 30 set. 2024.

**Biografia Genilson Taquari Pataxó.** Fonte: PET Comunidades Indígenas UFBA. Disponível em: <<https://petcindigenas.ufba.br/genilson-dos-santos-de-jesus-taquary>>. Acesso em: 30 set. 2024.

**Biografia Kananda Eller.** Fonte: Blend Inspire. Disponível em:  
<<https://www.blendinspire.com/blenders/kananda-eller-souza-da-paixao>>. Acesso em: 30 set. 2024.

**Biografia Lélia Gonzalez.** Fonte: Wikipédia. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9lia\\_Gonzalez](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9lia_Gonzalez)>. Acesso em: 30 set. 2024.

**Biografia Silvio Romero.** Academia Brasileira de Letras. Disponível em:  
<<https://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>>  
Acesso em: 06 de julho de 2023

**Biografia Vanda Witoto.** Fonte: Site oficial Vanda Witoto. Disponível em:  
<<https://vandawitoto.com.br/sobre/>>. Acesso em: 30 set. 2024.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Entrevista: Gersem José dos Santos Luciano–Gersem Baniwa. Revista História Hoje, v. 1, n. 2, p. 127-148, 2012.

BRASIL. 2007. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.** Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 6.015/1973 **Lei de Registros Públicos.** Acesso em: 08/05/2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm).

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Seção 1, p. 1. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2008/L11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2008/L11645.htm).

BRUIT, Héctor Hernán. **O visível e o invisível na conquista hispânica da América. América em tempo de conquista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 77-101, 1992.

CASCUDO, Luís Câmara da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Ediouro, s/d.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

**Cartilha: O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro.** UFMA, 2022. Disponível em:  
<<https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/curso-de-ciencias-humanas-2013-sociologia-do-centro-de-ciencias-de-sao-bernardo-lanca-cartilha-sobre-o-racismo/cartilha-o-racismo-presente-nas-palavras-e-expressoes-no-portugues-brasileiro-12.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2024.

CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas. **Folclorização em Portugal: uma perspetiva**. 2003.

CERNICCHIARO, Ana Carolina. **Resistir na língua: a literatura indígena contra o silenciamento monolíngue**. Alea: Estudos Neolatinos, v. 24, n. 1, p. 203-218, 2022.

COELHO, Lidiane. Pereira.; MESQUITA, Diana. Pereira. Coelho de. **Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes**. Entreletras, Araguaína-TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 –online)

CONCEIÇÃO, Jorge de Souza. **Ressignificando a autoestima de trabalhadores afrodescendentes - Negritude: do espelho quebrado à identidade autêntica**. Salvador: Vento Leste, 2012.

**Conheça algumas expressões racistas e por que moldar o vocabulário é uma forma de combater o preconceito racial**. Secretaria da Cidadania e Justiça Governo do Tocantins.

Disponível em:

<<https://www.to.gov.br/cidadaniaejustica/noticias/conheca-algumas-expressoes-racistas-e-por-que-moldar-o-vocabulario-e-uma-forma-de-combater-o-preconceito-racial/43yj0wrg7pzv>> . Acesso em: 28 set. 2024.

CONRADO, Mônica. Prates. ; BARROS, Thiane de Nazaré. Monteiro Neves. **Categoria afro-indígena na Amazônia paraense: usos, confluências e ambivalências em debate acadêmico**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 28, n.63, p. 227-246, 2022.

CNF. **Carta do Folclore Brasileiro**. Anais VIII Congresso Brasileiro de Folclore, Salvador, 1995. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/CartadoFolcloreBrasileiro1995.pdf>.

DA COSTA GARCIA, Tânia. **A folclorização do popular: uma operação de resistência à mundialização da cultura, no Brasil dos anos 50**. Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte, v. 12, n. 20, p. 7-22, 2010.

DA MATTA Roberto. **Você tem cultura?** In: Da Matta R, organizador. Ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro (RJ): Rocco; 1986. p.121-8.

DA SILVA, Edna Lucia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC, Florianópolis, 4a. edição, v. 123, n. 4, p. 138, 2005.

Deusa Cientista: Kananda Eller. **Dia do Folclore**. Instagram, data da publicação: 22 ago 2022. Acesso em: 30 set. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle**. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 219-226. Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/13P7tpEFCIY8VeycAncANKcLISJyBaQKQ/view>  
>. Acesso em: 31 mar. 2022.

DIAS DA COSTA, Antonio Maurício. **Os bumbás da Amazônia: literatura, etnografia e folclorização dos cordões de boi nas versões de intelectuais modernistas (1927-1943)**. Topoi: Revista de História, v. 23, n. 49, 2022.

**Discurso de posse da Ministra Sonia Guajajara**. 2023. Disponível em:  
<[https://apiboficial.org/files/2023/01/Discurso\\_Posse-Sonia-Guajajara-Documents-Google.pdf](https://apiboficial.org/files/2023/01/Discurso_Posse-Sonia-Guajajara-Documents-Google.pdf)> . Acesso em: 07/06/2024.

**Domingo na Praça celebra mês da Consciência Negra**. Portal de Notícias do Estado da Bahia. Disponível em:  
<<https://www.comunicacao.ba.gov.br/2009/11/noticias/governo/domingo-na-praca-celebra-mes-da-consciencia-negra/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ELTERMANN, A. C. F. **A relação entre as concepções de língua e de raça no final do século XIX no Brasil**. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 17, n. 2, 2019. DOI: 10.25189/rabralin.v17i2.516. Disponível em:  
<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/516>. Acesso em: 28 set. 2024.

EPALANGA, K. **Minha pátria é a língua pretuguesa: crônicas**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2023.

EVARISTO, Jefferson. **Linguicídio africano no Brasil**. Fórum Linguístico, v. 18, n. 4, p. 7086-7097, 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. R. Silveira. Salvador: Ed.UFBA, 2008.

**Folclore**. Michaelis On-line. UOL. Disponível em:  
<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/folclore>>. Acesso em: 22 ago. 2024

GERBASE, J. **A hipótese de Lacan**. In: A peste: Revista de Psicanálise e Sociedade – LATESFIP/USP, São Paulo, v.1, n.1, p-101-110. 2009.

GRE Orla. **Diferenças entre o indígena real e o “índio” do imaginário popular (folclore)**. Instagram. 5 abr 2023. Disponível em:  
<<https://www.instagram.com/p/CqqqYpXp5kk>> . Acesso em: 30 set. 2024.

GONÇALVES, Ana Maria. Canal Jóia Ao Vivo - Youtube. **Ana Maria Gonçalves - Um defeito de cor**. 02 de dezembro de 2019.. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cgh6fPB0lv8>> Acesso em: 22/11/2022

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais**. GEOgraphia, 22 (48), 75-90. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa In: Educação & Realidade, v. 22, n.2, jul./dez., 1997.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A cor do amor: características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras**. São Carlos: EDUFSCAR, 2018.

ILARI, Rodolfo. **Reflexões sobre a língua e identidade**. In: BORBA, Lilian do Rocio; LEITE, Cândida Mara Brito (Org.). Diálogos entre língua, cultura e sociedade. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013. p. 17-50.

JARDIM, Anna Carolina Salgado; PEREIRA, Viviane Santos. **Metodologia qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo?** Apresentação oral – Ciência, Pesquisa e Transferência de Tecnologia. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 47., 2009, Porto Alegre. Anais [...]. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. Disponível em: <[https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS\\_DA\\_PLANTACAO\\_-\\_EPISODIOS\\_DE\\_RAC\\_1\\_GRADA.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf)> . Acesso em: 30 jun. 2022.

KRENAK, Ailton. **Entrevista com Ailton Krenak Reações para o Depois**. 2019. Disponível em: <[http://entre-entre.com/Content/entrevistas/pdf/1\\_AILTON-KRENAK\\_8-Rea%C3%A7%C3%B5es-para-o-Depois-20201105212233.pdf](http://entre-entre.com/Content/entrevistas/pdf/1_AILTON-KRENAK_8-Rea%C3%A7%C3%B5es-para-o-Depois-20201105212233.pdf)>. Acesso em: 15/08/2021

KRENAK, Ailton. Entrevista com Ailton Krenak Guerras do Brasil. Youtube. Ano: 2021. Brasil. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=1C7eQB16\\_pk](https://www.youtube.com/watch?v=1C7eQB16_pk)> Acesso em: 18 jul 2024.

LEITE, Ilka Boaventura. **Quilombos e Quilombolas: Cidadania ou Folclorização**. Horizontes Antropológicos,5(10):123-149. 1999.

LÉLIA GONZALEZ. **Lélia Gonzalez: Entrevista concedida a Mara Teresa e**

**Jaguar, publicada em O Pasquim.** Rio de Janeiro, ano 17, n. 871, pp. 8-10, 20-26 mar. 1986.

LENHARTH, Eliete dos Reis; TAGLIAPIETRA, Rafaela Dutra. Metodologia da Pesquisa. 2023. Acesso em: 4 set. 2024.

**Linguicídio aplicado no país desconhece o “pretoguês”.** Instituto Humanas Unisinos, 2022. Disponível em:

<<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/623732-linguicidio-aplicado-no-pais-desconhece-o-pretogues>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MACIEL, Maria Esther. Leia a saudação de Maria Esther Maciel a Ailton Krenak. **O xamã das letras.** Estado de Minas, 2023. Disponível em:

<[https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/03/10/interna\\_pensar,1466938/leia-a-saudacao-de-maria-esther-maciel-a-ailton-krenak-o-xama-das-letras.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/03/10/interna_pensar,1466938/leia-a-saudacao-de-maria-esther-maciel-a-ailton-krenak-o-xama-das-letras.shtml)>. Acesso em: 25/07/2023

MARCONI, E. LAKATOS. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª edição editora atlas, 2007 São Paulo. PPC-Matriz Nova. Curso de Educação Física da FUG, 2011.

**Mini Currículo Sonia Guajajara.** Fonte: Ministério dos Povos Indígenas Gov.Br.

Disponível em:<https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/composicao/ministra>. Acesso em: 11 set. 2024.

MIRANDA, E. O. **Corpo-território & educação decolonial: proposições**

**afro-brasileiras na invenção da docência.** Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <http://proex.uefs.br/arquivos/File/EBOOKcorpoterritorioeducacaodecolonialrepositorio.pdf>. Acesso em: 4 de set. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. Daniel Munduruku: índio é invenção total, folclore puro. 27 de dez. 2014. Entrevistadora: Tatiana Mendonça. [Online]. Disponível em: 125

<<https://www.geledes.org.br/daniel-munduruku-indio-e-invencao-total-folclore-puro/>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância**

**pan-africanista.** 2. ed. Brasília. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002, p. 269-274. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/11-textos-dos-autores/1444-abdias-nascimento-quilombismo-um-conceito-cientifico-historico-social>>. Acesso em: 25/07/2023

\_\_\_\_\_, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo.** Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p. ISBN 978- 85-9530-300-3

\_\_\_\_\_. **Apropriação cultural, folclorização cultural e**

**oportunismo.** Site União da Juventude Socialista - UJS, 2013. Disponível em:

<<https://ujs.org.br/blog/noticias/apropriacao-cultural-folclorizacao-cultural-e-oportunismo-por-gabriel-nascimento/>> Acesso em: 04 de julho de 2023.

\_\_\_\_\_. Racismo linguístico é sobre palavras? Um prefácio. *Lingu@Nostr@*, v. 9, n. 1, p. 3-15, 2021.

O lugar. **Um trequinho da fala "O instante da alegria", de Geni Núñez, no SIM 2024**. Instagram, ano: 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3qwcUvOuNK/>.. Acesso em: 30 set. 2024.

**Pensando perspectivas decoloniais sobre o folclore brasileiro**. Nonada Jornalismo, 2021. Disponível em: <<https://www.nonada.com.br/2021/02/folclore-brasileiro-decolonial/>> Acesso em: 21 de junho de 2023.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática - versão revista e ampliada. In: Fernanda Mussalim; Anna Christina Bentes. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, volume 2. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2012, v. 2, p. 55-79.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. *Revista de saúde pública*, v. 29, p. 318-325, 1995.

**Plataforma Sucupira**. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/observatorio/teses-e-dissertacoes>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

POTIGUARA, Eliane. **Questão Indígena Brasileira: Visto Minha Própria Pele sem Medo**. Editora de Cultura. 2024.

**Problematizando o conceito de “língua”**. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/scos/cap21486/11.html>>. Acesso em: 28 set. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

**Repositório Institucional**. UNILAB. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/>> Acesso em: 22 ago. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Marcela Franzen. **Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues: Uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX**.

Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2015. Disponível em:  
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/19431/14023>>  
Acesso em: 06 de julho de 2023.

Saci, Jaxy, Djatchy: quem é ele, afinal?. Site Lunetas. Publicado em: 25 out. 2023.  
Disponível em: <<https://lunetas.com.br/saci-jaxy-djatchy-quem-e-ele-afinal/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SANTANA, Jair. **A lei 10.639/03 e o ensino de artes nas séries iniciais: políticas afirmativas e folclorização racista**. Diss. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Milton. **Da cultura à Indústria Cultural**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19 mar. 2000, Caderno Mais. Disponível em: <  
[http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2016/08/Da-cultura-%C3%A0-industria-cultural\\_Milton-Santos.pdf](http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2016/08/Da-cultura-%C3%A0-industria-cultural_Milton-Santos.pdf)> . Acesso em: 30 jun. 2022.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A.; SILVEIRA, Maria L., Território: Globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993.

SERAINE, Florival. **Para o estudo do processo de folclorização**. Revista do Instituto do Ceará, v. 91, p. 48-56, 1979.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tadeu da. Tomaz. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2007, 73-102.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistencia culturas e identidades no movimento hip hop**. 2009. Tese de Doutorado. [sn].

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. **A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos**. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.64-83. 2021. Disponível em:  
<https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/download/2336/1441>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SOUZA, Ellen; NOGUEIRA, Sidnei; TEBET, Gabriela. **Giro epistemológico para uma educação antirracista**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. 2021.

THOMS, Wiliam John. **Carta de Williams John Thoms**. Revista Athenaeum, Real Estate Cultural Centre Barbican London, 1846. Disponível em: <[https://www.folkloretradiciones.com.ar/c\\_rafael\\_tl/carta%20williams%20jhon%20%20thoms.pdf](https://www.folkloretradiciones.com.ar/c_rafael_tl/carta%20williams%20jhon%20%20thoms.pdf)> Acesso em: 24 de junho 2023.

TOLENTINO, Luana. **Por um feminismo plural: o ativismo de Lélia Gonzalez no jornal Mulherio**. Portal Geledés, 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-um-feminismo-plural-o-ativismo-de-lelia-gonzalez-no-jornal-mulherio/>> Acesso em: 16 de junho de 2023.

**Uma Intelectual Diferentona**. Porque não comemoramos o dia do Folclore Instagram, data da publicação: 22 ago. 2022. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/Chj0Y\\_aA9cB/?igsh=cDN1ODBmMms2NHI0](https://www.instagram.com/reel/Chj0Y_aA9cB/?igsh=cDN1ODBmMms2NHI0)>. Acesso em: 30 set 2024

UOL. **Sonia Guajajara toma posse como ministra: 'Nunca mais um Brasil sem nós'; veja discurso completo**. YouTube, data da publicação: 11 de jan. de 2023. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=IV\\_fa\\_1M\\_g8](https://www.youtube.com/watch?v=IV_fa_1M_g8)> Acesso em: 04 set 2024.

URTADO, Mendonça. **Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão, Diretório dos Índios (1755)** Disponível em: Acesso em: 02/07/2023.

VAZ, Livia Sant'anna; RAMOS, Chiara. A justiça é uma mulher negra. Casa do Direito, 2021.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo, SP: Pólen, 2019.

WITOTO, Vanda. **Dia da Amazônia**. Rede Brasil Sustentável. Instagram. Ano: 2023. Disponível em <[https://www.instagram.com/reel/Cw0sOq8v5d\\_/](https://www.instagram.com/reel/Cw0sOq8v5d_/)> Acesso em: 18 jul 2024.

WOODWARD. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YANOMANI, David Kopenawa. **Descobrimos os brancos**. In: NOVAES, Adauto (org). A outra margem do Ocidente. . São Paulo: Minc-Funarte/Companhia das Letras, 1999, p. 15-21.

ZANELLA, L. H. **Metodologia de pesquisa Florianópolis**. 2011. Acesso em: 4 set. 2024.

# **ANEXOS**



01 - Registro fotográfico Discurso de posse Sonia Guajajara. Fonte: UOL Notícias

YouTube BR Pesquisar

ao vivo

YouTube/Lula/11.jan.23

**TRANSMISSÃO DE CARGO**

GOVERNO AGORA *Sônia Guajajara assume Ministério dos Povos Indígenas*

Sônia Guajajara toma posse como ministra: 'Nunca mais um Brasil sem nós'; veja discurso completo

UOL 4,34 mil de inscritos Inscrever-se

1,8 mil

Compartilhar

37 mil visualizações há 1 ano

Acompanhe ao vivo a posse de Sonia Guajajara como ministra dos Povos Indígenas e Anielle Franco como ministra da Igualdade Racial na tarde desta quarta-feira (11), em Brasília.

02 - Captura de tela vídeo transmissão Discurso de posse Sonia Guajajara. Fonte: Youtube



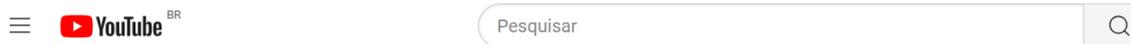
**03 - Frame de Vídeo Entrevista Vanda Witoto - Dia da Amazônia**  
Fonte: Site Imediato



**04 - Captura de tela vídeo Entrevista Vanda Witoto - Dia da Amazônia**  
Fonte: Instagram



**05 - Frame de Vídeo Documentário Guerras do Brasil - Ailton Krenak**  
Fonte: Canal Curta



**GUERRAS DO BRASIL.DOC - Ep. 1: As guerras da conquista**



MPA Brasil  
4,64 mil inscritos

[Inscrever-se](#)

3,9 mil



Compartilhar

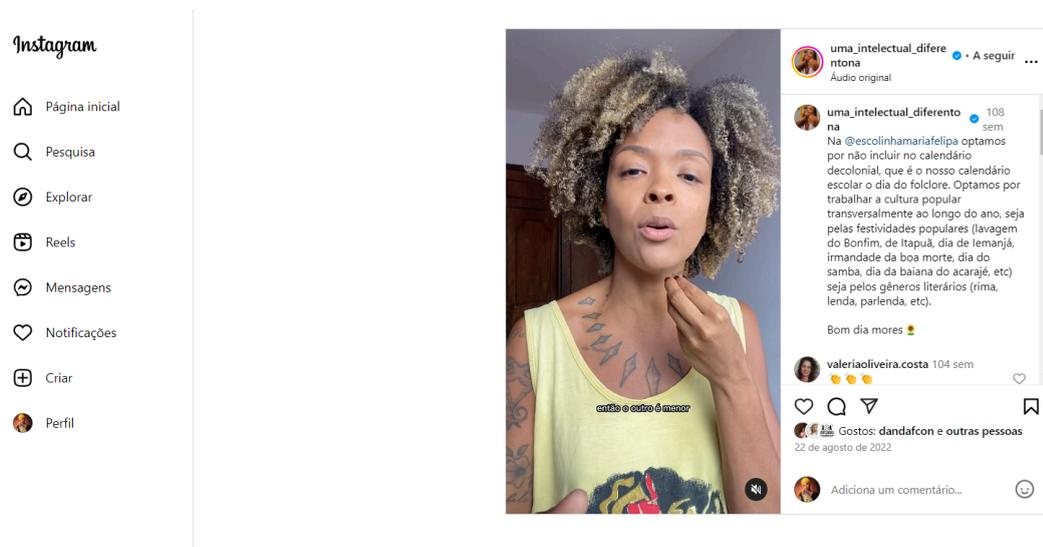


128 mil visualizações Transmitido há 3 anos

**06- Captura de tela vídeo Série Documental Guerras do Brasil - Ailton Krenak**  
Fonte: Youtube



**07 - Registro fotográfico Bárbara Carine**  
Fonte: Instituto Claro



**08 - Captura de tela vídeo Porque não comemoramos o Dia do Folclore - Bárbara Carine.**  
Fonte: Instagram



**09 - Registro fotográfico Kananda Eller**  
**Fonte: Folha UOL**

Instagram

- 🏠 Página inicial
- 🔍 Pesquisa
- 🌐 Explorar
- 📺 Reels
- ✉ Mensagens
- 📄 Notificações
- ➕ Criar
- 👤 Perfil



**10 - Captura de tela vídeo Dia do Folclore - Kananda Eller.**  
**Fonte: Instagram**



11 - Registro fotográfico Genilson Taquari Pataxó  
Fonte: Globoplay

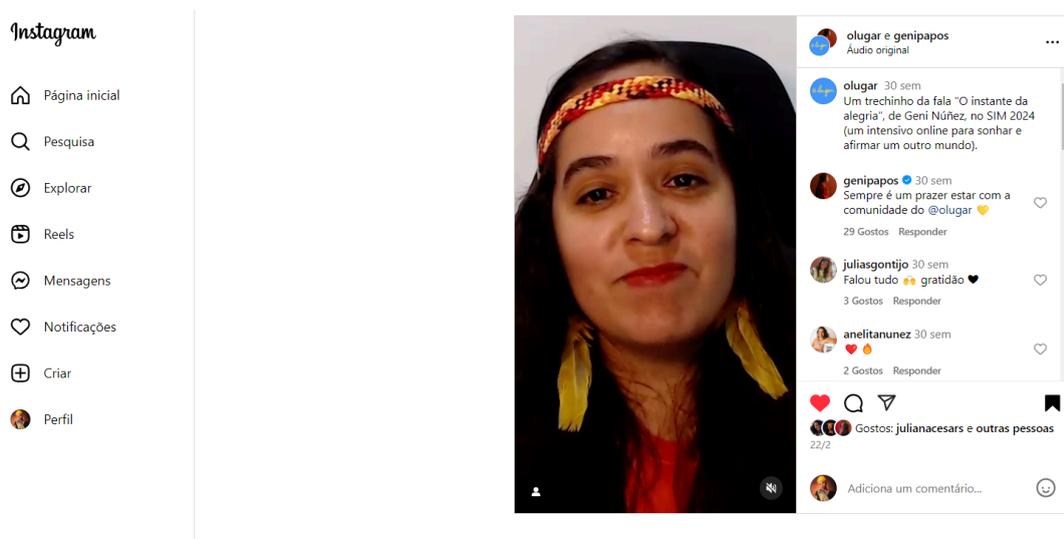
- Instagram
- 🏠 Página inicial
  - 🔍 Pesquisa
  - 📷 Explorar
  - 🎞 Reels
  - 💬 Mensagens
  - ♥️ Notificações
  - ⊕ Criar
  - 👤 Perfil



12 - Captura de tela vídeo Palestra Genilson Taquari Pataxó.  
Fonte: Instagram



**13- Registro fotográfico Geni Núñez.**  
**Fonte: Folha UOL**



**14 - Captura de tela vídeo O Instante da Alegria SIM 2024 - Geni Núñez.**  
**Fonte: Instagram**



**15- Registro fotográfico Ana Maria Gonçalves**  
**Fonte: Revista CULT - UOL**

☰ YouTube<sup>BR</sup>  C

ANA MARIA GONÇALVES

**Ana Maria Gonçalves - Um defeito de cor**

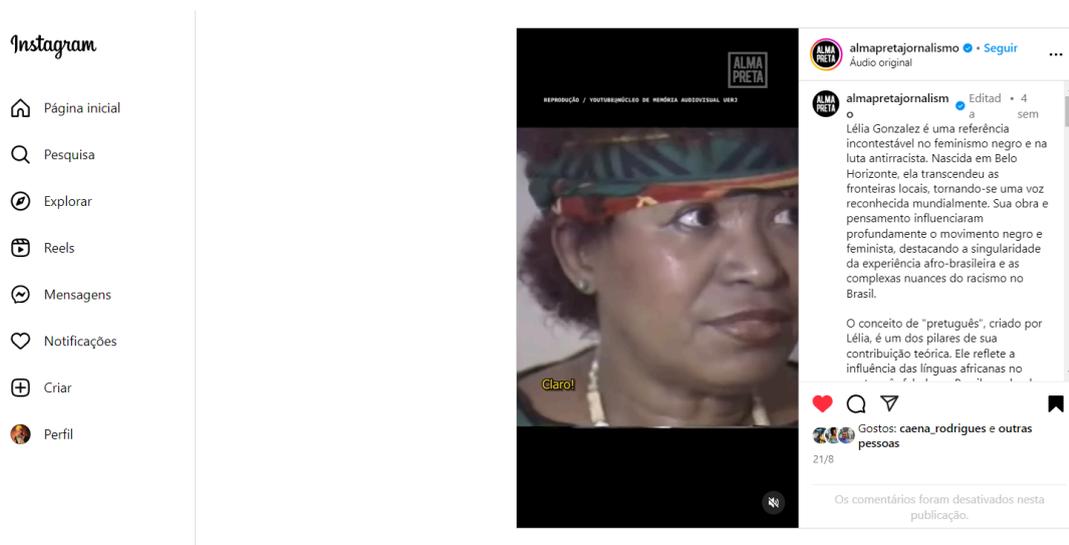
**Marcio Debellian**  
8,78 mil inscritos [Inscrever-se](#)

351 [Compartilhar](#) [Download](#)

**16 - Captura de tela vídeo Um Defeito de Cor - Ana Maria Gonçalves.**  
**Fonte: Youtube**



17- Registro fotográfico Lélia Gonzalez  
Fonte: UOL



18- Captura de tela Entrevista Lélia Gonzalez acervo Audiovisual da Uerj - Alma Preta Jornalismo  
Fonte: Instagram